

TRANSE

NOTA PRÉVIA

Escolhi uma canção de Don Henley, *The End of Innocence*, para recomeçar a escrever. Tenho quatro cigarros comigo. A mente está um pouco confusa, sinto a obrigação moral e académica de escrever filosofia, mas não me apercebo de apoio para tal, nem tão pouco tenho escrito no diário. Parece que estou fazendo sempre um exercício psico-juridico de defesa de mim próprio. Não queria isto. Queria que os personagens aparecessem naturalmente.

1

Busquei na minha memória personagens e situações mais ou menos filosóficas, literárias ou não, mas não encontrei. Estava decerto perdido na floresta densa dos meus pensamentos, enquanto o mundo corria lá fora, indiferente ou não. Poderia algum dia vir a recuperar tal memória de mim mesmo um dia permitindo-me escrever esta obra que idealizara nos dias pós-manhã do alvorecer? Avançara decerto bastante no domínio da metafísica e tinha pago um preço alto: solidão, esquecimento social, dor, angústia do existir. Sabia que o caminho seria avançar, andar entretido comigo mesmo e com os outros decerto, numa dança eterna que poderia ser não o princípio da dúvida e da incerteza, mas o princípio da felicidade. Assumia-me então como um optimista convicto. Depois, sempre a pressão para fazer alguma coisa, de certo modo não conseguir estar em sintonia com qualquer coisa que ia para além do mundo, qualquer coisa que ao mesmo tempo me transcendesse e estivesse dentro de mim. Mas estava longe de estar esgotado. Se tivesse apoio institucional, facilmente entraria no mundo da filosofia e sabia, de uma maneira ou de outra, que era uma das respostas para as ânsias do mundo de hoje, talvez a mais cabal e acabada, por deixar tudo em aberto. Mas o incómodo persistia, dentro e fora de casa. Dormia mal, bebia por vezes para atenuar o sofrimento psíquico de não ter com quem falar e as personagens não surgiam, mesmo no meio da selva urbana. Teria perdido a faculdade da imaginação? Encontrava, assim, finalmente na minha vida, alguma liberdade para fazer o que mais podia fazer, sem risco de banalidade, sem risco de erudição exagerada. Sabia que estava destinado, de ora em diante, a buscar a felicidade em cada momento, em todas as coisas. Deixaria, por isso, de ser um humanista, entre vícios privados e virtudes públicas, ou o contrário, e adoptaria outra perspectiva, apoiada no meu passado criativo. Entre palavras e imagens, o meu espírito sobrevivia, provando ser mais preparado que os demais em muitos sentidos. Enquanto muitos odiavam a

humanidade em geral e cuidavam apenas do seu interesse, eu fizera o circuito inverso. Era tempo de fundir as coisas e tirar algum proveito da vida. O caminho estava aberto. Bastava caminhar. Em certo sentido, a filosofia é uma religião, já que toma por sagrados os textos dos filósofos. Ao contrário, a antropologia dedica-se exclusivamente ao profano. É por isso, mais pobre de espírito? Por momentos, deixei de estar interessado, até na banalidade, deixei fluir as coisas, os espíritos, como se os outros não existissem, liberdade na responsabilidade, deixei de exigir aos outros o que não tinham para dar nem que eu lhes pedisse. Tudo correria assim melhor. No estertor da minha interioridade haveria de descobrir uma fórmula secreta do relacionamento com os outros, um amor, a felicidade que eu tanto procurava. O que, nestes dias, para mim, parecia ou era uma coisa, um pensamento, uma percepção, para outros era outra. Estava envolto em qualquer coisa de demoníaco e irreversível que não me estava trazendo proveito económico direto algum, mas continuava, como muitos, tentando a minha sorte, entre filosofias e antropologias, com algumas sociologias, enquanto a maioria de todos queria provar uns aos outros com exactidão qualquer coisa que eu não sabia bem o que era, que era capaz de ganhar dinheiro, de ostentar, fosse mulheres, fosse saber, fosse o que fosse, fosse segurança ou força física, fosse o que fosse, eu simplesmente não percebia, ou estava farto de perceber, pois dava por mim arranjando a todo o momento explicações para todos os acontecimentos que se deparavam ante os meus olhos, quer do comportamento das pessoas na cidade, que do trânsito dos transportes, quer da qualidade acicatada do café ou do tom desigual da risada dos jovens fora do recreio. Fazia então o papel de psicólogo desalentado e ajuizador da qualidade dos dias que cumpria aos poucos e falava com poucas pessoas profundamente naqueles dias e superficialmente com muitas, andando a maior parte do tempo na rua, tentando levar a cabo o meu projecto profissional com o devido entusiasmo e, embora estivesse decerto bastante cansado daquele lugar-cidade que habitava procurava tentar ser imaginativo a partir de um lugar só-que- fosse, lembrando que de diversas coisas, ainda que correndo o risco de ser repetitivo, sabendo que não podia inventar tudo em minha vida e não muitas

peças o fizeram em diversas profissões e artes atempadamente. As palavras arrastavam-se na minha mente, por um lado sentia-me entusiasmado com a vida em geral, mas quando chegava a casa punha-me a fumar desalmadamente, não conseguia parar as ideias e ainda bem, a cidade era para mim frenética e eu estava eletrizado por ela ainda que quase velho e desusado, havia tantos personagens, mas eu estava condenado a não perseguir ninguém, necessitava de amplexo, em certo sentido percebi que isso me poderia tornar mais humano, complacente, compreensivo, bondoso, mas continuava a lutar, a espernear, comigo mesmo e com os outros, procurando encontrar na manifestação do meu rancor uma forma de conseguir qualquer coisa que ficara para sempre ancorada bem fundo no mar do passado. Com as mulheres, era complicado, eu sentia-me desajustado, a mais numa cidade onde estava há bastante tempo e onde era marcado e donde me tentava mover, ainda que muitos vissem nisso alguma forma de vitimização, a questão é também que eu não embarcava em escola nenhuma mas abarcava-as de certa maneira a todas, era de certo modo inclassificável e procurava a todo o momento surpreender e ser surpreendido numa cidade que mudava comigo mesmo. No meio de tanto azar, tinha também sorte por não me cair o raio em cima da cama onde dormia neste mundo, mais que complicado, complexo e entendível. Terei de procurar cada vez mais o diálogo, a interjeição, a descoberta, o entabulamento, ainda que errando recuperar, evitar ser fanático, como nunca fora, procurando situar-me no meio-termo da razão comunicativa e discursiva da procura entendível do sentido do acontecimento e do Nada.

2

Estava fora de qualquer tela ou palco, ecrã, era eu mesmo em tudo o que isso implicava de risco, felicidade, espera e descoberta. Também surpresa, ansiedade, perda e desalento. A cidade morria em mim mesmo, os desgostos ampliava-se e modificavam-se a olhos vistos, uma dor martelava no meu olho esquerdo e a fonte correspondente doía-me dias seguidos: estava cegando desse olho, tal como acontecera ao meu primo Max, há vários anos. Os meus músculos estavam retesados de tanto oferecer o corpo à rua, ao passeio, à música do vento entre os corpos verticais, tal figuras de Giacometti nas errâncias multidisciplinares absolutamente compreensíveis porque do senso-comum, não enclausuradas em paredes académicas e manientas racionalmente em caixas de código logico-bancários onde acabam por morrer como a fome. O meu dia-a-dia era aqui, de um lado para o outro, no meu espaço patrimonial de um lado para o outro, o meu campo de um lado para o outro, permitido pelos outros, por mim mesmo e pela mulher que esperava. Sabia que era bom. Mas que nunca podia ser famoso por isso. Por isso crescia por dentro e vivia. Vibrava. Vivia. Não me importavam outros, nem o meu desalento, o meu falhanço, por nele mesmo, através dele mesmo, com a espada do meu sangue e do meu halo eu vencia, através, por isso, talvez por causa disso mesmo. Por vezes insistia, outras não, umas vezes persistia, outra caía e baixava a cabeça danado com Deus e os outros, sabendo que os outros eram Deus e que Deus podia ser Eu mesmo por vezes (ainda bem). Era delicado. Complicado. Mas quando chegava a casa, surpreendentemente violado pela potência da vida, o Sol brilhava no meu corpo desapossado, inerte e desconjuntado, que se desarticulada e desmontava como o de um cyborgue que precisa de reparar uma ou outra peça metálica para remontar em vista a uma missão seguinte. Qualquer um, no meu lugar, com a minha experiência de desalento e frustração, deixava nesta cidade uma bomba e fugia daqui pra fora. Muitos pensam como eu. Alguns têm experiência pior. Mas eu relativizo: nem todos me fizeram mal. Permaneço, pois aprendi a identificar quem me fez mal. Sou uma espécie de Edmond Dantès, Conde Monte Cristo...

Estava eu ali, ao Sol, desarmado, contendo meu cérebro, minha memória, todos os elementos de uma estória da cidade onde vivia, a minha visão particular de arrasto ao longo de décadas e quanto mais ignorado e vilipendiado era em meu passar mais genialmente aceitava a ideia de oferecer a alguém uma obra monumental sobre os dias de quem passa, de quem se passa e se cruza, troca e se troca, afinal fazendo o que sempre fiz, etnoficção, uma prosa que é não somente popular, popularucha, não se atém somente ao linguajar do senso-comum, como se lança nos domínios da filosofia, sob o pretexto de prosa filosófica, pretendendo unir antropologia e filosofia sob o manto da literatura. Habitava um espaço que em breve abandonaria, mas que dali a dez anos estaria belo como nunca. Ir-me-ia embora? O amor aparecera sem rosto como uma faísca, um raio, desaparecera durante dias, subsumindo-se a um pastel de nata, mas reaparecer por um esforço ingente na cidade, precisamente, pelo acalentamento de um filo de esperança e luz onde tudo é escuro, o fundo da minha alma retesada. Ok, deixei o vício da inventada tese de posdoc e decidi continuar esse trabalho logo que entregasse a outra tese, a de doutoramento, essa sim completa. Os meus dias eram de solidão. Havia-me zangado com a minha mãe, a pretexto de um quadro por ela pintado. Também estava de lado com a minha irmã, mas ainda trocava algumas palavras com ela. O meu irmão não ligava e quando eu lhe ligava, o que quase sempre acontecia, não queria falar. Que podia fazer, sozinho, se ninguém se importava? Estava toda a gente alheada? O que se passaria realmente? A realidade, social ou outra, estava desagregada a meus olhos, turba, esboçada, quase boçal e ainda bem, porque assim eu progredia nela, de uma maneira ou de outra. Eu continuava a fazer um certo processamento lógico da realidade, um esforço de entendimento, quando ela, na cabeça de muito, era meramente disposicional, instintual, sem ou com consequências, não importa.

Cheguei de novo à cidade, mais uma vez Lisboa, mais sereno da vida familiar, com ares de valentia para enfrentar qualquer uma tarefa profissional que me desse sustento e, logo, em termos estruturalistas, mulher e filhos. Em vão, a minha mente não descansava, mas uma espécie de serenidade se difundia no meu espírito, como

se soubesse exactamente o que tinha a fazer e não tivesse pressa alguma. Mais uma vez, deixou de importar a vida dos outros para importar de novo a minha, andava assim entretido com a minha vida e assim vivia. Sabia, ou não, que era feliz, fazendo essas coisas, mudando de cada, estando e vivendo sem mulher alguma, percebendo talvez os mecanismos que me levavam ao abandono solitário e de certeza concluindo que, se tinha alguma reputação que impedia que se gerasse algum conhecimento, a culpa de não ter ninguém não era de todo minha, pois na maior parte das vezes quem abria caminho, de peito aberto, era eu mesmo, correndo riscos que nem os locais, é assim mesmo, os locais, estariam dispostos a correr. Os meus dias entrecortavam-se de olhares fugazes, aproximações, distrações e frustrações que acabavam comigo em casa, andando de um lado para o outro. Não tinha sustento económico para me abalançar numa obra de grande dimensão, mas continuava a porvir no dia-a-dia, como se nada fosse, ou mesmo contando com o que fosse e indo além disso, umas vezes anulando-o, outras contando com ele. Andava especialmente obcecado pelos seios das mulheres. Obviamente, não fazia sexo há seis meses, isso estava tirando-me do juízo certo, ninguém podia aguentar, podia dizer até, que há seis anos que não tinha namorada, desde que tinha ido morar para a Expo, tirando a Lilly, que havia tido por oito breves meses e que ainda por cima nunca havia dormido comigo. Neste anos, tinha ido uma ou duas vezes a mulheres da vida por anos...o resto, a mão direita e os filmes contam. Nada demais, sabia que não tinha nenhuma patologia especial, talvez nem sequer OCD. A última miúda com quem estivera, Estela, dissera-me que nada havia notado em mim e eu sentira que seria decerto verdade, pelo que continuava forçando o espírito para coisas simultaneamente concretas e abstractas. Estava mudando de casa e deixava para um possível e provável período de estabilidade numa nova morada a continuação e término da tese de pós-doutoramento, bem como o projecto do espaço cultural e um possível emprego como consultor imobiliário. Toda a gente buscava paz de espírito e eu tornava-me audaz, combativo, afinal era isso que seria suposto acontecer, pois estava só, era suposto que mostrasse as garras. Então lembrei-me de mandar. Depois lembrei-me que era tarde, que não era desses e

comecei a relativizar. Lembrei-me da falta de sorte, mas a sorte somos nós que a fazemos, lembrei-me da discriminação no ISCTE, na FCSH, na Clássica, andando como que com uma cruz filantropológica (deles) às costas todo o tempo...Deixei de pensar assim, tornei-me mais ardiloso, forte, e comecei a perder o meu, aí senti que poderia eventual e verdadeiramente conquistar algo, mesmo que não valesse a pena, mesmo que nada valesse para mim...Afinal de contas, quem relativiza tudo à partida, acaba por não dar o mesmo valor às conquistas do que quem foi habituado a porvir todo o santo tempo. Simultaneamente, a minha mente era mais do que uma máquina pensante, era um organismo não só de perpetuação de Si Mesmo, mas talvez de vingança e desmascaramento dos Outros, em seria talvez um Conde Monte Cristo, talvez, mas algo diferente, mais romântico, mais desencantado, especialmente com as mulheres. Assim, podia concluir naquele momento, que estava naquela casa a não fazer nada, que muitos me gozavam, por não ter mulher a quem manobrar depois do tempo de trabalho, com amigas, e amantes à mistura, tudo isso, toda essa confusão, que eu de certo modo também procurava mas também evitava. Sentia, por outro lado, ainda assim, que era um vencedor, que o meu espírito tinha ido mais longe que muitos, ainda que na maior parte das vezes só e ninguém nem nada me poderia tirar essa conquista e de certo modo isso fazia muita inveja e gerava em mim e nos outros (sobretudo nas outras) um sentimento de inacessibilidade e impossibilidade do sexo, que para mim, naqueles termos seria o que mais importava. Mas com quem? As académicas eram umas secas, não tinha corpo. As que tinha corpo eram estúpidas e não sabiam conversas, estavam na sua maior parte interessadas em filmes. Resguardava-me assim, de muita coisa poder que desaguava naqueles tempo no Tejo. Não estava para isso. Então pensei: talvez eu estivesse numa espécie de transe, desde que viera morar para esta casa, fossem pelo lugar, fosse pelo espaço exíguo e relativamente geométrico, fosse pelos descatos criados, fosse enfim por um karma qualquer. Culpar os outros? Culpar-me a mim e condenar-me a uma deriva filosófica solitariamente infinda? E estava naquilo, desgastando-me, fumando menos, é certo, mas com menos energia, ainda com raiva, mas intrigado, sim, talvez estivesse numa espécie de transe, de bolha em

que toda e qualquer pessoa está e que é a sua vida e afinal nada mais conta, nem a questão da transparência ou opacidade de nos vermos através dessa bolha, porque, de alguma maneira, nada podem fazer, seja no campo, seja na cidade, em função da do que é Vida, nada se pode fazer, ou pode, pode interromper-se, desviar-se o seu curso, mas ela, como um rio, continua correndo e nós com ela, ou sem ela. E, depois de tudo isto, fazer um elogio ou uma elegia a mim mesmo? Porque não seguir esse rio por onde todos, mais ou menos, se deixavam conduzir, entre a especulação e a ciência exacta, uns agarrando-se ao transcendente que para muitos não existe, não (se dá) conta, outros agarrando-se à férrea estrutura de uma realidade que também não tem forma senão no nosso pensamento aplicado às ideias exteriores a nós mesmos enquanto pensa-mento. Por outro lado, enquanto uns seriam atreitos ao magma das relações e ser regozijavam disso a todo o momento, fazendo juz e sentido disso mesmo, outros sentia-se ofendidos nas suas transcendentais convicções por impacto delatório com a realidade, social ou outra. A solução para a doença, se é que havia alguma, seria arrancar o penso e deixar o cão lamber a ferida, pois no mundo (!) estava solução, decerto. As grandes estruturas mentais tentavam resistir à erosão e ao abalo da "mentalidade" dos mais jovens e quanto mais a elas se agarravam, quanto mais com força e violência, por vezes, as transmitiam aos mais jovens, maior o estrago. Seria o mesmo que comprimir o desejo num colete de forças...de tão entalado e abafado acabarei por sucumbir ou rebentar com a própria instalação. Depois, fui vendo as coisas de outro modo: eu era um ser incrivelmente extraordinário, no sentido em que raramente tecia juízos morais sobre o Outro. Ao invés, via, onde ia, os outros tecendo uma parafernália de comentários sobre mim mesmo, sobre o que conheciam de mim, sobre o que eu lhes parecia ou não à vista. Estava exposto e nada beneficiava com isso. Nada, de todo. Além do mais, usar a força, não seria a melhor estratégia, nem era de todo minha intenção atingir um lugar de topo a partir do qual pudesse obter favores de mulheres e olhar os outros do alto. Não nascera para isso, mas para obter um relance temporal de passagem, como todos, todos estavam de passagem, como eu. Poucos se apercebia disso e estavam instalados, como estátuas, por isso na maior parte das vezes infelizes.

Assim, a pouco e pouco, escrevendo para mim e não para agradar aos outros, para meu usufruto e não para dependência dos outros, percebia que, ora havia pessoas sem valor, mal intencionadas, outras com valor, onde estavam elas quando mais precisávamos, todos procurávemos por isso, a maior parte acabava no divã e a desenvolver uma versão orírico-porno-cinéfila da vida. Por mim, estava atreito ao que o dia-a-dia me trazia, fazia alguns planos, moderadamente, procurando levar as coisas com mais alguma calma, umas vezes irritado com perseguições e críticas, outras nem sequer aí, como diz o outro, porque na verdade tinha muito mais que fazer. Tinha, por instantes, vontade de pegar na tese de novo, na de posdoc, porque a outra estava bastante boa, suspeitava com certeza nas minhas deambulações diurnas entre a FCSH e a Clássica, nas ruas onde era permitido feliz nesta pequena quinta governada por parolos gordos que só olham para o seu umbigo e se apressam a servir os turistas que lhe pagam com desdém com ares de superior desinteressado. Pois, as minhas preocupações resumiam-se à procura de trabalho e de alguém com quem falar francamente, com quem namorar e provalvemlemnte fazer vida, procurar também uma nova casa. Por vezes sentia as forças físicas e psíquicas cederem, mas o facto de sofrer injustamente dava-me peso, força e autoridade, talvez tanta quanto nunca sentira antes, enquanto muitos se pavoneavam com dinheiro, carros, mulheres, coisas do estilo que meu pai vira sempre em mim...

3

Tinha então pensado outra coisa: pertencendo nós ou não a um determinado grupo, quando começamos a subir na escala social, chovem as críticas; a isso se chama inveja, querem ver-nos no chão, ainda por cima nos espezinham, isto porque nos conhecem, convivem connosco, sabem de onde viémos, mas no meu caso eu estou bem, poucos sabem donde eu realmente venho, de modo que estou confortável quanto a isso. Por outro lado, o comum dos mortais age do seguinte modo por estas bandas: quando está bem, celebra e exulta; quando está com dores, queixa-se e lamenta-se, pedindo ajuda. Isto é, sem dúvida, um sintoma de bipolaridade, de falta de equilíbrio emocional, mental. Por aqui há muito quem celebra, não se sabe bem o quê, porquê, ou então, tudo e mais alguma coisa. Sim, sou um crítico, mas também vejo coisas boas. Aqui há um calor humano que não se encontra noutros lugares, um sentimento de estar em comum que não se encontra noutros lugares do Norte da Europa e talvez um meio singular de fazer ciência social. Afinal, o rubor está lá fora. Em casa, apenas o eco disso tudo, do Mundo em manifestação, fenomenologia. Arrependo-me de não ter escrito mais sobre os outros, em vez do Outro (invasor, muitas vezes) que há em mim, contemplado na sua in-existência manifestamente melancólica. Tentava conseguir o que todos procuram: encontrar-se consigo mesmo, e nesse sentido a minha literatura não havia sido em vão, havia de certo modo, ultrapassado a vida, a minha vida, em função da dos outros, do Outro. Estava então, interessado em mim mesmo antes que acabasse, na verdade de mim mesmo ante os outros, sem dúvida, mas talvez mais no meu destino pessoal, podia estar navegando em distintos continentes, anotando notas de viagem, podia estar por cá com uma vida verdadeiramente instalada, mas tal não acontecia, projectava quase todos os meus projectos para um "futuro virtual", onde jamais teriam luz concreta e ainda assim tentava levar uma vida normal, sabia que trabalhar era o que se costuma dizer, mentira, eu continuava enfronhado em mim mesmo mas atento ao que se passava no mundo, sem traumas e pela primeira vez comecei a domesticar a minha doença, a ver os seus sintômas

como meras manifestações não-patológicas da mente, porque sim, nós ocidentais temos a mania de patologizar tudo e mais alguma coisa, isolar potenciais perigos a um pensamento puro e nisto Kant é verdadeiramente responsável e só os antropólogos nos podem salvar. OS antropólogos filósofos, nomeadamente, que têm uma visão particular das coisas, dos nomes e das pessoas e andam de um lado para o outro tentando fazer sentido desta e da outra existências, quando sabemos que ela tem à partida, sentido, o sentido que lhe damos, não tem o sentido que lhe negamos e acaba por ter uma forma especial de se manifestar através da montanha russa dos sentimentos. As pessoas ficam deprimidas. Os robôs não ficam, cansam-se, desprogramam-se.

Muitos colegas de profissão, escritores, especializavam-se em ficção sobre uma determinada época. Eu não tinha necessidade disso. A minha formação em antropologia e filosofia ensinavam-me a ver as pessoas e as coisas de forma mais definida, talvez não tanto ficcionado, literária, do que a maior parte das pessoas que se dedicavam a isso. A minha última fronteira seria repetir o ensaio de Caderno de Encargos e escrever qualquer coisa, a gosto, enquanto que também a gosto, estudava filosofia, para a poder ensinar, embora nunca nela mergulhando totalmente, nunca na minha biografia o havia feito totalmente, sabia ter estado à superfície da filosofia na maior parte das ocasiões, mas desde que comecei a sentir filosofi, o vício nunca mais me abandonou, por alturas das teses sobre o homem simbólico, *homo symbolicus*. Em tudo isto, os meus dentes estavam caindo, resultado de um maço de cigarros por dia e da medicação ao longo dos anos, desde os 26 anos. Não tinha dinheiro para um dentista particular, tinha de me dirigir à caixa, para uma consulta de quatro em quatro meses numa médica que simplesmente se recusava a atender-me. De certo modo, à medida que envelhecia, ia ficando em paz comigo mesmo e dava-me, com o passar dos anos, mais vontade de rir e sorrir desta vida que levava e a forma como a levava, enquanto percebi que me havia gasto bastante, ao ponto de estar um pouco velho para a minha idade, mas ainda "no ponto". Tinha feito um esforço considerável, vindo de uma camada social relativamente baixa. Não tinha tido obrigação de apostar nas letras e nas ciências

humanas, muito menos na filosofia, mas continuava o meu caminho, original, talvez único e inesquecível, grassando tudo o que era da minha área, continuando com o projecto da empresa/associação, da universidade, bem como os livros, o estudo, tudo e mais alguma coisa, sempre atento ao que se passou com os sobrinhos e com a minha irmã, a minha mãe, as únicas fontes de financiamento para os meus projectos diários, a quem devo talvez muito mais do que a vida: a imortalidade, a oportunidade de ser lembrado um dia que parta. Tinha flashes ocasionais sobre a minha mãe e imaginaria que ela podia partir em breve, não sei quando, mas em breve, daqui a dez, vinte anos. Ou cinco, ou dois. O velhote também. Ou até eu, se continuasse a fumar um maço por dia e não reduzisse, se não praticasse desporto, se não me alimentasse bem... A minha história? Como a de qualquer outro, prende-se nos anos oitenta, na promessa de uma profissão que se enquadrasse na sociedade de então, com namorada a acompanhar, fantasias licenciosas sem par, imaginação de um rapaz desejando demasiado, tímido, sagaz, pretensioso, que quis fugir a tudo isso, inclusivé à sociedade, para longe, geograficamente e que andou sempre escondido da ribalta, quando ela o merecia, podia ter tido várias profissões e decerto que teve, um rapaz que se tornou num homem interessante, mas que nunca ousou ser grotesco, animalesco, ficando-se pela ternura, através dos dias, das noites, consigo mesmo, ensimesmando o mundo, que pouco conheceu, territorialmente ou mesmo conceptualmente. Nada de muito interessante a contar, contudo tudo depende do ponto de vista, do prisma com que se veja uma biografia, se essa interessa à obra, na cidade o jogo foi outro, a vida mais dura acabou por trnasformar as ânsias de sedução e o desejo foi muitas vezes engavetado e adiado para o dia seguinte, para um atelier de arte que extinguiria o desejo, porque o desejo sempre perturba e nunca se sabe o que fazer dele, decerto um certo trauma de não ter amado completamente e buscando em diversas personagens de livros e filmes o resgate para essa prendura numa época distante, que já lá vai, que não volta mais, que arde por si própria nos olhos que envelhecem, dia após dia, noite (obscura) após noite (cansada).

4

Oiço o rumor do mundo. Permaneço dentro da minha consciência, não tentando explicar a mim mesmo filosoficamente nada, além de mim mesmo, além da minha compreensão, estendida no tempo do Estar. Suponho que se avançar, qualquer coisa de mágico e mortal vai acontecer, não sei bem o quê, mas continuo, talvez em nome do meu sobrinho e da pequenita, isolado do mundo em cápsula, desajeitado e engeitando das celebrações neste país bipolar, nesta sociedade que premei que mais fogacho paz. Não entendo. Ou melhor, entendo, talvez por entender me remeta a um certo silêncio, por saber na nuvem do não-saber, mesmo sabendo que o barulho a nada conduziria, a nada ao Nada conduziria. Estamos, então, diante do Nada e o que fazemos? Ilusão, fogacho, fisco, luzes, sexo, acção, palmas, holofotes, dinheiro que circula entre os dedos manchados de aritméticas mínimas, antes da tua mão, para além da mão de qualquer um que venha e ti possua. Deus está aqui, mesmo que não acredite nele, mesmo que toda a vida lhe tenha pedido provas da Sua Bondade e que nada tenha feito em meu favor, bem como os Homens. Terei ido bastante longe e agora não importa, nego-me à filosofia pela desculpa da falta de mulheres, pela desculpa do dinheiro, sem (nunca) compreender o alcance de um empreendimento filosófico e antropológico, sociológico também, já agora. Falo de mim a mim mesmo, sem medo de me esventrarem o Ser (tudo será diferente após a minha morte e a fama ecoará pelo planeta), procuro personagens na minha mente para um livro diverso, perco-me na arte de mudar de casa... Afinal, nessa pressa que todos mais ou menos levam, terei encontrado qualquer coisa de mim mesmo que antes disseminara, entre a prosa científica, a falta de geito para pensar, uma verdade bemfazeja no desprezo de mim próprio (porque alguém sempre compreende). Assim, faço com que a minha história (ou mesmo estória) seja tão genial quanto trágica: se tivesse por prémio o mundo ou as mulheres, eu não quereria; o que me dá pica é não-ter (emprego, carro, mulher, fama). Os personagens (o Outro, em último caso), foram-se para a cabeça de outro escritor, nego-me a scripts e guiões. Comecei um com uma bela ideia um dia destes e deixei-o abandonado, banalmente,

sem interesse de minha parte, sem incentivo, não falei da ideia a ninguém. Atrai-me o rebuscado das problematizações filosóficas. Padeco disso, da dificuldade do pensar, achando que a escrita é uma forma de puxar saco pela cabeça. Só assim compensa, só assim deixamos alguma coisa. Outros não querem deixar nada, querem fruir, ou simplesmente nada dizer, apenas viver, como se não houvesse projectos nem amanhã, como se não fosse necessário ou útil mostrar alguma coisa (de Si) a alguém, a alguma instituição, a alguma entidade patronal. Assim, temos: o abstracto das ideias filosóficas, as personagens da literatura, os dizeres afagos da poesia, o enredo autobiográfico, com o qual não me identifico, pois falando de mim estou sempre a falar de alguém que não existe, que se projecta num real além de Si Mesmo, em direcção ao Outro, sendo uma questão de Tempo pretendendo-se fundir n'Ele ou não. Esse Outro pode ser o Cristo, que nos recebe (feita a porcaria, recorreremos à psicologia ou à arte, para não falar da religião; mais valia ter bons princípios e segui-los; mas elas gostam é dos bandidos). Seja como for, fosse como fosse, acabei de dar a volta ao texto: anulando ou circunscrevendo um determinado feixe de sentido da desordem, terei chegado ao estrelato literário, à maior genialidade literária jamais admitida. Mas não posso anular isso, isso que me consome, essa falha face ao convívio com os meus (humanos); terei de continuar, só, o caminho que, afinal, fui traçando para mim mesmo. Sim, falo de mim, falo do que sei, sem no entanto me conhecer verdadeiramente, no sentido psicanalítico, no sentido filosófico. Neste sentido, não estou em pé nem tão pouco caído, mas deitado, de lado, minha mente sobre o mundo, ouvindo o que ela (e ele, electrizado) me têm (para dizer). Levanto-me e ergo(-me), tento dizer alguma coisa, encetar um diálogo; nunca falo mais de dois minutos com uma pessoa por aqui, isto é sintomático, irei além disso e palmilharei o mesmo caminho, mais e mais uma vez, como um condenado a ser famoso na sua cidade, no seu país, no entanto cego pra a felicidade, sendo que esta não é de todo produtiva, não é de todo permanente. È, no entanto, uma busca, um trabalho, como o trabalho filosófico (isto afasta pessoas, amigos, fico cada vez mais só, quanto mais longe mais perto). Há qualquer coisa de tragicamente americano em tudo isto: perder, perder para ganhar, afinal de contas, no final das

contas. Em tudo isto, detesto a ideia de que me tornei absolutamente previsível para fazer face às mulheres e isso acabou por não funcionar. Deu para o torto, o poeta afinal é um fingidor, dizem. *Back to basics*: tivesse mantido as referências, sido insistente, burro, teria ganho mais no plano sexual (será que tudo se restringe a isso?). *Vox populi, vox Dei*, afinal sei tudo sobre a sociedade, sobre como ela funciona, mas falta qualquer coisa, que tem a ver com uma certa e determinada forma de ignorância, que não domino em absoluto, um despejo da memória tragicamente traumática que enseja procurar no Outro a solução para os nossos problemas. Pescadinha de rabo na boca. *Mutatis mutandis. More of the Same*. Ainda assim, pressiono. Sendo erudito da mais alta estirpe, ousou tornar-me banal (com que intenção secreta? Com que fim?) e penso nas altímetras equações do quotidiano e do que ele traz para além da reflexão e no papel desta em termos da definição de uma felicidade, não digo da felicidade no seu todo, mas de uma felicidade, determinada, exacta, precisa, útil para nos fazer continuar e penso no erro dos psi em considerar que o homem é um animal feliz por natureza, fazendo a partir dessa estranha premissa tratados, colóquios internacionais, simpósios, tanta e tanta treta, pois que o homem tem de tudo em Si, como os deuses (normalmente, secretamente, pagãos), tem a in-felicidade de estar planteado neste mundo como um acidente de percurso na marcha de um universo que nem sequer cuida de si mesmo (e quem cuida das nossas mentes senão nós mesmos, aceitando a infelicidade e dela partindo para a felicidade?). Chove, bate a chuva no vidro da janela da sala. Estou deixando esta casa. Estou, vou, vou deixando de Ser, do Ser amadurecido em mim, mais pomposo e sibilino, como a *Pantera Cor-de-Rosa*. Aceito a minha condição, progrido nela, umas vezes saltando, outras me arrastando, de um lado para o outro, sorvendo cigarros e café, é feita disto a vida do escritor, entre ciência repetitiva e in-dizível vontade de amar, num bar (num barco), numa disco (numa casa), à sombra de uma música mais ou menos contemporaneamente conhecida. Então, nesse dia, resolvi escrever uma obra sobre o assunto, propositadamente. Então, nesse dia, ia chegando bem perto do meu emprego, continuava a procurar, mesmo tendo 30% de incapacidade para o trabalho, prosseguia trabalhando, escrevendo, não

acintosamente despreocupado, mas empenhado, convicto e mordaz. Então, descobria que o segredo para a cura de diversas doenças mentais, entre as quais a OCD, seria estar atento a sinais exteriores, a vozes reais exteriores. Eu, por um lado, procurava namorada, para sair e até viver junto; por outro, estava muito bem assim, metido comigo mesmo, com elas e ao mesmo tempo com toda a sociedade, todo o mundo. Fazia já parte da mobília. O maior sintoma de que as coisas não corriam bem seria o facto de ninguém me abordar para coisa nenhuma, muito menos para pedir ajudar. Procurava conter-me, controlar-me, não dizer mal do meu próprio país e não enbandeirar em arco, nem sequer ter desejos megalómenos e também desprezar um pouco as mulheres, essencialmente as mais novas, que julgavam ter o rei na barriga e de algum modo continuava a minha jornada, a minha maratona em favor das minhas coisas, da conquista de algo por mim, para mim, quando muitos já me haviam esquecido eu lembrava-me deles e custava-me imenso ir para a cama sem ter considerado por acabado o dia, sem ter sequer com quem conversar. Custava-me bastante alimentar qualquer coisa que dizia respeito a todos sob custas de meu esforço pessoal e a custas de dinheiro e economias que eram as de quem tinha dois filhos para alimentar e ainda para mais tinha um trabalho absorvente de cuidar de mulheres vítimas de violência doméstica. Era uma violência inaudita para essas pessoas, como o era para mim. Como, então, aturar os filósofos? Como aturar os economistas que viam lucro em tudo e mais alguma coisa, lucro em tudo o que mexia e bugia? Os políticos, que viam polémica, escândalo e trepa em tudo e mais alguma coisa? E como aturar os desconcertados e desalentados que não viam nada em coisa nenhuma? E como aturar os psicólogos para quem tudo era fácil e não era compassivos para com um irmão nem se atreviam a sofrer com e como ele? Como aturar os padres que só olhavam para cima? Andava eu preocupado com estas coisas e, no entanto, parecia que ninguém se preocupava com o que eu fazia. Não valia a pena. Em Letras não colhia simpatia, nem no ISCTE, nem na FCSH. Tornava-me cada vez mais crítico destas instituições, mas que podia fazer face a elas senão eu próprio tornar-me numa instituição? Estava cansado, só e cansado, parecia lutar em favor da humanidade, mas essa mesma humanidade não tinha afecto nenhum

para comigo, como que viam sempre segundas intenções no que fazia. Continuo este relato na primeira pessoa, porque dos outros não sei, nem sequer me falam. Apenas observo e colho impressões mínimas. Não me falam. Até sou simpático e me chamam maluco por tudo e por nada, por ter frases descabidas, por estudar filosofia, pelos óculos, pelo cabelo, pelos dentes, por tudo implicam comigo. Pensei que fossem uma época bonita da vida, a feitura de uma tese, a proliferação de ideias, com amigos, discussões em serões inúmeros infintos. Assim é desleal. Mas é genial e cru. Estou nú com o meu pensamento, nú diante de mim mesmo no meu pensamento e mostro palavras nuas diante dos outros. Sim, procuro uma certa verdade, além da perfídia e do desenrasque, além do instante de desagrado. Não procuro o beneplácito de todos nem de um grupo, apenas sou o oficiador de uma certa realidade, com uma certa dose de arte. Com uma certa dose de solidão eterna. Mas recuso-me a ser o homem que não pode ser amada, como diz a canção. Sairei daqui, se for necessário. Mas não tenho a pressa da fama. Muitas dessas mulheres são ôcas. Outras são cheias demais que nunca se esvaziam para ti. Quando tinha tudo pronto para ser uma celebridade portuguesa mundial, não tinha meios (quero dizer, dinheiro) para publicar a minha tese, nem conhecimentos, isto é, ligações para fazer explodir as minhas ideias no espectro mundial, na arena intelectual internacional. Parecia um filme e eu nem pedira para ser actor, quando mais actor social. Era um simples voyeur, como sempre me dissera e de certo modo me queria manter assim, embora sempre tive paixão pela acção sob a suas mais diversas formas, mas estava já velho, começando a ficar velho, lento e casado, perdendo a memória, tinha então de definir algumas prioridades ou deixar-me levar na onda a fim de durar o mais possível, por assim dizer. Tinha consciência que chegara ao que os filósofos chamam de sistema, sim, como Marx, como Foucault, precisava de o sistematizar e passar a limpo, dos cadernos e sua dispersão para o computador e depois publicá-lo. Seria uma trabalhadeira. Sei que nunca veria a fama, meu destino era viver na sombra e no esforço. Como Bruno. Ora foda-se. Ironicamente, era mais bem tido, na minha condição de antropólogo, pelos estrangeiros, chineses e indianos, do que a maior parte dos meus, que na maior parte dos casos somente me

censuravam e exigiam tudo e mais alguma coisa. Estava contra a ideia de que Portugal se devia manter provinciano. Mas, de certa maneira, era bem provinciano. Muito mais do que eu. Parecia-me que a maior parte das pessoas tinha medo da vida, medo que lhes acontecesse alguma coisa, talvez medo de morrer, por isso deixavam muita coisa por fazer. Medo de viver, como se quisesse chegara velhos, só isso e mais nada. No fundo, era tão *voyeurs* ou mais do que eu. Neste país, sobretudo entre os académicos, sabia que muita gente tinha preconceito contra mim pelo meu voyeurismo, em termos do sexo, depois por não ter constituído família, depois por ter estado num convento. Nem o Partido Socialista, de que era membro, me ajudava, em nada. Nem o Bloco de Esquerda, de que fora membro e em favor do qual várias coisas tinha conseguido, com risco de integridade moral e política, me acenava com alguma coisa. Estava só. Que esperava então? Valia a pena acreditar em alguma coisa? Valia a pena acreditar em alguma coisa para mim? Para os outros? Então, eu ajudava, em pensamento e palavras, procurava transformar o algum mal que tinha em bem, jogando e jogado na vida social de todos os dias. Afinal a vida, a filosofia toda, era isso mesmo, o ir, intercambiar, arriscar, ceder, conquistar, acreditar, suplantar obstáculos, não carpir a pena. Nisto, olhava para mim com um tipo cheio de vontade de acertar mas com poucos ou poucos meios, tinha ajuda da minha irmã é certo, mas tal estava a falhar e eu tinha de arrepiar caminho. Como podia continuar o meu trabalho de compensação descritiva do mundo, em relação a mim ou outro? Como podia sair do enclausuramento de décadas a que a filosofia me havia votado? Com as miúdas era complicado, sabia e isso preocupava-me, para além do mais pouco fazia para melhorar isso, era filosofia e mais filosofia, não tirava rendimento das coisas que fazia, não fazia coisa com impacto social, mediático, deixava tudo entregue ao livre arbítrio ou a Deus. Mesmo quanto a Esse, não acreditava nele em absoluto, como muitos, cada vez menos, seria como que uma força social, para além e para cá, que se renovava e se alterava consoante os cambiantes mais ou menos brilhantes do rosto de quem me possuía. Eis o *Transe*, no seu pleno, a cidade, os artifícios morais, os rostos e expressões, a pressa, as presas, a fome, a neura, a perda e o ganho ilusório, a ilusão... Não podia continuar a fingir,

era tempo de voltara ser genuíno, não tinha saída, era tempo de voltar (a Ser) ao Tudo, ao Todo, dissolver-me no corpo social cumprindo alguma coisa. Aspectos subjectivos à parte, a moeda deu a volta, ou seja, perdi a história, andei de um lado para o outro, falei com este e aquele, às tantas a história era não a minha mas a da cidade, a dos outros. Abdicara de uma vida regular, com normas e amiguinhos, uma vida banal embora bem-sucedida, para ter uma vida difícil errante e genial. Que melhor contributo se pode deixar? Estava num tempo em que em literatura tudo valia, inclusivé destrinçar vísceras e tirar olhos. Muitos armavam-se em especialistas, seguindo Leonardo da Vinci e seus sucedâneos. Aliás, o fenómeno que mais nos acontecia era encontrar especialistas de tudo e mais alguma coisa, inclusivé da natureza humana. Ou então, parvos, campeões de bairro e oportunistas ecologistas globais. Em nome do *status*, da festa, da orgia, da satisfação dos instintos primários, até em nome da literatura e da ciência, valia dizer tudo, até disparates e improvérios, em nome de uma continuação, de uma preservação da sociedade enquanto tal ou enquanto de outro modo, desde que previsível, porque o desafio maior seria como lidar com o imprevisível e desses homens eu via poucos, geralmente não lucravam nada, sexual ou economicamente, com as situações, muitas eram burras e não percebiam que o orgasmo intelectual é bastante mais superior ao físico, que envolve muitas das vezes brutalidade. É que o orgasmo intellectual é tão bom que nem o sentes, sentindo todavia. Quando se juntam os dois tipos de orgasmo, o mundo pula e avança, como dizia a canção. Assim, a realidade estava diante do sujeito da cidade, na cidade, era como que um vaso translúcido, provavelmente confeccionado na Marinha Grande; cabia ao sujeito parti-lo e assim partir para outra, partindo-se a Si Mesmo em mil pedaços, ou conservá-lo, quiçá enchê-lo de terra e fazê-lo habitar de uma bela planta, de uma bela flor, quem sabe para oferecer a uma bela dama. Ambos os regimes do "lidador" da realidade estavam de certo modo equivalentes, remetendo ou não aos clássicos, da filosofia à literatura, que não conheço bem, ou seja, o homem podia viver com a sua realidade e protegê-la como uma cria um tanto de tempo, fazendo tudo para que ela crescesse; em parte estava aí o segredo e a razão da inquietação de muitos. Outros,

simplesmente, partiam a sua realidade e viviam como que em *Transe*, em realidades paralelas, alternadas, alteranativas, sucedâneas da sua própria vontade original. Esses seriam os camaleões. Nenhum juízo de valor. Eu oscilava entre os dois, e aproximava-me de uma zona perigosa em que podia simplesmente quebrar o vaso para sempre, o meu vaso, o vaso que me fora dado pelos meus pais. Não tinha substituto, não havia ficção quanto a isso. Quando o quebrasse, viveria não num limbo nem num purgatório, mas num inferno constante para conseguir alguma coisa. Contudo, o que conseguiria seria meritoriamente meu e só meu e nenhum decreto mo poderia tirar, seria como a chuva que cai sobre a pele, sendo alguma dela absorvida outra não, resvalando para um lateralidade que também existe e em certo sentido faz sentido. A tentação de me dedicar à arte ou ao cinema, enquanto fuga ou palco para o meu EGO era grande, mas de alguma maneira eu estava uma vez mais na fronteira, entre uma coisa e outra, entre fazer e não fazer, quando a pulsão do Outro para fazer era intensa e quando a teoria do outro era irritante por não ter ponta por onde se lhe pagasse. No meio da instabilidade, que chagava a todos, que chegava a todos (mais ou menos a todos, pois havia uma minoria, sempre os mesmos, que se repetiam e autoperpetuavam em vastas zonas de conforto) eu procurava maneiras de ser feliz e eficaz ao mesmo tempo. A minha corrida não era pelas mulheres nem pelo dinheiro, nem sequer pelo status, eu sentia que podia produzir mais e melhor, cada vez mais e cada vez melhor, ainda que não tivesse ainda chegado ao topo, era de algum modo uma batalha diurna e noturna de lapitação do diamante-dom que eu tinha herdado e desenvolvido por mim mesmo, sendo eu mesmo enquanto eu mesmo e enquanto o Outro. Esse segredo espalhava-se secretamente pela cidade como um perfuma (*parfum philosophique*, se quiserem), debatia-me com os meios académicos de todo o país para fazer vingar a minha fracturante tese, mas constatava muitas resistências, de pessoas, feudos, famílias que se autoperpetuavam numa cultura do não sabe, não quer (saber) nem deixa fazer. Por isso muitos jovens desistiam e iam para fora. O mesmo fenómeno acontecia na Inglaterra, que fazer? A maior parte das pessoas tinha o que se chama de insídia, o que não é de confundir com tacto, era coisa, concretas. Quanto o

transcendente lhes batia à porta, ocupavam-se disso. Mas não queria saber dele para nada, a não ser sob a forma de crença popular, para não dizer popularucha. Porque me dedico então a esta crítica? Porque simplesmente procuro algo mais, algo intensa e arduamente depurado, um estilo sempre em construção, honesto e ageitado, elegante, exigente, difícil e útil, que vá muito para além da brejerice do estarmos aqui e ninguém nos chateia. O mundo já não é assim, Outras variáveis comporta em sua grande complexidade, arcando o homem que para elas se empresta coisas não fáceis que a poucos são reservadas, uma misturada de transcendentalismo (sob a forma de filosofia, se quiserem, mas que não se confunde com a filosofia pura) e praticidade, pois, afinal é disso que as pessoas vivem, são, pensam e fazem. Não somos todos iguais, isso não nos dá o direito de dizermos todos mal uns dos outros, enquanto uns e outros estão nos seus galhos, uma sede de mais e mais apoderou-se de Lisboa, enquanto as Igrejas estão cada vez mais vazias, cada vez com menos gente a rezar e isso é também um sintoma da europeização versus americanização da cidade. Lisboa sempre foi uma cidade original, do *relay*, de uma certa religiosidade respeitável, dona de uma certa suspensão nobre do desejo e do juízo, por um lado, e de uma lassidão escondida por outro. Eu gostava dessa Lisboa, antes de ser palco de competição, o que também não é mau, torna-a mais depurada, ainda que grande parte dos jovens não saibam receber e pensem sempre na folia. Mas isso até lhes assenta bem porque sobra espaço respirável para alguns filósofos como eu. Ora, todas as mulheres bonitas são burras? Todos os homens magros e elegantes são estúpidos? Grande questão a que deveria dedicar o meu resto de vista, em vez da jardinagem, pois gosto de mulheres, bonitas e feias, mas que siabam pensar pela própria cabeça, como é o caso de alguns homens, o que não quer dizer o mesmo que dizer sempre o que pensa, pois de outro modo se trataria de um assalto às instituições e empregos. Assim, procurava, de uma maneira ou de outra a perfeição e a felicidade, sabendo que uma é inimiga ou amiga da outra conforme convém e que convém não abusar, pois pode muito bem serem condimentos de uma vida plena, feliz e duradoura.

5

Lisboa estava sendo conhecida, mais e mais, cada vez mais, como se nos vendêssemos e nossas mulheres também e fosse de algum modo esse o preço de um bem-estar económico e, ambigualmente, de uma certa felicidade que não fugisse da nossa matriz cultural. Atrás do desenvolvimento, do crescimento económico, que caía em detrimento de outras regiões do globo e que obviamente era cíclico, como uma balão que se enche e esvazia à medida do sopro de si, chegavam coisas boas e outras menos boas. Mas eu permanecia descontente quando parecia que tudo, arbitrariamente, se podia fazer, neste estado democrático, como se a liberdade tivesse alguma coisa a ver com isso. Para além de ser conhecida pelo seu relay e sexo fácil, Lisboa era visitada por pornógrafos e pedófilos, para não falar de turistas sexuais, predadores e outras espécies do género. A esses, fazer o quê? Mandá-los para África aprenderem o que é a vida. Purga e mais purga, chovesse água bente que fazia bem a muita gente entupida da cabeça. Belas histórias estas em que me sentia, de uma maneira ou de outra, protagonista ou espectador. Deixei por instantes o meu Transe para me dedicar a um certo guião que me consumia a mente naqueles dias em que Lisboa progressivamente explodia para o ar como se fosse um ninco-popos de bloses e borboletas, fundindo-se de uma maneira ou de outra com o que era, natura humana, animal e vegaral, para não falar da mineral, que mais dores de cabeça fazia aguentar ou diminuir, conforme o caso. Sabia que, acabada a minha tese, teria de lhe pegar de novo se viesse a encarar a hipótese de retomar os estudos concernentes ao Código da Vida e nesse sentido era um davinciano perfumado, assumo. Ou então teria de volta ao IFL para, numa outra dimensão terminológica e linguística, retomar a tese ou refazê-la. Se já era uma boa tese, podia ser melhor, mas eu não tinha paciência, tinha uma noção bem precisa do esforço e sacrifício dispendidos, por isso me arrastava divertidamente para o campo da ficção cinematográfica, de um modo ou de outro, através dos dias e do andar de mim mesmo em direcção a qualquer coisa que seria o Nada explodindo contra o Todo. Assim, eu estava, como muitos, bastante confortável na miséria. Só que muitos

tinha o que eu não tinha, eles, alguns deles, tinham o que eu não e talvez nunca tivesse nem o procurasse: carro, comida, emprego, mulheres, fama, mediaticidade. Muitos estavam incredivelmente deslindados e desamparados em seus desideratos, mais ou menos eruditos e nem o governo dava conta da situação. Muitos falavam de crescimento económico? Mas a que preço? Psiquiatrização da sociedade? Violência doméstica? Violência e roubo? Em certos bairros nem se podia entrar. Depois, tráfico de droga, prostituição, tudo e mais alguma coisa. Numa sociedade em que, de uma maneira ou de outra, todos os portugueses se conheciam, todos sabiam relacionalmente quem era quem, como admitir estes fenómenos e situações? Enquanto uns assobiavam para o lado e escreviam livros e teses diversas, o homem social estava esquecido através do pó da minha memória, lânguida e esquecidamente enferrujada, entre problemas pessoais e sociais. Mas, acredito que a maior parte dos meus problemas tinha uma certa razão social, do social, pois eu lutava, estava mediado e tudo fazia para conseguir. Se não conseguia seria por haver outros obstáculos, nomeadamente em termos do poder, a bloquear qualquer iniciativa minha...e eu a cumprimentar esses tipos... Assim, face à relação da operação entre privado e público, o sujeito deixa definitivamente de ser espectador e entra definitivamente na esfera da acção, ele é ao mesmo tempo o dono de um visor amplo sobre a realidade, no sentido em que é ao mesmo tempo espectador e público, ou seja, vê-se a si mesmo fazendo "qualquer coisa": não era isso que todos queríamos, que todos estávamos à espera e nem suspeitávamos que chegasse às nossas mãos, ou seja, o poder absoluto sobre as nossas acções. O problema é que dependemos sempre de alguém, ou seja, dos outros, de um ou d'Outro, do pequeno outro ou do grande Outro, de uma maneira ou de outra. O poder está nas nossas mãos, individualmente. Abdicar dele causa-nos sofrimento, mas mais sofrimento nos causa entrar diante do ecrã e modificar o filme de nossas vidas, porque de uma maneira ou de outra a concretude alimenta o Homem, dignifica-o, enche-o de orgulho diante de Deus, se quisermos, como se O desafiássemos, dizendo "eu também fiz qualquer coisa, mesmo que tu "apenas" me tenhas feito a mim. Ao mesmo tempo, o *Transe* acabou, suspendeu-se, esqueci por dias a literatura e entrei

no submundo de mim mesmo enquanto a cidade me contemplava, me odiava, me expulsava do seu complexo mecanismo de sobrevivência e insolvência, falida em todos os seus fundamentos. O homem da Fontes Pereira de Melo lá estava, dias e dias a fio, havia descido mais um pouco, mas lá estava, agora no Marquês de Pombal, podia ser que a magestosa imagem do reconstrutor lhe desse ânimo, empatia, fortalecimento. Tive vergonha de sair de casa, sem trabalho, sem namorada, quase sem ninguém com quem falava, enquanto chateava a minha irmã pelo telefone. O meu irmão lá estava, ouvindo as minhas palavras do outro lado da linha e eu, cada vez que caía, em cada noite, regulado a uma vez por semana (afastada a hipótese de patologia grave), sensivelmente, pensava na minha mãe e no que ela tem sido, no meu pai e no que ele afinal me proporcionou. E em mim mesmo, então reconciliado comigo mesmo, encontrado num café nos Restauradores, feito ideal-tipo ou tipo-social. Havia sido caçado por antropólogos que agora estudavam o meu comportamento e afinal tentava descobrir como sair da inquinação em que chegara a minha vida, quando não encarava a manhã de peito aberto. Chiça, sempre preocupado comigo e ao mesmo tempo com toda a humanidade em mim, sabia que estava ficando fraco, embora retumbante, enquanto tecia planos mínimos e mirabolantes para procurar de novo, num certo sentido de trânsito, a mulher que me encheria as medidas, ou a miúda, pois estava mais virado para tal. Se não tinha carro nem emprego, essas chatices também não as tinha. Dava graças a um Alto Senhor por viver todos os dias e entrar na cidade e, ainda que repetidamente, encarar o que ela sempre traz de novo ao espírito. Eu era afinal um espírito, errante, solitário, concupiscente também, mas tímido e retraído (ao ponto dos músculos endurecerem até à dor), pensava em Kafka, em Hamsun e vi que estava feito para isso, não havia que levar a mal, afinal podia sair sempre para lá do tiro, para lá do arqueiro. Nesses últimos dias de Transe em que me levantava, sentia um peso no corpo, como se a alma estivesse pregada ao chão do quarto com mil e um pregos. Procurava não aproveitar certos dons que tinha, ler a mente, poder de mover objectos com o pensamento, para que essa anulação revertesse em favor de uma vida mais ou menos feliz que perdurasse no tempo. A reescrita da vida passada ajudava-me a continuar, entre individual e

social pensava que tinha descoberto uma grande teoria sobre o desenvolvimento do homem em sociedade e quanto mais mesquinha podia ser em certo sentido e em diversas ocasiões a minha vida, a descoberta dessa teoria aplcava tudo, anulava tudo, enquanto o mundo, a sociedade, avançava em diversas velocidades, em que uns se dedicavam à reflexão outros à acção. Mas, o que queria isto dizer? Olhava meu reflexo no écran: estava velho, toda uma vida preocupado com a vida dos outros, com a minha, enquanto tudo se poderia resumir a uma retórica especulatório-literária. A vida não nos pedia mais do que isto. Mudava de casa, esta me parecia pequena. Meus pruridos para com o corpo e a região anal era demasiados para ser suportados, cruz minha, não era nem gay nem um heterossexual canastrão, embora precisasse tacitamente no jogo social de ser uma coisa e outra. Por outro lado, a minha doença, estritamente psíquica, funcionava em favor dos outros. Não sendo psicólogo nem psiquiatria, eu era a-político ou estritamente político nesse sentido: dava testemunho dos meus males e não me permitia render nos termos daquilo que me parecia ser uma espécie de apostolado desses males que eu pressentia, enquanto mero habitante da cidade, seres males sociais, ou seja: a doença é não só uma metáfora do indivíduo no palco social como é ela verdadeiramente social, e só a sociedade pode acabar com a doença, além dos psicotrópicos e terapias de diversa ordem. Assim, eu seria como que uma espécie de psicólogo social a soldo, que escrevia umas coisas daqui e dali a fim de tecer uma manta que correspondia mais ou menos não só à visão que eu tenho da sociedade, o que ela é e pode ser, em termos utópico-futuristas, mas à visão de que a sociedade tem de mim, em termos fenomenológico-políticos. Mas, onde muitos vêm doença, outros vêm oportunidade para criar e singrar, remetendo a maior parte de certos sintômas para a arte e a arte inserida num contexto de forte criação através do tempo, por meio de palavras, desenhos, animados ou não, cinema, figuras fórmico-geométricas, toda uma espécie de fluides pós-moderna, ou pós-verdadeira que não há objectivo, descreve-se, pura e simplesmente a vida, a que há em nós e no Outro, a que se desenha aí-mais-além, a que se projecta no espaço transviado.

6

A vida, a minha, a tua, a nossa, resumia-se às leis do encanto e da sedução, enquanto a maior parte eram brutos e iam a todo o lado, outros, desejando igualmente com a mesma intensidade e potência, preferiam esperar, não reduzindo o desejo a pó consequencial, a nada, ao Nada. Mas, por outro lado, outros iam além disso, quer fazendo mistura de tudo isso, que ignorando tudo isso, inclusivé essas leis do encanto e da sedução, permitindo-se ver além de Si Mesmo e dos Outros, ou seja, projectando a sua visão e vontade no futuro, além de uma lógica fatídica em que nos tornaríamos necessariamente robôs. Aqueles que resistiam seriam talvez os antecessores dessas comunidade humana resistente contra eles e os ET's, vivendo debaixo da terra, em catacumbas, como os primeiros cristãos. Assim, o corpo do autor, neste caso do escritor, era um corpo social e tudo o que acontecia à sociedade a ele lhe acontecia, para bem ou para mal, mesmo no sentido de um criticismo mais ou menos *clean*. Poderia então, além da narrativa (àquem, melhor dizendo), o escritor ter uma vida (pessoal) própria? No limite, pode o filósofo resgatar a sua alma face ao mundo e suas manifestações sem dele abdicar no dia-a-dia, no quotidiano que é fonte das suas fenomenologias várias? O écrã subsumesse e reaparece o autor, o seu facies cansado, mas por dentro sempre resistente. A algum lado vai, alguma coisa vai encontrar, em torno de Si Mesmo, além da sua teoria, deixando para trás qualquer coisa que signifique algo para alguém e se eternize assim em seu desejo e manifestação. Quando o meu sobrinho me ligou, recebi na minha mente a prova do que suspeitava há certo tempo, para mim e para os outros: teríamos ido longe demais, em termos de psique individual, de psique colectiva, talvez tivesse sido necessário a fim de crescer economicamente ou os outros nos haviam "forçado" a isso, tivesse ou não sido um preço a pagar por um certo bem-estar socioeconómico, filosófico até. E tentávamos agarrarnos ao passado, a réstias felizes do passado, uns, enquanto outros se atiravam para um futuro feliz que depois disso daria em depressão. Em nome de quê? De um Deus que já não

adorávamos? De uma ideia de colectivo ou, por outro lado, de um certo liberalismo individual, uma ideia de self mais ou menos marota? Ainda assim, estávamos sendo nós próprios, com um certa dose de loucura, uns mais caseiros outros mais tropeiros, mas muito brilho escondia muito sofrimento, individual e social, psiquátrico ou espiritual. Estávamos tentando ser felizes, uns e outros, de uma maneira ou de outra. Depois de momentos sofríveis com a troika e o que se seguiu, abrimos e desatámos o cinto. Mas a polícia escasseava nas ruas, que estavam quase a saque, a repressão era inexistente. Acredito que precisamente nestes tempo, o mais difícil seria ser polícia. Legislar era fácil, teorizar era fácil e desafiante para o cientista social, excitante ao ponto do delírio. E eu mesmo não escapava. Guarava na minha mente um segredo de escrever mais e mais, sempre melhor, literariamente sobretudo. Mas, como em todas as actividades, mesmo nas artes, há ciclos, tempos de abaixamento, regressão e tempos, osciladamente, de euforia e gozo, mais ou menos extático, das coisas e do mundo, do munda das coisas e das coisas do mundo...seria tempo, daqui a uns meses, talvez depois do Verão, de apertar de novo o cinto, enfim, o regresso da actividade política no seu melhor. O que mais me indignava neste país seria como a falta de talento pode ser muito mais bem sucedida quando apoiada na parvoíce . Poucos escritores escreviam em grupo, mesmo esses seriam alguns mais conhecidos. A carreira literária era uma questão de quem conseguia dizer mais bem o maior número de disparates possível. A maior parte dos escritores ou eram chatos eruditos que não saíam do sítio (normalmente esse sítio era o passado) ou então ex-engenheiros, ex-matemáticos, tipos sociais do alcanpão mental próprio de um país que, mesmo depois de sucessivos governos nesse sentido, estava a construir infraestruras. Além dos mais, as mentas eram quintas, quintãs, não havia, nem nunca houve em Portugal a ideia do escritor profissional; haveria dois, três no máximo, se se enquadrariam nesse desígnio: Mia Couto, Gonçalo M. Tavares, poucos mais, para além dos clássicos Cardoso Pires e José Saramago, só para falar de alguns. O escritor seria aquele que conseguia, então, representar o grupo, os seus anseios e sofrimentos, ir além, mesmo do domínio do seu pensamento, além da borgia e do sofrimento, além da carência e do isolamento,

além de tudo, superar-se a si mesmo como quem possui uma mulher. Muitos optavam por ir para fora, não teriam a vida nada fácil, mas de alguma maneira representavam um espaço territorial e, de algum modo, uma ideia de nação, um povo, uma forma de pensar. Eu estava algures no meio disso tudo. *En passant*. Nunca era definitivamente qualquer coisa, talvez porque não recebia monetariamente apela nenhum nesse sentido. Mas também não me sentia pressionado para o fazer. Não tinha a profissão de antropólogo nem de filósofo, nem recebia estipêndio algum por isso, por isso não me sentia especialmente (no sentido social, de fidelidade profissional a um grupo) pressionado para o fazer. De modo que baloiçava sensivelmente ou amarguradamente entre os três registos, nunca pousando definitivamente em algum. Todos temos um sonho literário, alguns têm o sonho, que para mim é o mais satisfatório, da cena antropológica. Depois, há o sonho da filosofia, onde tudo parece justo e inocente. Eu roía-me com essas três coisas e tirava delas o maior dos apelos intelectuais e sentimentais. Estava, então, mudando de casa e tudo se resumia um pouco a isso mesmo, entre o zangado, intempestivo e o responsável e criativo. Tudo me dizia sempre alguma coisa, e estava com vontade de quebrar esse vaso, esse frasco que era a realidade para mim. Iria fazê-lo? Será que não estaria acabando comigo e com quem estava ao meu redor? Porque não tinha outro vaso e isso bloqueava o meu espírito, fazendo-o derrapar como carro sem correntes em estrada de neve...

Para mim, sem mais nem menos, o preço por ter um olhar antropológico cristão fora o gozo e o desprezo dos outros, o abuso contra a minha família, inclusive, para além do efeito fotocópia de muitos dos meus pensamentos e acções, entre outras coisas, sabia que deveria ter ido para longe, mas este país e esta academia não o haviam permitido. Sabia perfeitamente quais era os meus alvos, aqueles que diariamente me acometiam desprezo, gozo e infantilidade, em todos os sentidos, pelo que a minha revolta tinha a sua explicação e decerto não desistiria em meus intentos. Não me refiro ao povo português em geral, mas a certas pessoas que por mim se cruzaram e por mim se cruzava, ainda que eu andasse sozinho, comentando, analisando, criticando à luz de seus poderes e pouco sábias observações. De certo

mod, o grosso da coisa estava feito, mas havia, calmamente, muito mais a fazer. Procurava não ser ambicioso demais, isso deitaria a maior parte dos meus planos por terra. Comentários sobre o meu estilo de vida, o meu perfil psicológico, os meus escritos, eram mais do que muitos, muitos ouvia eu em plena rua. Mas nunca ninguém o fazia directamente, cara a cara, daí o seu carácter vilipendiatório e claramente injusto, para não ser desnecessário, pois só me davam mais força, uma força que eu sentia nunca acabar, ainda que não contasse fazer tudo sozinho. Estava para falar de outras coisas, de outras revelações, mas deu-me para isto. Desculpem sobrecarregá-los de energia negativa, isto nada tem a ver connvosco.

7

Não sei que diga mais, mas sabia indo daqui para fora seria difícil lá fora, embora pudesse sentir-me realizado. A solidão que eu sentira aqui em Lisboa nunca verdadeiramente o fora, pois estava acompanhado da língua falada pelos meus e isso segurava-me face à loucura do enfrentamento na filosofia. Sábado à noite e eu não podia sair; andava às voltas pela sala agora vazia, apenas preenchida pela tv, a mesa de trabalho, uma prateleira de livros remanescentes e olhava o desenho do Rafael colado na parede sob o seu título "Os Grandes". Tens razão, Rafael, a maior parte dos grandes faz uma coisa e diz completamente o contrário; para eles, tudo se pode fazer enquanto se puder explicar e isso faz deles seres distantes dos mais pequenos, sempre procurando suprir essa distância, tentar viver grandemente num mundo que é realmente grande e complexo. Depois o sexo, que é bom mas pode estragar muita coisa, mais vale o desporto, pelo menos no meu caso. Sabes, quando não se vive um amor colorido em adolescente ou jovem, ou mesmo, quando não, em criança. Pode-se andar toda a vida tentando recuperar esse "tempo perdido". É por essa razão que tento ler Proust, que segue na minha sacola aqui pelas vielas e avenidas de Lisboa. Assim, por estas alturas da minha vida eu fazia escritos mirabolantes, planos mirabolante, expunha a minha vida nos meus escritos quando nenhum dos meus escritores contemporâneos o fazia, ora preferiam olhar para os outros ora para o seu umbigo através dos outros, não sei qual patologia seria a maior. Ainda que as grandes editoras, exceptuando uma, no norte do país, me estivesse ignorando faz bastante tempo, através de literatura na sua maior parte de cordel, ainda que quem escrevesse não-ficção fosse pago para isso, sendo ou não professor, universitário ou liceal, eu continuava e minha demanda, a minha conquista e lançava um livro de poesia e dois de prosa na mesma editora, ainda do norte. Eu descobrira finalmente, a razão porque não encontrava em Lisboa uma portuguesa com quem casar e ter filhos: porque me interessa sempre pelas coisas portuguesas e, em certo sentido, isso era contraproducente; se a minha postura

fosse antipática e contraditória, a nível público, talvez conseguisse entrar num determinado nicho de descontentes. Mas eu gostava realmente das coisas portuguesas em particular, de Portugal em geral. Era a minha pátria, o meu país, a minha nação e o meu povo; não via como ver as coisas de outro modo. Mas sofria horrores pela falta constante de alguém; talvez não tivesse a mesma presença de outro. Mas também, farto, decidi apontar as antenas para outros lugares. Enfim, estava saturado, sabia que se tivesse ficado em Paris teria sido melhor neste aspecto da presença. Profissionalmente e psicologicamente não, talvez pudesse ter sido até bem melhor, porque eu tinha de certo modo o ingrato papel (social) de tornar interessante o que já o era por natureza. Mas não atirava a toalha ao chão, pois esse é o papel de todo o homem de cultura, afinal. De todo o homem de letras, mais do que propriamente um cientista social. Mas o cientista social também tem sentimentos, para além da sua libido, como bem explicou Max Weber, por vezes tem vontade de fugir de si mesmo, do que é profissional e academicamente, para se realizar como actor ou mesmo autor de uma obra, literária, por exemplo. Por vezes é mais fácil. Só que a visão do sociólogo é profiláctica, ou seja, a razão de estudo da sociedade, do homem planteado em sociedade, tem a ver com o seu desejo de a melhorar, de contribuir para o que se pode chamar de índice de felicidade, aliás, estabelecido por instituições e organismos diversos internacionais. Eu próprio, por mais que faça, não consigo de pensar na família, por mais que erre, volto sempre à família e encontro uma paz avassaladora em todo esse sentimento que supera não só o meu sentimento de temor perante a morte, como o receio de perder a minha mãe e eventualmente o meu velhote. Aliás, todo este tempo andei um pouco perdido, no fundo perdi um pouco a minha mãe enquanto que a minha irmã se aproximou dela, por afectividade. Daí que não alimento desejos estouvados de autonomia forçada, embora tal não seja incompatível com os sentimentos que tenho por ela. Mas o facto de ter feito uma certa antropologia (ou ter feito amigos certas pessoas, ter estado com certas pessoas) feriu bastante a minha mãe. Muitos escarneceram com isso, muitos lucraram socialmente e economicamente com isso, com a minha criatividade e estilo de vida, até com a confiança que lhes dei, muitas

das vezes sózinho, física e emocionalmente, sem me poder defender. Nisto, nunca tive apoio da acadêmica, filosófica, sociológica e antropológica. Nunca. Por isso tenho o direito de os criticar, na sua maioria. Em certo sentido, talvez esteja sendo demasiado honesto comigo e precise de uma certa matreirice comigo mesmo, de uma certa brincadeira. Talvez procure um cena que não existiu na adolescência (na infância), cena que não me acompanhou ao longo da jornada, mas isso é de certo modo uma tarefa inglória à partida, remetida para o campo da psicologia, da psicanálise e até do cinema. Digamos que sou o protagonista no meu filme, que eu realizo e que filmo com a minha mente, repetidamente, ciclicamente, como se estivesse só no Mundo, filme esse cuja versão original só eu posso ver, mas que noutro sentido posso também mostrar para fins recreativos ou profiláticos, tarapêuticos. Eu, que enquanto cientista social podia pôr tudo em causa segundo a minha grelha, podia ser prepotente nas minhas escolhas e decisões ante a realidade social, ou seja, podia simplesmente mandar, escolhi o caminho da autodescoberta e ainda assim a mostro aos outros. Tarde, ninguém se interessa pela minha história, pelas minhas estórias que, de uma maneira ou de outra, têm sempre de ser altruísticas, a bem da literatura, do sucesso e impacto da literatura, do rumor e voragem do mundo e da sociedade em geral. Antes e depois da passagem o tempo distende-se, dispende-se, além de mim mesmo, nesta lengalenga repetitiva que é a vida, o desencanto ante a sombra de um grito na escuridão, haverá decerto uma diferença entre o acto e o não-acto, enquanto a projecção de mim e de ti se estende na carne distendida quando exigimos menu com sobremesa, o desejo e seu grau de delicadeza se incomprende na manifestação do desejo e assim o encontro dos corpos torna-se ou maquinal ou desnecessário, porque de algum modo ser feliz não o é em si, mas em relação a outra qualquer coisa que ao mesmo tempo está em nós, no nosso fundo interior e fora de nós, pelo que a compreensão dos vasos comunicantes que traíem a geografia do nosso corpo habilita-se no estertor não violento dos corpos em repouso, em vagões ou camas diversas, quando por isso ou por outra razão surpresa procuramos encontrar primeiro e distender depois a felicidade sendo que isso não a É, não somos nós, apenas Nós em procura de algo, de

uma essência, de um desencanto, de um desencaixe, de uma réstia de fogo que nos continua além do complexo de nós mesmo, antes de falecerem meus olhos ante Ti. O meu transe continuava, entre o bulir citadino e a aparente paz campestre. Deixara para trás definitivamente a habitação onde fora eu mesmo, de uma maneira ou outra, com uns ou outros resultados, para mim contente porque havia produzido uma série de obras, para além de uma tese de doutoramento em dois volumes e um texto que constituiria a sua continuação, um pós doutoramento em Filosofia. Tinha pé para me fixar a uma faculdade, universidade e sujeitar os textos para aprovação, enquanto o projecto de uma universidade própria lá continuava, virtualmente. A minha ideia inicial seria continuar o meu trabalho no âmbito da antropologia filosófica, pesquisando em bibliotecas diversas de Lisboa e outra, fora, que haveria de visitar. As minhas candidaturas a bolsa havia tido resposta negativa, de modo que continuava sozinho nessa demanda, no que era pra mim um transe que durava dolosamente através da cidade, entrecortado com momentos de pura alegria e êxtase. Cada dia ficava mais sábio, mas isso não chegava, eu procurava mais e mais, sem pressas, sem forçar o espírito. Os personagens não aparecia, de modo que eu relatava mais ou menos, com recortes e acrescentos, o que me ia acontecendo. Havia já mudado de casa, deixara por dias o meu diário. Na última noite naquela casa, na Rua do Volga, um apartamento rebentara, gerando uma explosão seguida de uma grande luz. Pensava ser uma hecatombe sobre Lisboa, tal como descrevia no meu guião de cinema. Nunca cheguei a saber o que teria sido, o que foi, o que podia ter sido. A realidade para mim tinha um sem número de camadas que habitava ou não: poderiam ser a prosa, a filosofia, a antropologia. Ainda. Podia também ser a obsessão pela ficção científica. Ou não, podia ser apenas eu a pensar, a habitar na duplicação da realidade do meu estúdio agora em ambiente rural, com um fundo de vozes de crianças e de minha mãe. Tinha uma espécie de amor que não me permitia escrever grande coisa, ou seja, não tinha musa, nenhum me dizia coisa alguma, ninguém me telefonava. Tinha de ser eu mesmo, mais uma vez, a inventar o meu mundo, a aumentar o meu mundo. Para terminar a conversa sobre mim mesmo, posso dizer que estava de certo modo fugindo ao meu destino, ou seja, tentando

arranjar um emprego quase impossível arranjar, bem como uma mulher quase impossível de arranjar, permanecendo longe dos meus pais. O meu pai queria ver-me a escrever na Casa do Jardim ao fim da tarde, quando o sol se deitava; a minha mãe queria ter-me debaixo das suas saias, afinal eu era uma boa companhia para ela. Eu tinha duas casas, podia ter uma mulher em cada uma delas. Por mais tensa que fosse a vida a mesma aldeia durante mais de quarenta anos, era ainda a minha aldeia. Muitos habitantes de Lisboa nem sequer isso tinham. Eu era reformado-pensionista, tinha 47 anos, incapacidade para o trabalho na ordem dos trinta por cento. Tinha de aceitar isso e partir disso para construir mais qualquer coisa. Embora muita gente me visse como gay, embora eu tivesse sido, embora o tivesse proclamado na terra onde nasci, numa ponte sob o Sena, tinha a certeza íntima que não o era, pelo menos nesse momento em que tinha saudades de uma mulher, de estar com uma mulher, ver e apalpar seus seios, pelo que continuava à procura, à espera, com a viva atenção de todo o género por elas, por ela.

8

Muitos dos problemas humanos são simplesmente...humanos. Daí ter a condição humana a solução para muitos dos seus problemas, provavelmente todos, dentro do seu âmbito. A propósito do fenómeno da violência doméstica diz-se, defende-se, que o corpo da mulher não é um "convite". Então é o quê, pergunto eu? Sempre foi um convite ou algo de repulsivo, conforme os casos. Para muitos, continuará a ser, a ser o saco onde se despejas todos os anseios e agressividades, onde o homem encontra o seu porto e se confronta com o seu vício. Para quem não sente carência nem solidão, é imediato e fácil pôr a questão nesses termos. Para mim é uma forma de chantagem, uma forma de preguiça para não cuidar do corpo, pois sabe-se que toda a psicologia sexual feminina se baseia no corpo, primeiro, no rosto depois, na inteligência em último lugar. A mulher de hoje quer, simplesmente a emancipação e manter ao mesmo tempo o seu lugar de dona de casa. Quer tudo, quer o poder. Talvez consiga, mas há homens que resistem. Se o corpo não é o convite, como o é para muitas mulheres, é então o quê? Um santuário? Uma espécie de moeda de troca? A mulher que diz isto não está carente de amor, está consciente de que o seu corpo é uma mercadoria. Naqueles tempos, estava para mim tão difícil arranjar uma mulher, quanto fácil o era, desde que tudo andasse num engodo de mentiras e falsidades, de troca-tintas mais ou menos domésticas. Na verdade, ainda falando de mim, eu não tinha um emprego certo e a minha condição (honesto) perante a sociedade enquanto portador de OCD relegava-me para um plano marginal. Depois, também não era assim tão conhecido (eu próprio) quanto isso, pelo que tentava relegar a minha patologia para segundo plano. Nesse plano, só uma psicóloga havia de querer (como quis Margarida) um homem como eu, diminuído socialmente. Reparei que havia passado bastante tempo imerso nas palavras, umas meias verdades outras não, na filosofia, a minha filosofia, nunca me entregando totalmente a ela. Talvez a coisa a que me entregava totalmente fossem os meus projectos, para os quais nunca conseguia financiamento. Mas eu tinha uma característica singular: enquanto muitos se encostavam a um canto e diziam mal do

mundo, de si e dos outros, eu nunca desistia, via em cada recesso uma oportunidade para continuar, para singrar, talvez em busca também do amor que sempre estava à frente mas que nunca se concretizava total e realmente. Era assim os meus dias, ora de transe ora de desilusão indignada, mas tinha um pai que nada me dizia e isso de certo modo me dava uma vantagem sobre ele, sobre muitos, pois eu sabia que não era dali, que era de outro lugar que um dia o meu corpo e meu espírito haveria de cumprir, fosse na forma de ocupação física do espaço, fosse na ocupação de um lugar profissional, fosse na ocupação de um corpo feminino. Muitos caíam e diziam mal do seu país, que não dava oportunidades: eu era testemunho disso e não parava, estando múltiplas horas na internet buscando apoio, disseminando o meu trabalho, os meus projectos, sem uma namoradinha para me dar palmadinhas nas costas nem amiguinhos com quem partilhar as minhas coisas. Os poderes nada queriam saber de mim e eu concluía naturalmente, fosse como fosse, estava à frente no tempo, bastante à frente e a minha vida errática era o sinal de que depois de eu ir embora as minhas coisas e os meus pretextos para viver se haveriam de cumprir. Tinha pena, muita pena, face à comunidade literária e em geral, não ter personagens e um romance para contar, não ter aso para ter uma musa nem um amor de referência (concreto) a quem me dirigir, em quem projectar as minhas penas, anseios e aspirações, a minha pressão psíquico-amorosa. Esta era a minha vida, independentemente do meu estado de espírito, nem mais nem menos, nem em baixo nem em cima, além de um guião cinematográfico, além da capacidade de amar todos e uma em especial. Por um lado, deixara de amar, por outro aumentara essa capacidade mas com uma boa dose de desprezo e sabedoria para com o mundo e eleas em geral. Enquanto isso, vive-se sob o signo do momento, algures entre o intimismo e o tropicalismo, entre o Eu e o Outro, ansiando por ir para Lisboa, abalado física e espiritualmente, sem ter realmente com quem falar. Falando eternamente sobre mim, pareceu-me ter perdido qualquer hipótese de encontrar algum personagem para esta minha obra, ao mesmo tempo que não via necessidade alguma para o continuar, para continuar qualquer coisa que fosse. No entanto, persistia, continuava, procurava outros intentos, outras coisas, outros pensamentos

e disposições de espírito. Seria fácil, como qualquer outro, partir, buscar a felicidade e o trabalho noutra lugar. Mas eu não podia: não tinha carro, nem bilhete para a viagem, mas tinha para tabaco, de modo que teria de procurar a felicidade por aqui, através da reiteração das frustrações, uma felicidade algo louca e esquisita, sem exuberâncias, algo modesto e porque não honesto. Por outro lado, sentia já a pulsão de escrever *História do Corpo*, um tratado sobre as minhas impressões mais ou menos eróticas, que poderia resgatar a minha alma à visão dos corpos abertos e quase esventrados do écran em noites que passava sozinho e não encontrava, de modo algum, o sono, o sonho. O meu romantismo mantinha-se debaixo de uma camada de corpos amontoados uns nos outros, embrulhados e penetrados uns pelos outros. É claro que ansiava por uma mulher, como por muitas, digamos assim, como qualquer homem da minha idade, só e sem emprego, ansiava. Mas o que eu queria no fundo era carinho e o contacto com os corpos era uma ilusão, uma alusão a uma adolescência sofrida e oprimida sexualmente. Pensava que tinha sido abandonado por todos os que me tinham conhecido, talvez estivesse certo e fosse mesmo assim, a fim de que eu continuasse de algum modo, persistisse de alguma maneira, num lugar ou noutra, na aldeia ou na cidade, sempre procurando, tentando, tombando e regressando mil vezes a mim mesmo depois disso. Havia colectivamente uma indignação sobre os mais diversos temas, uma perplexidade sobre o que acontecia, políticos oportunistas, fortunas fáceis e chico-espertos, mas havia também, para além do torpor próprio das sociedades em transição mais ou menos democrática, um andamento, ou seja, as coisas, as pessoas, continuava de algum modo e isso seria a vida a manifestar-se. Mesmo sem mim, a vida continuava e isso até me deixava descansado, mais, aliviado, pois podia procurar fazer as minhas coisas sem que pena alguma adviesse disso mesmo. O *Transe* era isto mesmo, continuava, á quem e além do espírito de mim mesmo e dos outros. Os que tinham fé suportavam-na pela mesquinhez de espírito, os que não a tinham eram permitidamente depravados. Eu estava algures no meio, entalado, como vários, em diversas circunstâncias. Parece que esta terra não é grata a quem sabe lidar, mas a quem não sabe, a quem a ofende a todo o momento e as pessoas são, na maioria, reflexo disso mesmo: quando se

sentem em baixo, vão-se abaixo de vez, perdem a conexão com algo de sagrado ou profano que as alimenta no quotidiano; quando estão de bem com a vida, são efusivas e não páram de celebrar. Digo, em minha opinião, são poucas as pessoas consistentes e sensatas, na sua maioria vêm de outros países do resto da Europa. A maior parte das pessoas tanto está contigo como com o vizinho do lado, de um momento para o outro, não há lugar a compromisso que se baseia na confiança mútua. Que animal escolheria para as representar? Um animal falso e inconstante no seu comportamento algures da cosmopologia zoológica. Será culpa então das pessoas em si? Não serão elas o reflexo da terra, na sua releção entre si? Não haverá outro tipo de fenómenos, físico, psíquicos, sobrenaturais, que vai modificando o seu comportamento, que as vai fazendo?

9

Então, nesses dias sonhava com coisas várias, absorto no domínio do Estar-Aqui, enquanto deixava de lado as especulações filosóficas e andava de um lado para o outro numa sala infecta de micróbios de verdade. A mãe fazia a limpeza e continuava habitando o seu espaço, a sua casa, por isso se sentia em casa. Eu, verdadeiramente, em termos de sentido de propriedade, por pouco tempo, talvez dias, sentira tal impressão, tal sentimento de realização ante a terra e os homens. Perdera de vez os personagens para esta história e derivava agora ante o sol da tarde, num microcosmos de sentimentos mais ou menos dissonantes, aproveitando a solidão para escrever. Seria sempre assim? Sabia que todo o meu sofrimento era de algum modo imerecido, mas as coisas dispunham-se assim, daquele modo, dessa maneira. É claro que me apetecia, como a Johnny, deixar tudo, esta terra ingrata, e partir para outro lugar, quem sabe escrever uma outra história, reescrever esta que não era história nenhuma, mas um torpor bêbado do Estar-Aqui, numa orla de terra mais ou menos des governada, depende também dos sentimentos que se nutrem face às coisas, às pessoas, depende de muita coisa, dado que o desafio maior ainda seria inventar histórias e palavras a partir do Quase-Nada, ou seja, insistir nos bons sentimentos a fim de que a terra mais não se revoltasse contra nós, pois que a maior parte das pessoas, talvez devido à penetração das tecnologias na sua vida, se havia tornado fugidia como índios da amazónia. Seria espertos? Teriam alguns sentimentos pelos que ficavam? Dispunham-se assim os sentimentos, naquela altura, não sei bem como, era a minha forma de interpretar, a minha forma de lidar com o espaço em branco equivalente à realidade (social, natural), quando sair porta fora para a rua.

Este *Transe* seria apenas e tão simplesmente uma mudança de casa? Onde estavam os meus leitores quando tanto deles precisava? Acabava de tirar mais uma edição de *Angst*, mas pareceu-me que ninguém me queria ler. Debitava roanncnes da boca para fora sem mais nem menos, muito para além de um exercício terapêutico e não me parece que a razão da minha falta de público tivesse a ver com a qualidade

(existente ou não) das narrativas, das obras. Tinha, de alguma maneira, a ver com a disposição de Mim Mesmo na sociedade. Nesta sociedade, na verdade, o êxito dependia daquilo que o escritor seria em termos de palco social, não propriamente com a qualidade das obras. O que a mim me parecia triste e revelador de uma sociedade (de escritores) pobre de espírito. Enquanto antropólogo, habituei-me a ver tudo com algum relativismo, aceitar tudo enquanto dados cultural anódino, científico. Mas não fazia mais ciência social, muito menos socialista, pelo que as coisas, vindo da minha anterior formação e de leituras inúmeras que fui fazendo ao longo dos anos, me pareciam desequilibradas, desconjustadas, desajustadas. Neste sentido, vejo essencialmente dois tipos de pessoas na sua atitude perante a vida, as circunstâncias dela mesma e sobretudo perante as adversidades: há pessoas que barafustam e reagem (emocionalmente) com desagrado, com espanto diante dos problemas que se vão constituindo na realidade, a deles e a dos outros; outras reagem calmamente, não entram em pânico. Talvez estas não sejam tão emocionais quanto as outras, talvez sejam mais racionais, mas eu creio que o sentido da coisa é distinto. A experiência da relação com o mundo e o conhecimento do ecossistema das emoções que o rodeiam, levam o indivíduo a estar a par e em consonância com tudo o que lhe(s) acontece, ou seja, de certo modo são senhoras de Si, do seu destino e estão em sentido de certo modo consentido com o Outro. Às tantas comecei a pensar que as personagens e suas histórias não tinham interesse nenhum, eram sensaboronas e cheias de desgraças humanas e que só a filosofia das coisas fazia sentido, era por assim dizer este o transe, uma forma de estar além, sendo daqui, digo daqui mesmo beliscando a orelha como se estivesse diante de um belo manjar em que me baqueteasse vastamente. Muitos esperavam que eu falasse das pessoas da minha aldeia, muitos esperavam que falasse das coisas e das pessoas de Lisboa. Mas eu, modestamente, não o fazia, ou até peremptoriamente, então eu sentia um á-vontade sobre as coisas, os meus pensamentos, as situações sociais, como nunca sentira antes, digo, há muito e bastante tempo, sentia-me também reconciliado com o espaço em branco e pronto a dizer qualquer coisa a qualquer momento sem ficar atónito, embasbacado ou bloqueado e amava realmente o que fazia, esta coisa da

escrita que afinal faz do mundo um lugar bem mais divertido do que ele é, pois sabemos que se o divertimento não chega sempre que queremos e desejamos, um livro, bom amigo, está ali, na estante ou em cima da cama, à disposição para dele disfrutarmos, fazendo-nos não mais mal ou bem-dispostos, pelo menos ocupados e atento aos fenómenos de nós mesmos e dos mundo em redor. Boa, pensei eu. Boa ainda mais: podia permancer para sempre, para o meu sempre, na aldeia, não tinha de me chatear muito mais; ia a Lisboa de quando em vez, ver como paravam as modas, ver as miúdas no metro e talvez arranjar uma por ali, na aldeia, onde tinha tempo e (sem) dinheiro para escrever os meus livros, preocupando-me apenas com a sua implantação e difusão. Por uns momentos senti uma felicidade, a felicidade mais, aquela que se pre-sente, não a que nos arrepia a espinha pois essa é enganadora e logo vai embora, mas uma felicidade transversal à minha existência, que ainvidia meigamente a de outros também, arrastando-os para uma felicidade que era a minha e a deles também, uma felicidade que (me) cravava no tempo e ao mesmo tempo se perpetuava além de mim mesmo, por profícua que era. A presença do meu pai estava ali, balanceando de um lado para o outro, quanto a isso não podai fazer nada, não a podia eliminar nem tampouco asoberbar, não valia a pena, não era capaz, era inútil, tinha de deixar de pensar assim, daquela maneira arrastada com que inflamara de desgosto os meus dias, tinha de ir mais além de mim mesmo naquilo que eu suportava. Sentia, portanto, também, que o meu sofrimento estava chegando ao fim, que encontraria alguém com quem podia estar mais de 8, 9 meses. Isso era coisa na qual apostas. Ena. Ena pá, poderia estar aqui nem sequer pondo-me em causa, falar eternamente dos outros enquanto personagens mais ou menos verídicas, ficção, não-ficção etc e tal mas afinal falo do que sei, de mim mesmo pois não duvido que certas coisas me acontecem por razão dos outros, do que eu chamo e outros chamam de o Outro, ou seja, essa categoria bem pode estar viciada, andamos de um lado para o outro com isso e aquilo, com isto e aquilo, mas não, eu falo de mim, talvez porque esteja só, talvez mesmo se estivesse a viver não estaria a escrever, num sobreviver qualquer, num escrever qualquer, mas quando falo de mim certamente estarei falando mais dos outros do

que de mim próprio, devido ao efeito que fazem em mim, ao que geram em mim, como que uma revolta de Estar-Aqui, no mal que fazem, nos seus interesses mesquinhos. Mas eu escolhi ser feliz, por isso tudo suporto, talvez esteja enganado, mas antes um enganado feliz do que um sábio triste e desalentado.

Tinha a impressão que o transe estava chegando ao fim, eu estava quebrado, discussão após discussão coma minha irmã. Não podia forçar o ambiente, as considerações de diversa ordem sobre a vida e o espaço em redor em geral, não podia mais continuar, teria de persistir por outro lado, sob outro registo. De facto, sabia que a partir do momento em que entrasse na nova casa, o transe terminaria. A felicidade estava, de certo modo, em saber dobrar quando se tinha de dobrar, em dizer qualquer coisa assertivamente, quando tinha de ser. A viver no meio termo. Neste país há uma forma de nihilismo que grassa nas consciências e que tende a considerar um valor nulo à vida e à existência. Talvez precisássemos todos de ler um pouco mais de Sartre num sentido e Kierkegaard noutro. Havia um registo no tempo que subjazia ao acontecimentos daquela época, entre a boa disposição e a depressão, entre a voz da razão e a do sentimento. Tive de me habituar à ideia de que nesta vida nada é garantido, temos de lutar por aquilo que merecemos, temos de o merecer face a cedências, hesitações, medos. Naquela aldeia eu tentava levar as coisas para melhor, ser simpático, mas nem o Presidente da Junta se preocupava com os seus habitantes, haveria de preocupar-me eu com isso e tudo o mais, inclusivé por problemas das pessoas, pessoais, psicológicos, na minha qualidade de antropólogo. Não tem o antropólogo direito a afecto, atenção, aplauso, como toda a gente. Parecia que precisamente por ser antropólogo me estavam pondo nas costas um certo peso de representação de alguma qualquer coisa através da qual eu não lucrava, senão moentariamente, pelo menos afectivamente, nada, ou seja, era atirado para situações enigmáticas e quezilentas só para me pregar certas partidas eivadas de um primitivismo bacoco... Mesmo assim, com muito boa vontade e humildade da minha parte, a minha irmã insultava-me gratuitamente, a minha mãe parecai querer que eu ficasse pela aldeia, não percebia muito bem, pois tanto criticava quanto dava sugestões, mas nunca me animava, nem eu tinha conversas

sérias com ela, a minha relação com o meu pai era inexistente e resumia-se a grunhidos de parte a parte. O que eu sabia é que ele tinha 3 carros e eu não conduzia há doze anos. Imagine o caro leitor como me poderia eu sentir, inventar a felicidade até, quando nem dali podia sair para ir até à cidade mais próxima, a um bar ou mesmo a um qualquer local, durante o dia, quando a maior parte nada fazia sem carro. Teria de ser especialmente eu a andar de comboio ou autocarro, quando mais ninguém o fazia? Estranho, muito estranho... Deseja estar em Lisboa, para mim uma cidade quase maldita que só me tem tratado mal, mas que na qual eu via ainda uma luz onde e por onde sobreviver e porvir, por onde continuar à espera senão de amor pelo menos de uma relação mais ou menos duradoura, que me alimentasse o gosto pela vida. Sabia que esse gosto teria de partir de mim, talvez em relação a outra pessoa, mas sabia também, fortemente, intuitivamente, que teria de partir de outra pessoa também, em relação a mim, num duplo movimento que podia estender-se mais ou menos no tempo. A minha vida, o meu destino, estava mais ou menos traçado. Não iria para longe, para nenhum lugar, em França ou Itália, para viver, habitar, trabalhar. Estaria o meu futuro mais ou menos reservado a idas e vindas de Lisboa para Riachos, não só porque a minha irmã estava ficando tão velha e cansada quanto eu, mas também porque não lidaria com muito dinheiro para aventuras. Por um lado, vendo bem as coisas, podia ser uma geometria da felicidade, mas por outro também podia ser da infelicidade. Seria ambas, ambos o sentimentos, à vez sentidos num só dia, durante meia hora, durante uma hora, dependia também da minha equação mental face às coisas, às flores, ao lago de peixes, ao café, às pessoas. Mas Lisboa seguia sendo o meu escape, o lugar onde podia ser eu mesmo, relativamente sem consequências, o lugar, a sul, onde podia fazer amizades (mais ou menos duradouras), o lugar onde podia conhecer outros lugares, outros sítios, outras gentes, desde a China aos Estados Unidos, desde a Índia ao Canadá, formas de pensar distintas da minha. Ainda católico naquele tempo, a conduta das pessoas fazia-me perder a fé em Cristo, embora continuasse a admirar a sua mensagem e nomeadamente a de São Francisco, mas o nihilismo também da maior parte das pessoas (disfarçado de Cristianismo, ironicamente) era motivo de tristeza para mim.

Uns negavam tudo, outros acreditavam em tudo. No Todo também. Não havia o meio termo, a interrogação, o pensar, sobretudo porque estas actividades, nomeadamente sob a face de independência de espírito, causavam dor e solidão. Por isso, muitos fugiam do pensar e da reflexão. Por outro lado, talvez eu estivesse reduzindo a minha literatura ao género autobiográfico. Talvez. Mas não tanto, eu tinha de tudo um pouco. Eu era, como uma jovem amiga que havia conhecido recentemente na Estação do Oriente, muita gente em pedaços e não apenas somente uma pessoa. Buscava a integridade perdida de mim mesmo, mas sabia que não podia voltar para trás. Ouvia *Erasure*, a banda de música dos anos oitenta que me havia tirado para fora de mim mesmo, dos meus conflitos e da ignorância das coisas boas, úteis e verdadeiras da vida. Andy Bell era a versão masculina de Allyson Moyet. Quem se importava com a sua condição sexual? Eu não, continuava a ouvir a sua música, enquanto a maior parte do rebanho (de todos) tentava não desencarrear, eu continuava sendo eu mesmo e aí encontrava a felicidade. O espaço da Casita do Jardim, até há bem pouco tempo inútil na sua formalidade de acolher os meus fumos e reflexões, estava agora transformada numa espécie de estúdio, espaço acolhedor e intimista, onde eu podia fazer diversas e construtivas coisas. O meu pai aceitava isso e parecia-me que a ideia lhe agradava bastante por dentro e eu dava-lhe essa felicidade, pois mais que estivesse contra ele em certos momentos, a propósito de diversas questões. Em tudo isto, mesmo que eu fosse gay, mesmo que as pessoas aceitassem tal condição, eu não tinha de espalhar nada, não me sentida compelido a isso, sabia que ninguém tinha nada a ver com isso, embora talvez socialmente fosse essa a imagem que transparecesse. Mas se fosse, tinha ali chegado a uma difícil demanda e se isso explicasse a minha desdita então pelo menos havia encontrado uma razão sem sequer ter pegado o boi pelos cornos, pois eu essencialmente ainda gostava de mulheres, digo ainda e sempre, sempre havia de gostar, mesmo que tal condição fosse ou, melhor, tivesse sido, transitória. A atracção pelo porno adviria então de uma vontade inconsciente (do meu inconsciente colectivo) no sentido de fixar e refixar, de redireccionar a minha vontade e o meu desejo nos termos de uma heterossexualidade, pois, tal como a

vontade de fumar, eu seria essencialmente uma alma que tem vontade de se espalhar, de se alastrar, de se disseminar? Boa questão. Mas, fora deste tema, eu podia ver as coisas por outro vértice, sob o prisma da antropologia social portuguesa, se fosse académico ou estivesse interessado num tema no âmbito da pesquisa antropológica. Sem grande alarido, tinha escrito sobre uma aldeia durante anos, mesmo em termos abstractamente antropológicos e concretamente filosófico (pós-tese) sem ter de sair da aldeia, sem ter de sair do país, o que equivaleria em termos teóricos a qualquer coisa como meter o Rossio na Rua da Betesga. Isto só em Portugal. É claro que nada disto equivaleria, pelo menos para já, a um reconhecimento, académico, literário ou público. Mas qualquer coisa de extraordinário havia feito, desde a mudança das minhas coisas para a Casita do Jardim, empresa pela qual não me sentia só, pois, através e de viés às más disposições de espírito e ainda pelo facto de não trabalhar (ainda que a escrita fosse, em todo o caso, um trabalho no qual me empenhava arduamente), sentia que as pessoas me admiravam e o ambiente era de geral aceitação. Só que por vezes, sobretudo pelo não-facto de não ter mulher, eu interpretava mal e, em certo sentido, deitava tudo a perder. Por isso, em vez de permanecer forçosamente "exilado" em Lisboa, por oposição à aldeia e seus habitantes por mim conhecidos, eu tomei a decisão de voltar mais amiúdes vezes, talvez ao fim de semana, pois a minha velhota estava ficando mesmo velhota ou ir e vir às levadas, conforme a disposição da minha irmã, que era quem me dava o dinheiro. À medida que eu envelhecia, o mundo esquecia-me, eu lutava contra tal esquecimento, mas a voragem do tempo era como que intemperada e inigualável...

Um barco. Um barco de loucos. Assim é o mundo, fora aqueles que estão restritos aos conventos, manicómios e prisões. Na verdade, para mim só falta a prisão, pois tive dos outros e, na sociedade em que vivemos enchem-se cada vez mais, tentando os médicos em vão explicar porque é que a doença mental é uma doença, para mim será talvez um indício de sensibilidade extrema às coisas mentais e paramentais, enquanto que o convento recebe ilustres des-conhecidos como se fosse uma pensão luxuosa para aqueles que não querem ou trabalhar ou pensar, ou se entregam a uma

fé que só faz sentido naquela circunscrição arquitectónica...O mundo está assim e todo o meu problema talvez seja estar destinado a cumprir, ou a deixar a meio, a ditosa obra de Erving Goffman, daí o meu conflito para com a sociedade, que advém em grande parte pela falta de diálogo franco e sincero, pela falta também de reconhecimento. De modo que "cá fora" abundam os transviados, por mais ou menos tempo, até que a polícia lhes dê cobro, até que a legislação (que sempre defende o estado-nação e um determinada etnia em particular, melhor, cidadania) venha e diga que aquele comportamento não está certo, que deve ser punido, sobre a forma de prisão ou coação determinada. Formata-se assim a sociedade, onde se incluem os ciganos, os homossexuais, os *in-diferentes*, aperta-se tanto, tanto até que nada sobra, uma espécie humana, um espécime humano, uma espécie de homem. Mas não se queira subentender que defendo a marginalidade, antes pelo contrário, só que a psiquiatria e o direito não devem ser os únicos critérios para avaliação do quilate dos seres humanos. Por vezes, somos apanhados (diariamente) pela inundação média que nos atordoia e enche de dever, configurando um sentimento misto de integração e stress, inevitável e desafiador da inteligência de todos. Mas, fujam dos inteligentes! Tanto dão boas ideias quanto más e nós precisamos é de ideias sensatas, resultado da reflexão e da meditação no sentido mais ou menos feliz das coisas e das pessoas. Assim, o café está pronto a beber.

10

Perguntar-te-às: porque não têm os dias a mesma vibração intensa da paixão? Eu não sei, estou farto de explicar tudo. Agora estou aqui e não tenho nenhum sentido de absoluto. Nem desejo bem a ninguém. Simplesmente estou aqui. O tempo passa eu eu, habituado a trabalhar nas minhas coisas, perdi o rumo em pouco tempo. Interrogo-me porque estou aqui não gostando de estar aqui e talvez conclua que a vida é feita de destino, esperteza, oportunidade. Ou então deixarmo-nos estar deitados numa cama à espera de qualquer coisa. Porque chega sempre qualquer coisa. O ímpeto da posse dos corpos, do corpo do Outro como se fosse território de terra manchada, grassa na consciência. Estás tenso, detém-se e ensaias qualquer pensamento inspirado. Mas não estás inspirado. Estás lerdo e chateado. Há dias dizias que o estar-ali-feliz seria o estar-aqui-feliz. Hoje dizes-me o contrário, dizes que esperas por um carro do papá que nunca chegou, através do qual poderias estar-por-ali, em redor de qualquer coisa, cheirar qualquer coisa, conquistar, pelo menos simbólicamente, qualquer coisa. Mas não, está assim há mais de dez anos. E nem tens um rendimento constante, um local ou uma mera ligação a que chamas ou passos chamar de trabalho. Contudo, escreves, pensas, sentes-te activo e és uma pessoa invulgar, que merece ser conhecida. Só que talvez estejas no país errado, com as pessoas erradas. Ou talvez sejas feliz na tua in-felicidade, mais feliz do que os outros. Talvez por isso não te apssaem cartão. Decerto, têm uma certa inveja, senão de ti, da forma como conduzes as coissas, a tua vida, pela forma como falas e abordas as pessoas. É claro que tens maus pensamentos, mas isso irá para a recém-criada bolsa da patologia, não podes dar demasiada importância a isso. Com a tua tese, descobriste inumeráveis coisas não só sobre a natureza do que é ser humano, mas também sobre a natureza do pensar. Poucos fariam tal coisa em tão difícil período de suas vidas. Muitos nem sequer se dariam ao trabalho, a eles basta-lhes ter carro, emprego, mulher, contentam-se com pouco, as tarefas do espírito não importam em si. Mesmo assim, não és de todo um filósofo, porque não entras verdadeiramente na filosofia, sob medo de perder o chão, de enlouquecer. Então

achas um compromisso entre ti e a realidade dos outros, essa antropologia filosófica, meio abstracta meio concreta, que pretende ser uma espécie de chave que resolve todos os problemas, os humanos e os divinos. Estás, então numa espécie de "transe"...

Do transe passei à bonomia, à expectativa, misto de languidez e hiperactividade. Entrei em meditação e cheguei a odiar as tipas de Lisboa, era mesmo um estranho nesse mundo de comunicações e tele-comunicações. Muitos que me conhecem poderiam dizer que mal cheguei à nova casa entrei em hibernação. Não sabia que emprego encontrar, não sabia o que fazer, mas não me esforçava demasiado, talvez não tivesse forças, talvez não quisesse provocar nada, talvez mesmo soubesse demasiado da vida e por isso não sentisse pressão alguma para fazer alguma coisa. De modo que deixava o meu superego comandar as coisas, o meu corpo, o meu espírito, as coisas que fazia e não fazia. Tentava fugir à tendência geral para fazer, fazer coisas e mais coisas que a maior parte das pessoas. Será que no fundo de mim mesmo ainda esperava por encontrar o amor? Será que ainda podia encontrar alguém com quem dormir, partilhar as noites, ser feliz enfim? Não sabia, disso não sabia, era tudo muito estranho para mim, demasiadas mulheres fáceis que se esquivavam, como se fosse um turista sem geito, inexperiente, desageitado mesmo, numa terra tropical e do sul. Encontrava entre os turistas alguma empatia e simpatia, mas não me esforçava muito, não sei porquê. Embora mantivesse interesse nas coisas do amor, também não queria arriscar, não teria muitos amigos, mas ficava por mim mesmo, pela razão íntima de mim mesmo no meu reduto, tentando organizar o espírito para de algum modo ficar no meio de todas as coisas, ou seja, não mergulhar no vício nem fugir dele, brincar com ela como quem brinca com uma bola, como quem se estuda a si próprio nos seus pensamentos, sentimentos, razões porque faz uma coisa, porque faz outra, porque não faz nada e afinal deseja tudo de uma mesma, não sabendo como se controlar quanto aos seus sentimentos. Era de tudo um pouco. Ainda assim, persistia o transe. Esperava encontrar uma coisa ou outro, o amor, desistia das minhas esperanças de construir algo sólido e duradouro nesse campo, devido principalmente à minha falta de sorte,

também não queria ser muito entediado ou agressivo, sabia que essas coisas não resultavam assim. Sentia um fugaz pressentimento de que teria sorte nesse verão, que qualquer coisa haveria de pintar, como diz o brasileiro. Esperava pela ligação à televisão, pela internet e o telefone mas talvez nunca que sentira tão ligado ao mundo e propriamente a Lisboa como nesses dois dias. No metro, sentei-me frente a uma holandesa que me fez olhinhos, andei de um lado para o outro até que regressasse a casa, como sempre. Na Gulbenkian encontrei o Telmo que foi ver uma exposição de Almada Negreiros. Como se não tivesse nem 5 euros para o bilhete, deixei a sua presença pouco depois de o ter encontrado. Boa surpresa tê-lo encontrado por lá. Concluía naquele dia que o que mais me faltava das mulheres não seria tanto o sexo, mas o convívio com elas. Nesse campo, talvez fosse bastante inexperiente, não tivesse tido a devida iniciação ou...deixa lá, não vale a pena pensar assim.

Assim, talvez fosse a solução o sal da vida, aquilo que levávamos de mais importante desta vida. Enquanto uns viam nessa "coisa" uma metafísica, outros vislumbravam nela qualquer coisa de animal ou maquinal, o que também não está mal, quem sou eu para ajuizar sobre tal propósito. Ainda assim, começava a aprontar-me para ser o local que presta um serviço às turistas. Fosse porventura esse o caso, eu entrava nas artes da meditação aproveitando todas as experiências anteriores a este momento, discernia diferentes níveis de percepção em mim mesmo e sabia que os partilhava com muita gente. Evitava o excesso de meditação e sofria horrores mentais, do tipo estar bem disposto e eufórico num minuto e estar profundamente deprimido dali a outro, mas curiosamente, nestes âmbitos, a filosofia ajudava-me bastante, sabia que tinha de voltar a ela mais cedo ou mais tarde, por tentativas, a fim de evitar ficar "preso" num mundo que eu não compreendia nunca muito bem, mas que me fascinava; de certo modo queria andar pelo meio de tudo, nunca me comprometer demasiado para nunca perder tudo de uma vez, tudo de tudo, perdia assim um bocadinho de cada coisa e ganhava um pouquinho de cada coisa. Tal com está esta sociedade portuguesa do século XXI, anos dez, não se pode contar grandemente com o apoio de alguém para fazer

alguma coisa, pelo menos eu não o tenho sentido, não só durante a feitura da minha tese como na minha vida de escritor, talvez porque tivesse escolhido temas marginais à norma, talvez pelo meu comportamento e falta de engajamento, que procurava, não forçando, mas desisti de tudo isso a um certo ponto, percebi que não valia a pena, pelo que o autor não seria necessário, eu continuaria a fazer qualquer coisa, pois tinha um interesse nato pela vida em geral e em particular. Mas talvez também devido à minha biografia, ao meu percurso de vida, quando sabia que a vida de hoje é para ser vivida no momento; uns fazem juízos de valor e vivem disso, outros não o fazem e vivem disso, fazendo talvez mais tarde. Na minha captura ficcional havia sempre qualquer coisa que ficava de fora, não era qualquer coisa de exterior a eu mesmo; talvez fosse eu mesmo que estivesse de fora, por fora da captura. Por outra maneira, compreendi que ter o coração aberto é bom, por mais coisas e loisas nos passem pela cabeça. Percebemos que há pessoas que não gostam de nós, em seus sentimentos e pensamento, que nos desejam a morte, como acontece também com nós mesmos em certo sentido. Essas pessoas podem vir, mesmo sem falar connosco directamente, vir a gostar de nós, a amar-nos. Agora, mais do que nunca, o mundo está implicado; não sei o que aconteceu, não sou eu que o vou explicar filosofica e sociologicamente, mas estamos implicados uns nos outros. Isso faz com que tenhamos, a um certo ponto ou outro, de ceder, de avançar, de trabalharmos o perfeccionismo nas relações no sentido de as fazermos funcionar face a uma visão que privilegia a existência individual -o individualismo no capitalismo, por exemplo- enquanto meio e palco de realização do Ser e pode muito bem ser planteado para Si Mesmo enquanto realização particular ou na relação com o Outrozação de um Ser que nunca está dividido quando se encontra com o Outro. Estas coisas da teoria social não têm muito que sabem, para mim pessoalmente são como uma lengalenga, um rosário, uma viola que toca sempre e mais uma vez a mesma canção, só que essa canção não pode estar sendo tocada constantemente, tem os seus tempos, os seus momentos preciso, como o maestro de uma orquestra que comanda tempo a tempo os seus músicos com respectivos instrumentos. Por exemplo, eu posso estar pensando que sou gay por pensar demasiado na merda e no

cú. Mas às tantas não é isso que define o gay, porque às tantas continuo gostando de mulheres. Como vou explicar? Em viagem tudo acontece, é a descoberta, tudo acontece. Tenho uma teoria quase infalível: todo o estrangeiro, ou estrangeira, que permanece demasiado tempo na mesma terra acaba tornando-se gay, experimente ou não o amor, físico ou espiritual. Muitos resistem e insistem na relação física com o outro sexo, muitos cedem, talvez sejam esses os mais corajosos, aqueles que sabem dar a volta e regressar a si mesmos, mas há aqueles, como eu, que julgavam ser gay e talvez naquela época não o sejam, quer porque continuam fantasiando com mulheres, quer porque queiram partilhar um determinado espaço físico. Talvez esses sejam aqueles ou aquelas que pouco contacto tenham tido na adolescência e juventude com o sexo oposto -na realidade tê-lo-ão tido precisamente com o mesmo sexo- mas agora pretendem, dizem, constituir família, amar convencionalmente. Creio que o desgaste das relações advém disso mesmo, na insistência na posse do corpo do outro como se fosse propriedade privada, na insistência no normal, na normalidade, muitas vezes fazendo o mundo retroceder em suas tendências e formas de encarar a vida, porque todos somos a alma humana, aqui e acolá. Insistência no controle mental, na comunicação e desprezo pelas profissões de estudo, solidão e especulatividade. Ou seja, insistência no momento e no agora, tornando a nossa sociedade uma sociedade do desprezo, do *mépris*, ou seja, tem-se um mundo próprio e o mundo dos outros pouco importa, ou apenas importa enquanto projecção do nosso e nesse sentido o Ser dispõe de escolhas, mais do que nunca, para ser, para se transformar, para se impelir no sentido do Ser Absoluto. Neste sentido, acho que a literatura, a verdadeira literatura, se aproxima mais de algo parecido com Le-Clézio e Bruce Chatwin, em que escritor faz de antropólogo ou sociólogo, à vez, portanto em termos das sociedades tradicionais e das citadinas, interpretando, mesmo em termos baudrillardianos, os sinais dos tempos, do Tempo (no sentido filosófico), como que surfando no tempo, pedindo qualquer coisa como a inspiração, as palavras, a Deus, ou seja, retirando qualquer coisa ao ermo da sociedade para que tal coisa como um texto possa ser devolvido à sociedade ou à comunidade humana. Nesse sentido, o escrito é um *drifter*, um *hitchhiker*, se bem

digo, aquele que não tem carro e anda à boleia, recolhendo experiências, impressões, sinais, aparentemente sem juízo algum de valor, de modo a contar uma história sobre pessoas ou a sua impressão sobre um determinado lugar, uma ou mais vidas, sendo que o fundo é sobremaneira humano na sua admiração face à inoperância do divino, ou seja, respondendo de alguma maneira à pergunta "Porque é que o Mundo não é um paraíso". Na verdade, os grandes livros resultam de grandes depressões, de amores fracassados, de "vãos" da consciência onde o trabalho do narrador é, a maior parte das vezes, descortinar o que está por debaixo do lodo da consciência colectiva, diria, antes e no sono do discurso colectivo, muitas vezes mediático, da sociedade política nos termos do capitalismo de mercado, onde essencialmente a pressão para o êxito, o sucesso, é tal que chega a destruir por completo vidas e famílias. Lógico que o homem feliz, se entendermos a felicidade como o objectivo maior da existência enquanto Homem, é sem dúvida o homem primitivo: só tem de caçar, tem mulher por longo tempo, só precisa de pescar, de tratar da prole, da sua reprodução social e simbólica nos termos de um contexto relativamente restrito. Assim, a cidade é para os desalentados, para os que desejam continuamente, nos entido marcusiano e jungiano, de cultivo da estética, da arte e da libido, as sociedades citadinas são essencialmente culturas de re-presentação, ou seja, de re-apresentar qualquer coisa do âmbito do divino, do original, daquilo que tanto diz respeito é re-produção quando à recreação, no aspecto estritamente sexual, digamos assim. Assim, a sedução planteia-se em movimento contínuo na órbita do sujeito e re-ergue-se como símbolo do cidadão, que se torna feliz quando é bem sucedido, sendo que a solidariedade que se desenvolve é, como nas sociedades tradicionais, da ordem do grupo (restrito), do bairro, do clube, da escola, da associação. Por isso, o escritor funciona então como um agente que interpreta esta falsa separação entre cidade e campo, ilusória, inválida sob o ponto de vista empírico, conquanto em termos limite, estamos apenas observando pessoas, apenas separadas pela sua maior ou menos densidade, aproximadas ou afastadas umas das outras. Mas o olhar do escritor é de outro género, pelo menos assim o entendo. Ele passa como um deus pela cidade, não um deus que julga, condena e prescreve

comportamento, mas como alguém que se abate ante a tragédia do Outro e se compraz em entusiasmar, ele está em estado de empatia, é ou revolucionário ou explicativo de comportamentos enquanto necessita disso para as suas histórias, que terão obrigatoriamente um fundo cenográfico, um momento preciso e relativamente curto que é exalado e alargado em termos mais ou menos oníricos e sentimentais, precisa pois de dados e não basta observar, é preciso falar, lidar com objectos dos senso-comum, falar de arte, de tudo um pouco, ou seja, ele acaba por tornar o que é complicado, dos termos de uma filosofia impenetrável e restrita, não diria vulgar, mas sim acessível, simples, de uma simplicidade confrangedora, por vezes intimista, que arrasa, perfilera venenosamente nas mentes e em certo sentido propulsiona a amar humana para a frente, nos sentido em que lida tanto com conceitos do ponto de vista sentimental, como com a sua relação com os objectos, as quais o homem projecta o seu desejo e sua fantasia, sonho, se altera e enfrenta o quotidiano. Assim, o efeito conseguido será narraar a realidade, a do sujeito e a do Outro, na sua relação, na sua individualidade, na sua projecção no infinito a partir do magma que é, digamos, a natureza humana.

11

Mais um dia, isto segue em termos cronológicos, andando em casa de uma lado para o outro, andando de metro de um lado para o outro, procurando qualquer coisa que não encontro ou pior encontrando num canto e perdendo logo a seguir, tentando ser rigoroso com qualquer ideia, qualquer ortodoxia do pensar quando o sentir vai ficando para trás, deixo-me perder, sou expansivo, calculista, vencedor umas vezes, perdedor outra, mas procurando estar sempre de espírito aberto e cabeça limpa. Muitos conterrâneos meus vão para o Japão, para a Islândia à procura de motivos, inspiração. Talvez não tenham o mesmo olhar que eu tenho ,sobre uma realidade propriamente dita, de algum modo transformo também lama em ouro, perdão, palavras, essas enredam-me a mim mesmo e aos outros de maneira a nos manter entretidos no pensamento, no sentimento, no andrajar que nos leva a ser velhos. Muitas vezes, a maior parte das vezes, a boa disposição não ajuda em nada, nas mais variadas tarefas da vida. Há uma tentativa da psicologia e psiquiatria no sentido de erradicar a tristeza da vida de todas as pessoas, quando todos sabemos que os dias e a vida têm altos e baixos, que é fisiologicamente, para não dizer psiquicamente, impossível, estarmos bem dispostos todo o tempo, todos os dias, ou seja, numa palavra a má disposição é condição da boa disposição. Isto pode ver-se nas mais variadas artes, como a pintura, a literatura e sobretudo na poesia, em minha opinião o olhar mais fiel rasgado sobre a realidade do autor e do mundo. Assim, continuava eu enredado nos meus pensamentos, como Hamsun em "A Fome", andando de um lado para o outro na cidade, desgarrado, incerto, incomprometido e livre. O certo é que era indiferente à festa da maior parte dos outros, resistia por vezes, estava perdido em Lisboa, ainda assim dando conta dos meus passos, muitas vezes fazendo círculos inúteis e procurava um sentido da vida que, enquanto filósofo, queria fosse útil a pessoas além de mim. Assim, uns entretia-me com Deus, o Deus dos mórmons, dos católicos, dos luteranos. Outros viam na arte um meio de reivindicação, outros na política um meio de afirmação. E que sentido via eu na vida para além da demanda de um amor que me resgatasse os dias.

Não seria preferível procurá-lo noutra terra, em Paris, por exemplo, cidade onde havia nascido? Fui-me dando conta que neste particular era pouco exigente, com os outros e comigo próprio. Sempre fora um homem banal, de trato fácil umas vezes, por outras difícil e complicado, desenhando na mente através da realidade conjecturas sobre as mais variadas preposições e situações. Não andava sempre em linha recta, nem angular, nem sequer transviada; andava de lado, lançado para a frente, como se fugisse de alguma coisa ao mesmo tempo impellido para outra. Estranho andrajar esse o meu. Então, o homem que há em mim progride, hesita, balbucia umas meras palavras de circunstância ante as desconhecidas e ensaia sempre ir além de si mesmo, projectando o seu espectro. Procuo pensar em algo para escrever na minha *Crítica da Suspensão do Juízo*, mas será de todo impossível, pois estou só e tenho de me defender da crítica, em sei que bem melhor seria não dar atenção de todo, a escrita assemelha-se ainda no nosso país a algo subversivo e proibido e o bom escritor, por cá, não é o que lê o *turmoil* da sua consciência na experiência com o mundo, mas aquele que diz, no fundo reproduz, o que os outros querem que ele diga. Lisboa parecia-me uma cidade ingrata, que não dava frutos, as pessoas confusas na sua maior parte, os simples deixavam-se abater por um torpor mais ou menos revolucionário, poucos eram aqueles que se preocupavam com a coisa pública, a cidade era caótica, desde o trânsito às pessoas, sim, as pessoas pareciam-me estranhas, a maior parte reservadas a si mesmas, a maior parte preocupando-se apenas em sobreviver, no items trabalhar, fornicar, comer, dizer mal de tudo. Entretanto, compilava algumas ideias para o meu guião ao mesmo tempo que a minha mente estava entupida de ideias para este transe. Não sabia se havia de decretar o seu fim, não sabia se ele tinha acabado, o certo é que estava sendo bastante duro comigo este livro. Mas eu, de uma maneira ou de outra, prosseguia, na esperança quer de estar ocupado, quer de encontrar alguém com quem falar sobre o mesmo. De algum modo, as coisas do quotidiano era tremendamente estranhas, de algum modo eu precisava de uma psicólogo, mas creio que mesmo esses ou estavam pior do que eu ou estavam entretidos com assuntos mais importantes do que eu e do que eles próprios. Mas tinha essa ideia de

que Lisboa já não era um aldeia em ponto grande, quer dizer, para a maior parte era-o ainda e serviam-se disso, mas para mim não o era, pressentia isso porque a pessoas não falavam comigo, não me interpelavam. Tinha portanto de, todos os dias, prosseguir uma demanda em busca de amigos, para não falar de namorada, quando aqueles que estavam familiarizados comigo só me ofendiam e diziam mal, chamando-me maricas, psicótico e tarado. Era essa a perspectiva inicial dos vizinhos, o que me prendia um pouco em casa, mas não por muito tempo, pois não haveria de passar o tempo a apagar essas impressões de mim. Ainda assim, sentia que não estava escrevendo uma obra de monta, mas também não me preocupava demasiado com a fama, sabia que o melhor escritor permanece na sombra, por muitos e muitos anos, até ser descoberto tal qual um tesouro da Bíblia. Os outros, os contemporâneos, levam a sua vida com vaidades e oportunismos que não condeno, mas para a maioria dos quais não estou nem apto nem disponível, sobretudo devido ao meu carácter e honestidade intelectual. A solidão invadia os meus dias e eu cavava fundo na inspiração para fazer qualquer coisa de válido a meus olhos, sabia que estava a grassar bem no fundo de qualquer coisa, de uma corrida longa que não tem fim, cujo caminho continua para além de nós mesmo, que ficamos retidos numa fonte pelo caminho, como se fosse um caminho de Santiago sem fim à vista. Podia estar em França fazendo tudo isto que faço neste momento, mas estou por aqui, onde a vida é mais calma e me proporciona mais surpresas agradáveis e quiça mais admiradores, ainda que não se manifestem e eu tomo isso como um sinal de geral aprovação.

12

Não é para me gabar, mas percebia, neste transe que ora see aliviava ora e intensificava, que elas não me aboradavam porque talvez sentissem o mesmo que eu, talvez estivessem em transe e não conseguiam descer à terra para estabelecer diálogo como um tipo como eu, o mais comum dos mortais, que fazia filosofia e até a negava em certo sentido, porque ela não envolvia, como a ficção, pessoas de carne e isso, com o seu rol de improperios, lamúrias e imprecações. A vida, em certo sentido, era um vício e só fazia sentido nos termos da sedução, andando de um lado para o outro, de frente para trás, em redor (uns dos outros), numa dança contínua e eterna tal qual fazem os índios ou os moçambes em torno de uma foqueira. Enquanto os quadros têm fundo, os filmes têm (pano de) fundo, eu sentia não o ter, sentia ser inesgotável a minha demanda romanesca, noveles, que se embrulhava na reflexão mais ou menos misógina. Assim, talvez não soubesse, mas estava destinado a sair de casa todos os dias para procurar emprego, para captar motivos de interesse sempre novos, numa cidade saturada de conteúdo, a imaginar onde não mais podia ser imaginado, onde todos estavam mais ou menos infelizes com as suas vidas. Enquanto o país conhecia algum crescimento económico, os turistas eram tratados com subserviência, porque em certo sentido precisávamos deles, os locais envolviam-se em contendas uns com os outros, como me acontecia também a mim. Depois de dois ou três dias de estado de graça, ouvia dois vizinhos queixarem-se de mim sobre o meu comportamento: quem seria? Psiquiatras? Psíquicos? Ou meros inimigos de mim mesmo que me queriam chatear, levar ao desespero? Pouco podiam fazer além disso e eu nem sequer estava ali para reivindicar qualquer coisa, estava distante, embutido em mim mesmo e o mundo comigo...enquanto as ambulâncias passavam de um lado para o outro...

Assim, eu esperava pelo amigo americano, por vezes ia até ao aeroporto, beber um café, circular, outras descia até ao Marquês de Pombal e Restauradores, quase sempre a mesma volta, só variavam as pessoas. No entanto, não conseguia encontrar uma mulher (qualquer) há significativo tempo e se ao início estranhava

tudo isso, depois deixei de me importar. Talvez fosse a minha aparência o motivo, talvez fossem meus olhos arregalados, ou os fones, ou a roupa, mas não me sentia integrado e de algum modo não me sentia, estranhamente, mal por isso, estava habituado a estar na margem, a ouvir ofensar. Em nome da literatura? Há algum tempo que me deixava de importar com a antropologia das coisas, faziam de certo modo ainda uma filosofia em estado puro, não era agressivo nem calmo demais, procurava não me deixar abater, o transe abrandava, era Domingo e eu queria aproveitar o sol do dia... De modo que tentava aguentar-me, entre transe e transformação, entre mim e os outros, ocorreram-me diversos personagens mas talvez esta não seja uma obra de personagens e somente a filosofia parece fazer sentido, as estruturas alteram-se, não é fácil manter positividade na vida quando se está só e o lugar, ou pessoas, não te dão emprego nem afecto. Eu sentia-me essencialmente revoltado com essa situação, mas percebia que o que queria fazer enquanto trabalho não cabia no cenário das coisas existentes, e já há longos anos isso acontecia, por isso mesmo me lançara por conta própria no ensino e na formação, ainda que sem subsídio algum. Parecia-me que tirava prazer e vontade de viver de muitas situações onde outros só viam lucro e ganância, a ganância humana que nunca mais acabava. Outras vezes, acabava no fundo de uma carruagem de metro, vendo zombies carregados de droga ou de medicamentos, não sei, afinal na mesma condição que eu. Uns partiam para a agressividade sem mais nem menos, outros deixavam-se acabrunhar pela má vontade dos outros, oprimidos, como aquele miúdo de lentes fundo de garrafa que estava no fim da fila dos escutas, no Cais do Sodré. Uns tentavam viver o mais possível, retirando ou não da sua existência, outros procurava a trip certa, ou seja, a mais agradável viagem, ainda que isso lhe trouxesse dissabores mais tarde. Uns, como eu, fingiam-se duros, outros eram-no realmente, e a propósito de quê não sei, nem quero saber. Uns preocupava-me com a sua amada e a sua prole, outros viam-na como um peso, como eu talvez, impeditiva de prazeres vários que se tornavam mais adiante vícios insanáveis. O *Parque Humano* de Sloterdjick realizava-se em Lisboa naquele verão, ou não mesmo, era apenas, digo apenas apenas, a humanidade, que se desenhava

diante dos meus olhos ainda não puros, a cujas órbitas afluía o meu sangue de mustang, atravessado, mas a mim parecia-me mais uma selva humana, no sentido de ser ainda assim, mais branda e de algum modo calma e carinhosa que outras que eu nunca vira. Sentia que se ficasse mais tempo a Lisboa, sem ir a Riachos, ficaria louco de vez, precisando de falar com um psiquiatra, ainda que tomando medicamentos. Ainda assim, isto, este transe, era de todo em todo ilusório e talvez devesse fechar a goela, como dizia a fufa francesa. Mas não, minha amiga, não fecho a matraca, porque sei que não estou em Paris, estou em Lisboa, onde se pode falar mais abertamente e em segurança sem que nada, ou tudo, aconteça. As forças telúricas instaladas nas nossas mentes tinham de ser libertadas e isso de certo modo aconteceu, está acontecendo, o que é bom, portanto a relação está entre abrir mais a torneira e deitar tudo cá para fora ou fechar completamente tudo, gerando mais ódio e inquisição. O governo tem de lidar com isto e é bom que perceba que as energias psíquicas, telúricas, do povo, têm de ser libertadas faseadamente, de modo a não irromper de um momento para o outro um vulcão, que a maior parte das pessoas, que pretendem levar as suas vidas calmamente, fazendo o que pode e sabem, porque quando o povo se solta é pior que os animais, pode acontecer de tudo, de bom ou mau, mas pode acontecer uma revolução que renove a sociedade de alto a baixo, em todos os sentidos possíveis e imaginários. Afinal, dizem os filósofos, é a vida a fluir, a tua, a minha meu amigo e minha amiga, somos nós acontecendo e em vez de padecer sofrendo, progredimos ousando tentar o ousado e diferente em suas mais variadas vertentes, sabendo que isso é estar vivo.

Acontece, neste mundo e talvez aconteça o mesmo no outro, que muitos de nós querem forçar as coisas, coisas simples e triviais que nada têm a ver com o controle das consciências ou a dominação económica mundial: ter carro, casa, miúda. Acontece que temos pressa de realização e, nesse sentido, tudo se confunde, até batemos uns nos outros aos encontros, como galos na capoeira. Pelo que se sabe, só pode haver um galo por capoeira, assim se distribuem os territórios de acasalamento através do mundo e afinal de contas a psiquiatria talvez este certa, pois coloca ênfase na afectividade, desde Jung a Freud e talvez seja esse mesmo o

segredo: controlar, disciplinar, ordenar as emoções, manter a agressividade controlada, ao que eu acrescento comunicar (**comu-nicare**, pôr em comum), falar abertamente sobre a **situ-acção** que estamos a viver em determinado momento, estratégica ou simbólicamente, planteando o desejo como análogo ao que se chama em arte uma natureza morta, ou seja, um plano de frutas diversas que ora se pode contemplar ora se pode comer, com os olhos ou com a boca. Assim é a realidade: risco, arrisco, tentativa e mais tentativa; desilusão, ganho, perda, consupção, regeneração. De algum modo, os antropólogos e filósofos, para além dos sociólogos, haviam-me deixado só, à deriva, não tinham nenhum sentido de classe, talvez tivessem à espera de que eu pensasse (ou lê-se, o que é bem pior), de uma maneira ou de outra, como eles; mas eu pouco me importava com isso, pois o segredo da vida está no que é banal, não no ilusório, acidental e extre-ordinário. Simplesmente deixei de me importar, não queria guerra com eles, que em certo sentido, armados da sua ciência e sabedoria, eram bem mais chatos do que eu e sem dúvida que não tinham o mesmo sentido de humor. Descobria, assim, a anormal normalidade da minha vida, que eu planteava aqui e além de uma maneira ou de outra, uma forma de felicidade, que ia muito além da disposição de muito dinheiro, jóias, poder, mulheres. Deixei de ser levi-straussiano e enredei pelo caminho do conhecimento de mim próprio, daqui que mais me chegava à vida e me atraía a estar deste lado o mais que pudesse, tirando disso partido, um partido em certo sentido aliado do estar-ali-feliz. Afinal, aquilo que me faltava não faltava verdadeiramente e eu tinha de encarar e jogar os dados com isso mesmo. Não me fazia já sentido ter certas coisas, ser certa pessoa, só para mostrar, só para equivaler, só pra valer. Estava entrando num estado de consciência em que nem do corpo precisava, não tinha de me agarrar à concretude, o meu corpo esguio e alto cortava o vento dem o ferir, beijava o tempo sem o atraíçar e descobria, momento após momento, dia após dia, qualquer coisa que tinha qualquer coisa de singular, memento, especial, sobretudo substituto do mero contacto corporal, amigo do que pensamento que, não precisando ser rebuscado e singularmente ilegível, nem sequer precisava de lutar ou esmurrar cabeças, finalmente a realidade não só estava diante dos meus olhos

cansados, mas era eu próprio em todo o seu significado. Ao mesmo tempo que estava entretido e certas metodologias da verdade, descobria o valor dos princípios e sua ligação ao sexo livre e ao mundo da arte. Estas coisas faziam-me sentido enquanto cientista social, poucos como eu teriam dito certas coisas certamente, mesmo escritores cá do burgo, sem precisar de muitas palavras, a maior parte tinha usado drogas puras ou a mais pura das drogas da gente para conseguirem êxito comercial e interrogava-me da relação entre os sistemas socialistas e capitalistas de governo e sobre a questão de se vale a pena sacrificar o bem-estar colectivo em favor da liberdade individual. Certos países, dizem, haviam conseguido isso, mas talvez com pouco contacto cultural e pouca boa música e comida, já agora. De modo que, as coisas, ou seja, os sexos, os valores, as tendências, planteava-se ante mim e de tanto andar esta ficando fã de Lisboa, que para mim sempre esteve na moda, de modo que não estranhava o estar também para muitos outros. O caminho era árduo, de cansaço, negando drogas que me podiam evitar muitos dissabores e sofrimento mental, mas eu preferia assim, por uma questão de opção; digamos que a catarse, nem que fossem do falar, do dizer, do ouvir, do escrever, permitia-me dar sempre a volta e ficar por cima sem precisar de pedir conselho a outrem nem ter de lutar com muitos adversários. Digamos que, mesmo diante da ofensa, eu mantinha a calma e não respondia, essencialmente diante daqueles que me julgavam feio, diferente, chato, patético, asqueroso, vão. Eu procurava manter a dignidade com que me tinha elevado face à adversidade e não via meio de parar: os personagens são surgiam, para mim, simplesmente porque não queria ser meus personagens, de modo que eu ou os ignorava ou respeitava essa vontade enquanto autor. Por isso desviava para outros caminho, sabendo distinguir ou não entre ficção e não ficção, entre crueza das coisas acontecidas e os balões de ar daquelas que estavam para acontecer.

13

Estava ridiculamente em casa, ouvindo as vozes dos vizinhos siderando-me de todo o lado. Não sabia porquê; porque estava ainda em casa, porque falariam eles me mim, talvez procurasse uma razão para sair, talvez quisesse também que falassem de mim. Não me conseguia abstrair daquela situação, não tinha nenhuma encontro marcado, nenhum convite para alguma coisa, tinha nada para fazer e isso decerto que era já qualquer coisa de monta. Ouvia o rádio e apetecia-me cair para o lado e dormir, talvez fosse mesmo o que faria, descansar um pouco deste transe infinito, que nunca mais acabava, que nunca mais me deixava em paz comigo mesmo. Nunca uma obra me custara tanto a sair. A minha capacidade de inquisição esgotara-se, haviam-se perdido os motivos para tal, andava pelas ruas e nada me dizia alguma coisa de geito, como no início, pensei que tivesse a meu lado uma casa de putas, mas não me preocupei muito com isso, todos estavam mais ou menos loucos, sempre procurando ora algo de novo, ora coscuvilhar. A vida desfilava-se ante os meus olhos; umas coisas eu percebia, outras não pois não era dali. Mas sabia que não iria mudar de casa tão cedo, por isso resolvi ser feliz. Mesmo o sucesso não me ocupava, não me preocupava, queria apenas estar entretido para evitar a loucura, estado no qual havia entrado por diversas vezes e do que havia também saído diversas vezes. Estava inconsciente dos meus poderes mediúnicos e de ler os pensamentos às pessoas, não o usava, como muitos, para proveito económico nem queria saber disso, apenas me preocupava esta obra, ou não, já não, apenas queria descansar desses dias. As palavras não apareciam, o meu espírito estava acabrunhado de vozes, revoltara-me uma vez, talvez não o fizesse mais, tinha um monetão de coisas importantes para dizer, mas só me apetecia dormir, descansar e deixar a minha mente operar em si qualquer coisa de significativo. Era tarde para me arrepender de alguma coisa, tinha de continuar o caminho, mais e mais. Na minha qualidade de escritor, talvez estivesse simplesmente errado. Talvez não houvesse transe algum ou fosse coisa inventada por mim, pois andando de um lado

para o outro da cidade, notava curiosamente que as pessoas não falavam comigo, não me interpelavam. Isto podia dar sei bem onde e eu procurava ter algum discernimento nas coisas, no trato das pessoas, mesmo quando sentia soberba e orgulho, procurava capitular a fim de acertar as coisas aqui no livro. Por outro lado, o que me estava acontecendo não podia passar em branco, assim como eu não podia passar sem o papel em branco, melhor, o écran. Vivia como que uma vida americana, uns dias americanos, procurando morada e trabalho e culpando a sociedade em geral por tudo isso, talvez porque o meu sentimento de culpa em relação a mim próprio fosse de algum modo insuportável. Sentia que grassava em certas coisas novas, que descobria qualquer coisa de novo mas tal coisa ao mesmo tempo mudava e não mudava as coisas. Para já, mudava-me a mim, que envelhecia a olhos vistos. O porno estava bem longe do horizonte, talvez por isso me sentia (temporariamente) pior. Se insistisse talvez conseguisse uma certa serenidade de espírito e discernimento dali a um par de dias... Por isso pensava na minha mãe, andando de um lado para o outro, no jardim, em casa, lavando a loiça, pura como eu nunca fora, sofredora, em grande parte por mim, meu coração contorcia-se e sentia um apertão forte no peito, por isso não sabia por onde me virar. O que se passava comigo não era invulgar ou único. Pressentia que muitos estava fazendo o mesmo, sentindo o mesmo e o meu ofício de antropólogo dizia-me isso mesmo: vida difícil, sofrida, injustiçada, sem dinheiro nem o afecto de uma mulher, como se fosse a reencarnação de Giordano Bruno. Olhava o meu aspecto: estava feio e com o cabelo desalinhado, tinha os dentes a cair. Tinha de fazer algum coisa. Se tudo isto fosse um baila, eu continuava dançando só. Nesta jornada, não tinha tido amparos de ninguém excepto da família: nem namoradina, nem amigos. Perdera um, o que sobrava estava enlouquecendo tornando-se rude e vão. Todos procuramos, uns aceitando essa procura outros não, todos procuramos ser felizes ou simplesmente seguir um determinado caminho. Assim que lá chegamos, estranhámos ter chegado, querendo prosseguir para diante ou mesmo voltar para trás. Ora, se o objectivo da vida é a felicidade, essa felicidade consiste precisamente no caminho, no andar, no procurar, no prosseguir, não propriamente na chegada, ainda que possamos seguir

um novo caminho depois de termos chegado. O que para mim pode ser o princípio de regulação da vida colectiva é a consciência, seguindo karl Jung, do magma psíquico em que estamos todos mergulhados, como se estivéssemos a boiar num grande oceano de felicidade. Enquanto uns entram em pânico e esbracejam, indo ao fundo num instante, outros deixam-se estar boiando horas e horas, dias e dias, com o maior dos à-vontades. A felicidade não é coisa de instantes, momentos fugazes, como num concerto ou numa relação ocasionalmente incerta, pois logo queuremos repetir, querendo mais e mais não sabendo exactamente o que estamos fazendo. A felicidade é um trabalho, dá trabalho, envolve todo um conjunto de situações, movimentos, aproximações, sentimentos. Por vezes, depois de uma vida de luta, só somos felizes em velhos. Outra, depois de uma adolescência atribulada, conseguimos endireitar o barco em adultos. Portanto, esse ser feliz é aceitando o que acontece em vez de estarmos constantemente irados, mesmo que tal aconteça frequentemente. Para mim, que descobri os efeitos benéficos da meditação, recorrendo a todas as minhas experiências de vida, o caminho é mais ou menos como uma moeda. Tanto pode estar virada de um lado como do outro; quando estou em baixo, desconfio que não vai durar sempre e dali a um instante ela vira. Cabe-me a mim gerir essa moeda de duas faces. Em certo sentido, simbolicamente, representa o Bem e o Mal, se me quiserem entender. É uma bitola pra ler a realidade, não um forma de maniqueísmo. Mas há outras formas, como a aceitação de tudo e a anulação de tudo...

Estava lembrando o ditado filosófico que diz haver três tipos de pessoas, aquelas que pensam e se dedicam aos objectos, aquelas que pensam e se dedicam às pessoas, aquelas que pensam e se dedicam às ideias. Contrariamente ao que pensava e à norma comum, não são os que se dedicam às ideias as mais interessantes, mas aquelas que se dedicam ao três tipos de formas existentes no mundo e eis que cheguei à imagem do antropólogo. Ele estuda pessoas na sua relação com os objectos enquanto produtores de pensamento sobre essa relação, para além do pensamento emanado da relação das pessoas entre si.

Corria o meu pensamento pela cidade, enquanto alguns me ignoravam, o que eu não censurava, outros insultavam-me gratuitamente, quer por me conhecerem, quer por estranharem o meu andar, neste país pequeno. Mas uma coisa era certa; neste povo de Lisboa, reduzido em número, eu podia muito bem argumentar que haveria uma conspiração contra mim, impedindo-me de conhecer alguém, impedindo-me de trabalhar, mas não tinha certeza disso, a cidade era bem grande, muito maior que o meu pensamento, nem fora nunca meu objectivo abarcar tudo isso, mesmo quando me armei em Rei de Lisboa. Sim, talvez estivesse errado, muito errado e sendo demasiadamente teimoso. Talvez a realidade fosse qualquer coisa que eu nem suspeitava que era, talvez o transe estivesse para acabar: eu desejava isso para poder viver uma vida normal e pressentia que este *Transe* não me pedia um transe até ao fim. Abandonei as minhas pretesões de captar uma realidade mais ou menos etnográfica, pois estava sozinho nesta demanda e, embora não estivesse bem afectivamente, de alguma maneira ou de outra podia prosseguir os meus sentimentos, os meus pensamentos acerca de qualquer coisa de determinado e útil e precisade certa forma precisa, para mim e para os outros, pois este era o cenário que se me proporcionava e face ao que acontece não podemos inventar muito, mesmo que saibamos que a partir do nada podemos imaginar o infinito projectado num rosto eivado de baton, que não vem ter connosco e que foge ao seu destino. O que de mais certo tinha naqueles dias era a forma de viver, incerta e inconstante face às coisas, procurava não forçar nada, aliás sabia que tinha apenas a minha família, ao longe, os meus vizinhos e um ou outro conhecido. Desistira então da demanda por um coração feminino, envolto e embrulhado no torpor citadino, na diversidade, na adversidade. Ainda que arriscasse o bastante para me sentir vivo, não podia arriscar demasiado, mantinha-me atento ao que me acontecia sem deixar cair o acessório, sem deixar de me focar no fundamental. Afinal, a vida na cidade não era somente aventura mais ou menos irresponsável mas qualquer coisa de tragicamente divertido. Eu pensava: se não estou bem, se estou no meio de um surto psicótico, como poderei ajudar os outros? Aí pensei, gostava de ajudar os outros e não podia ser desonesto comigo mesmo e com aqueles que pretendia ajudar. Mas

uma coisa era certa, como dizia a rádio: eu não experimentara drogas ainda nem fazia tenção disso, deste que me tinha mudado. É claro que havia tirado duas passas de um charro em Paris, há três anos, mas também havia ficado sem medicação e comida durante cinco dias. Por isso a maior parte das pessoas que olhavam para mim, umas conhecendo-me outras não, riam-se, faziam críticas, comentários, ainda que na maior parte das vezes eu nada respondia. Outras respondia, lá calhava. Mas era manifestamente contra as drogas, pois já tinha aquelas que tomava devido ao meu OCD e talvez isso me torna-se visivelmente esquisito e estranho, quadrado, complicado, imagem pouco agradável às mulheres: elas gostam de um tipo de cabeça leve, despreocupado, zangão, que as proteja, que seja ríspido. A maior parte delas, as modelos, tipo que tem uma espécie de cabide mental na cabeça e não sabe pensar senão por ela própria. Essas tipas belas e de corpo bem feito geralmente não observam o mundo exterior, estão como que tapadas em si mesmas, exigindo que o mundo olhe para elas e as contemple, mesmo que elas virem a cara. Nestes, como noutros assuntos, eu estava preso no labirinto da linguagem, nos códigos da língua e nesses dias de transe, tudo me dizia algo ou alguma coisa (isto é estar doente em termos mentais?) e lembrava-me dos escritos de Jean Baudrillard e Georges Bataille, entre outros, que me ajudavam a ler e ver a realidade de acordo com determinadas funções e sentidos nela estratificados ou descodificáveis, tudo se poderia reverter em termos de linguagem, neste particular a língua portuguesa, mas acabava, como muitos e muitas, cansado e cheio de relatórios e escritos intermináveis. Seria fácil (ou difícil, no sendo em que me perderia mais facilmente em termos de sentido), o caminho da arte psictórica, da música, da poesia. Eu fazia alguma coisa mas não era de todo um estratega, um oportunista face ao que acontecia. Estava preso na língua portuguesa e o meu trabalho era escrever, sempre fora, operar sentido por esse modo, talvez mais nobre e por outro lado mais difícil, no sentido explicativo, sim, eu explicava, dava conta e explicava, anotava, concluía e chegava sempre a mim mesmo, ao lugar de partida, ainda que a viagem fosse agradável o bastante, pois eu não era essencialmente dali, daquela cidade, mas atenção, estava me tornando qualquer coisa como um local, com um certo sentido antropológico nos termos de

uma certa cientificidade e não desistia, pois estava certo, por isso era generoso, por vezes amável e divertido e quando me revoltava procurava conter-me, era essencialmente um diletante, aquele que passa e não compromete, que é sempre útil pois atrai mais gente, por vezes gente endinheirada e cansada de um vida demasiado exigente, que quer coisas simples para comer, falar, observar, coisas que não cansem o espírito, divertidas e fanfarronetes por vezes, mas em tudo isso é a vida que decorre e nós no sangue (interno) dela. Depois, a minha relação com a polícia: uns admirava, outros nem tanto, mas deixava-lhes fazer o seu trabalho, quem era eu, ainda por mais sozinho o tempo todo. Mas estranhava perseguirem-se como se estivesse fomentando uma revolta, não era de todo o caso e enfim neste caso o desafio seria como ser livre pelos interstícios da lei e da ordem, isso seria o maior desafio que qualquer cidadão português teria de enfrentar. A perspectiva evolucionista ajudava-me a ver a questão da raça, das raças, de um modo estratificado, ajuda a orientarmo-nos, mas sentia que muitos me viam como racista só por ser antropólogo e muitos se safavam só por seres literatos e beberem uns copos para esquecer o assunto, mesmo que não tivessem nenhuma explicação a acrescentar à de um Wierviorka, de um Leroi-Gournham, de um Lévi-Strauss, de um Marg Augé ou Georges Balandier, para não falar de um Marcus, de um Bateson, de um James Clifford ou Jan Vansina. Assim, o meu espírito aguentava todos os comentários desagradáveis, os agradáveis eram pouco e ao fim da tarde, em casa, bebia um Sumol de Ananás e fumava um Camel.

14

Acontecia-me a mim que a muitos que se impertigavam diante de mim, pretendendo ser melhores do que eu, ou mesmo àqueles que me acercavam como que pretendendo de algum modo colocar-se em posição subalterna, eu pensava fortemente, quase em voz alta: amigo, não precisas disso, mesmo que seja pra papar gaijas, eu sou franciscano, essa coisa dos estratos e dos altos e baixos é tudo uma treta, somos todos iguais. É claro que em termos de disposição social, bem como de condição económica, somos todos diferentes. Mas o que é isso face ao que nos une comumente, o facto de sermos todos humanos? Basta ouvir o Papa, que não é franciscano por mero acidente e eu julgo mesmo que a contribuição da Igreja só será decisiva na sociedade global quando for eleito um bom franciscano, melhor ainda do que Francisco. A Igreja tem de fazer esse esforço, porque a maior parte dos homens, nomeadamente jovens estão cheios de referências, pouco respeitam os mais velhos, poucos sabem ouvir, querem furar a todo o custo. É a vida? Eu raramente fui assim, por isso não venham com coisas dessas pra cima de mim. Lamento não estar construindo uma obra plena de personagens, ao geito de Proust, envoltas umas nas outras em determinado tempo e espaço, romanticamente, com fim feliz. Lamento ser crítico, mas é este o meu ponto de vista, essencialmente porque percebo que o mundo está desgovernado. Não é minha intenção captar tudo, observar tudo, relatar tudo, nunca será esse o meu trabalho, para o qual nem sequer sou pago. Também tenho as minhas ambições profissionais, mas não pressiono, mesmo que seja ultrapassado por muito, sei que a maior parte desses, viciados, no ganhar, acabarão num canto, tristes e só. E, por enquanto, cá vou andando, com a minha respeitabilidade e hábitos, com muito objectivos e realizações intactos. Mas não tolero que me chateiem com merdas quando recebo 235 euro por mês e estou desempregado há mais de dez anos, dependendo da ajuda da minha irmã, assistente social, com dois filhos. Portanto, não dá para tolerar mais, vou voltar à carga, lutar pelo que é meu, nem que seja só. Apanhem vocês os morangos e comam-nos, bom proveito.

Outras vezes, o transe transformava-se em êx-tase, em delírio a propósito de sentimentos mais ou menos sensatos e benéficos, mas nem sempre estes sentimentos interessavam. Por vezes, precisamos de estar mal-dispostos para resolver certos assuntos ou ficamos mal-dispostos quando não os conseguimos resolver. Entretanto, encontrei o americano no metro; nestas coisas é melhor deixálos andar em liberdade, não gostam de condicionamento. Estava de chapéu e calções. Não me atrevi lançar mais do que um olhar de relance. Pode ser que o encontrei algures por aí. Ouvia pelo fones vários contos em inglês sacados de UnFiction, um sobre um portador de OCD, outro sobre um soldado da guerra do Vietnam, outro sobre um iraniano condenádo à solitária. Aprendia a relativizar as coisas, estava longe de fazer algum trabalho de campo, ainda tinha algum sentimento nesse sentido, mas preferia entregar-me ao que Merleau-Ponty diz ser a "prosa do mundo", deixar-me levar nela como se estivesse dentro de um barco em alto-mar, desguarnecido face aos elementos (e alimentos) e totalmente dependente deles para atracar em bom porto. Deixei de me interessar das coisas, não que fosse fraco por desistir, simplesmente muitas coisas não faziam sentido. Como por exemplo, dirigi-me à Faculdade de Letras e avistei dos polícias. No regresso a casa, avistei mais outro. Estavam no meu encalço, teriam sido certamente avisados por gente do poder, político e académico. O mais estranho é que o meu partido estava no poder, logo podia perfeitamente ser alguém do meu partido ou simplesmente um vizinho meu. Via as coisas dos dois lados: se não queriam o meu empenho, não forçaria, não contariam mais comigo, se alguma coisa lhes acontecesse, nunca lhes daria a mão. Por isso voltei-me a interessar por outras coisas, não só devido à falta de interesse de certas pessoas por mim, como encontrava interesse noutras coisas: leitura, meditação, escrita, passeio. Era feliz por aqueles dias e não estava aberto a nenhum relacionamento. Tinha dado tempo demais e oportunidade demais. Agora, era um tempo diferente, o do passado, o do futuro, o tempo dentro e fora do tempo, o grassar, o vagar. Outras vezes, quer no metro quanto em casa, não sabia o que fazer, o que pensar, o que dizer, o meu pensar, pensamento, sentia-se encurralado, encostado à parede e sem dúvida que a maior parte dos meus pensamentos tinha a

ver com OCD, apesar de tomar medicação, mas outros bem mais "normais" encadeava-se e entrecruzavam-se com esse pensamento hegemónico. Assim, eu andava de um lado para o outro, no meu labor, quiçá uma forma de trabalho filosófico não tanto à minha maneira mas sof uma forma relativamente pessoal. A minha mente sempre teve vontade de se expandir, de se alastrar, son a forma política ou de sexo desenfreado, em todas as direcções, em todos os sentidos, semiologicamente falando. De modo que a minha OCD travava isso, para além do hábito de fumar e condensar em mim mesmo, num determinado lócus, ou depósito da mente, como se ela fosse geométrica, qualquer coisa que ia do âmbito da teoria, especialmente da teoria filosófica sob a forma de jogo com os objectos, as situações, as pessoas, o linguajar. Tirava assim conclusões sobre o que acontecia e reparava que a minha tensão, parecendo desagradável, era benéfica, pois em certo sentido eu era, ou significava, uma espécie de pára-raios para alguma gente. Nesse sentido, nos termos da sociedade contemporânea, eu fazia um trabalho como que de psicólogo, ou seja, antropólogo gratuito para toda a gente e mal-pago. Que podia fazer eu? Eu era assim, gostava de pôr as pessoas à vontade, resolver problemas, falar com elas, rir com elas. Era o meu dom, sempre fora, só que muitos o haviam tentado abafar, mas não conseguiram. Por isso também as mulheres gostavam de mim, era um tipo atraente e engraçado, divertido, descomplexado, não as punha em xeque e aí elas ficavam desarmadas e com o coração a bater com força, por mim sei lá. O Zen dizia-me para não pensar nos problemas, que de uma maneira ou de outra é uma forma de os esquecer, pelo que eu tinha em linha de conta a mesma aventura de sempre a que estava acometido. O trabalho. Mas estava já cansado, melhor, cansava-me rapidamente e por vezes enervava-me bastante com as pessoas. A minha indignação era tal que por vezes apenas queria isso mesmo, zen, e esquecer, esquecer para sempre e levar a coisa de outra maneira, menos competitiva, sabendo que tinha uma razão de fundo, que nunca deixaria, de uma maneira ou de outra, de ser antropólogo, mesmo que tal fosse para muitos um obstáculo para se relacionarem comigo e mesmo que tivesse sob essa condição dificuldade em arranjar emprego. Assim, concluía também que muitas vezes não falamos por receio de que quer a

nossa palavra quera nossa escrita transforme ou modifique as coisas, a realidade. Ora, a vida é de tal modo que se tal acontecera nada de mal virá ao mundo e também podemos falar sem que aconteça nada, podemos estar calados ("sem falar") e vão acontecendo as coisas, nos subterrâneos. Depende da forma como olhamos para a vida: há quem olhe para ela como um desafio, uma aventura incessante; outros olham para ela como uma oportunidade soberba de fazer coisas e mais coisas, realizar, realizar-se. Neste sentido, a luta de classes desenhada por Marx é meramente cíclica, apenas representativa de um certo tempo: o poder absoluto em breve decai em pobreza e desgraça absoluta para aqueles que o exercem, sendo que a forma como lidamos com ele diz muito sobre nós. E podemos aprender a lidar com ele. Depois, a literatura torna simples e diria até banal, ou mais refinado conhecimento filosófico. A meu ver, os campos interpenetram-se, comungam um do outro quando há sentimento e sentir do pensar, reflexão. Nada que dê mais prazer. Atrever-me-ia a dizer, mesmo que um orgasmo propriamente dito... Pemo que, neste sentido, o filósofo de hoje, em geral, perdeu o sentido estratégico da sua vida e do saber em geral, ante o espartilhamento da realidade, nos termos real e virtual. O homem comum também o perdeu, por outro lado aumentou o número de estratégias, de jogadores, de sujeitos que, ante a apreciação da realidade e dos contactos, acaba por decidir como caçador ou predador, quer face à questão económica, do emprego, das mulheres. O seu mundo, a sua mente, está plena de sentido técnico-táctico e conhece no futebol um ponto de apoio da vida enquanto tecnicidade, estratégia, afirmação da vontade ou simplesmente do instinto, que pode ter várias qualidades, quer no sentido legal quer no sentido ilegal. Assim, o risco e a oportunidade fazem a sociedade da cidade e isso as mulheres, certas mulheres, normalmente ôcas, apreciam, o que leva ao amor físico e à realização dessa oportunidade em algo que é seco, se esgota em pouco tempo e no geral é frete e infértil. Permanece por aqui, no entanto, um sentido do outro e da humildade ante a autoridade e/ou o saber. Por isso me sinto coagido e agitado. Noutros contextos, as coisas, os sentimentos, as aspirações, estão devidamente arrumadas, engavetadas nas respectivas gavetas da estratificação social. Muitos há, como eu,

que procuram analisar estas realidades, mas tendo suporte institucional, tal torna-se muito fácil fazer, dado o conforto que a institucionalidade de espírito confere, enquanto outros andam de um lado para o outro, em redor, para trás e para a frente, quiçá encontrando realidades, não somente metafísicas mas também concrecionais, muito mais válidas e justificativas do que acontece, do que aconteceu, do que se deparou com eles mesmo. Outros refugiam-se em certas épocas históricas e vivem como que drogados por determinada fase da histórica ou estilo artístico ou arquitectónico. Poucos são os que tomam o pulso de presente e o transformam em algo de significativo, extirpando dele sentido e responsabilidade, habilidade e saber em todos os sentidos. Assim, eu prefiro olhar para a moça da paragem, com quem não começo conversa porque logo vejo que o seu estilo não é de abordagens fáceis, mas fico ignorado de mim mesmo quando deixo o espaço cerca dela e me afasto progressivamente no autocarro para casa. A vida, o dia, o quotidiano, é feito destas desilusões, destas faltas de conversas, enquanto ouvimos um polícia dizer mal de nós na cara enquanto conversamos calmamente o café, isto é, dizendo mal dos emigrantes, mesmo sabendo eu que grande parte dos emigrantes, nomeadamente os que estão em França, não dizem senão bem de Portugal. Na verdade, foram eles que tiveram colhões para o **salto** e muitos permaneceram por cá por comodismo ou bem-estar, mesmo sabendo que eles, os emigrantes, não deixavam para trás grande coisa e, por outro lado, teriam de ser eles a representar o país, em todos os sentidos e humores, além-terra e além mar, como muitos africanos em Portugal, como muitos beirões, minhotos, algarvios ou alentejanos em Lisboa, mesmo que viajassem só para mudar de vida e de hábitos e disposição de espírito, não tendo na maior parte dos casos, melhorado significativamente a sua condição social.

Se o objectivo da vida (humana ou outra) é a felicidade, dependerá esta de nós? Dever-se-á procurar, perseguir, a felicidade, ou esperar por ela, como o caçador espera pela sua presa? Não dependerá ela de factores externos, tal como Deus? E Deus está, de algum modo, a existir e toda a sua acção, dentro de nós? Não somos nós mesmos Deus e nós mesmos o operador da felicidade, que é qualquer coisa que está dentro de nós? Existirá para todo o sempre essa ideia de Deus, quanto mais não seja em termos profiláctico ou enquanto bitola da ciência? Como pode o homem singular pretender obter ou sentir, de algum modo, felicidade? O que é então, na realidade, a felicidade? Regimens austeros, princípios e com isso de algum modo estar fora do seu tempo, refém de um tempo anterior a si, disciplina, religião, exército, dever, circunstância? Ou então *trip* e divertimento, vai-nessa, carneirada, facilidade, irrepsonsabilidade, riso contínuo? Como se pode sentir felicidade toda a vida? Será possível apenas depois de um vida de sacrifícios e trabalho? Ou será o resultado de um investimento, um investimento em si? Danial de Botton diz algo sobre isso. Savater também. E Peter Singer, ainda, também. Pode ser-se feliz ante uma patologia psiquiátrica? Ante uma dor crónica? O cérebro não é plenipotenciário da vontade do homem, do sujeito, do Ser. O cérebro tem limites, mas a alma não, por isso deve-se puxar pela alma e esta tem qualquer coisa de mais erótico do que a mera pornografia, ou seja, a união do corpo com o espírito, o balanceamento da vontade no tempo, no infinito, no Ser de si mesmo propulsionado numa relação com o Outro, desejando ardentemente em termos de corpo e de espírito, como um só. E isso poucos fazem, a maior parte deseja apenas com o corpo, porque é sómente corpo, a sua mente é corpo e pensa em função do concreto, do corpo, nada mais. Por isso são almas limitadas, reagem a qualquer ofensa, não são dotadas de alma, de conteúdo, de paz, de serenidade e consciência de si mesmo, está sempre além, sempre em jogo, sempre em estratégia, em lanço, em vonatde de lucro, em ganância pura. São animais, carnívoros, territoriais, só se sentem bem no seu quadradinho de terreno, e quando estão fora dele são ratinhos assustados, não tendo qualquer consciência nem diplomacia. Há muitos homens

assim, que vêm desafio e excitação em tudo. Mulheres também. Talvez porque nunca gostaram da escola nem cresceram ou sofreram na adolescência. Por isso ninguém os pode incomodar, estão em transe constante, sempre em cinema, sempre a filmar e serem filmados, sempre em realização pensando que se aproximam do infinito, mas estão na verdade afastar-se dele. A verdadeira felicidade depende de uma forma determinada de equilíbrio, sensatamente entre o corpo e a mente, entre a alma e o invólucro. Quando se descarna a alma ela perde a sua graça. Por outro lado, há filósofos que insistem obsessivamente no racionalismo, na racionalidade como panaceia das angústias, mesmo as psiquiátricas, por isso passam o tempo a recolher motivos de interesse, a ver o que há de novo, a analisar, determinar, reflectir, na natureza humana. São aqueles que são verdadeiramente ambiciosos e assutadores enquanto pessoas, estão no mundo e dentro da sua biografia para pressentir rasgos na realidade e oportunisticamente dar conta dela para suas teses e artigos académicos. Isto é próprio do ocidental, a filosofia enquanto ciência, a ciência enquanto filosofia. A filosofia ajuda à felicidade, mas não é essencial a ela. O filósofo procura, esgravata, na realidade, na sua mente que ele pensa poder explicar tudo, quando no fundo não encontra nada de especial, talvez apenas somente lama, nada mais. As coisas têm uma simplicidade assutadores e daí a sua realização em termos de felicidade, quando não pediamos demasiado delas, da vida, de nós mesmo, sabendo dosear o esforço e ter um certo sentido de precisão quanto à relação com os outros. Apercebi-me do erro de grande parte da filosofia, que é na sua maioria falocêntrica, quando notei que os textos filosóficos não fazem menção a pessoa alguma, a lugar algum, a espaço algum, logo senti enorme orgulho em ser antropólogo, pois ele é aquele que liga tudo, enquanto deixa o filósofo desprender-se e muito provavelmente enlouquecer. Mas, puxa, ante a beleza e graciosidade de alguém que amamos de repente, em termos de corpo e espírito, nada se desampara, nada equivale a isso mesmo e parece-me que em certo sentido o desejo está banalizado, noutros termos não o está porque os seus agentes, quando o praticam em pares ou em grupos, talvez estejam querendo fazê-lo com toda a humanidade, foder com o Homem, foder o Homem, ainda que se libertem de nós, do nosso

espírito e da nossas idiossincrasias, impulsos (e repulsas) de violência contra o Outro, outros de aproximação e "achegamento" a Si, impulso repulso, repulsa, ódio, violência, espasmo, dor, tudo isso "faz parte" (o boxe, por exemplo, não é mesmo sinal disso?). Portanto, foder é a mais bela coisa que há, a verdadeira e última droga, sobretudo quando se não se fode, ous eja, se pensa nisso (é tão bom...), o espírito adentra-se, admoesta-se, joga consigo mesmo, em Si Mesmo, bêbado até do perigo em que se engeita e doutra forma se domina e lança, de adentra nesse impulso, nessa fuga para a frente, ainda que sentido a prisão do passado arrastada em Si mesmo, como que carregando uma referência, um estrelamento, uma cosmicidade, uma revelação de si mesmo no final, como o corredor, como o actor no final da peça, onde se alternam e substituem partículas do pensar, seja grosseiro seja minimal, seja tradicional seja pós-moderno, seja senso-comunicativo seja retórico ou intelectual.

outros dos seus males, sendo sempre infelizes, arrastando-se pelas ruas, e suas casas, quando muitas vezes são culpados eles próprios não só pelos seus males, que não conseguem sanar, bem como pelo mal de outros, bem menos culpados do seu. São os chamados gorilas que não evoluem, que deixam crescer a barba quando vão abaixo, que deixam crescer algodão na púbis das axilas, que tomam banho obsessivamente como se tivessem a impressão da culpa de beber, do pecado ou de outra certa desenvoltura solta de soltura. Tipos como esses podem nunca errar, mas sempre se vão arrastando, não compreendendo a diferença entre errar, cair e levantar-se logo em seguida e continuar o caminho, ainda por cima dando lições, tipos desses não dão lições a ninguém, pois nascem já dotados de uma qualidade de foder o juízo aos outros e nada fazer de válido na vida, nem percebendo o alcance da mesma em todos os sentidos. Assim também, descobri que os negros são todos franciscanos sem hábito, dada a colocação da sua pele, com variantes diversas. Os outros são dominicanos ou carmelitas. Aprendia, então, a dar, como era exemplo da terra, a não exigir demasiado de mim próprio, no sentido do espírito alemão das coisas, em termos de escrita, música e pensamento e via na idade adulta uma oportunidade para avaliar e aprender, sempre aprender, sobretudo com aqueles que são mais novo e com os mais idosos, em pequenos momentos, em situações diversas, mesmo que sentisse um aperto no estômago e o espírito se retorcesse, se contornasse logo em seguida, e se consertasse logo mais adiante, numa esquina imprevista. Então, tinha-me a mim enquanto "descriptor" de mim mesmo, que não era eu mesmo mas o outro, ou seja, eu falava em nome de alguém quando pensava que falava em nome de mim mesmo, num certo sentido sob as formas de um espelho translúcido e para além do mais invertido. Sim, a vida resumia-se à sedução, sob diversos aspectos, para além da competição entre machos. A verdadeira e romântica fêmea aproxima-se do macho e não o contrário. Isso é que é bonito, pois sabe que ele não se tornará agressivo diante dele quem bem sabe também nas costas, pois estará eivado do seu perfume feminino interestelar. E ela lá estava, eu sentindo o coração bater e de nada me valia o cientismo das coisas e das pessoas, nem podia oferecer-lhe um cigarro nem sequer entrar em conversa

com ela, no local onde encontrara Brigitte a jovens e frágil miúda que trouxe a casa no outro dia, lá estava, o mesmo tipo de miúda, bela e inacessível. Mas eu desconfiava que se o autocarro não tivesse vindo tão cedo, o meu autocarro, eu acabava por entrar em conversa com ela, mesmo que me saltassem os óculos iguais àqueles que encontrei no chão da casa de banho, algum que havia levado uma chapada como eu, isto do mundo, se é que é mundo, moderno, não perdoa, não nos podemos meter com todas as pessoas, podem parecer bonitas mas às tantas não sabemos de onde vêm, são violentas ou simplesmente não estão interessadas em nós tanto quanto estaremos interessadas nelas, eis o estilo, tá-se a dizer, creio que o quotidiano em que estamos mergulhados é como a internet, temos um écran, podemos tocar-lhe, mas nunca chegamos lá, adoptam-se diversos dispositivos, auscultadores, acessórios (como na casa das putas), filtros comunicacionais, coisas que os mais velhos chamam de modernas (modernas no além, em relação ao além que é o Outro, em certo sentido), por exemplo, no metro, estamos lá, no meio daquela gente toda mas é um risco tocar em alguém, falar com alguém, dizer uma graça ou uma baboseira, temos de ver muito bem o que pensamos e pensar muito bem o que dizemos, por outro lado é bem mais giro ao vivo, não traz os mesmos frios, cruéis e injustos desapontamentos do virtual, se bem que o virtual é bem mais desafiante e em certo sentido, honesto. Entre uma e outra coisa, deva-se escolher. Ou então as duas, a mistura das duas, em relação de ambivalência em termos de esquerda e direita (Luc de Heush, princípios do século XX). Assim, eu mesmo, tendo mergulhado nos mistérios e sabedorias diversas da filosofia ocidental, nos termos de uma antropologia filosófica, tendo conhecido desapontamentos diversos e nenhum incentivo, próprio dos pioneiros, afiei esse sentido de excitação ante o algo novo que estava descobrindo, alternando entre concreto e abstracto, pois sabia muito por dentro que devido à forma de ser do meu pai, eu nunca seria um verdadeiro especulador, seria sempre o homem que estabelece a ligação, as ligações entre as coisas e as pessoas através do sentimento e da paixão. Um pouco como o português pelo mundo. O meu coração endurecia, eu precisava de um emprego para me apaixonar, sabia que se me apaixonasse as coisas podiam não correr bem, podia

perder-se, na verdade, dava-me contente e feliz por acontecerem determinadas coisas comigo e poder realizar alguma coisa, porque não estava num convento numa prisão ou preso a uma universidade, estava solto e desenfreado como um cavalo, desejando que o Calinas, lá de Riachos ficasse bom para voltar vê-lo a jogar bilhar com o Dani e o Zé Caetano e mesmo que a minha terra não me tivesse dado mulher alguma nem trabalho, mesmo que esta minha terra não me desse trabalho nem mulher, sentia-me feliz, pode parecer parvoíce, não só porque havia muitos mais comigo, na mesma condição, como o sociólogo loiro que estava sentado no Saldanha e que eu tentava animal dando uma moeda e uma palavra. Ela não me fugia do espírito, abanva a cabeça, puxava as orelhas, atormentava-me o facto de a ter deixado para trás, era mesmo o meu tipo, teria de espera mais um dia, entretanto saciava a minha mente com o video que guardara no computador e lá mais uma vez deitava a matéria ("a santa sapiência", como diria o Vitor) e assim ia esquecendo essa visão que se aproximara audaciosamente de mim naquela paragem de autocarro. Bem, se tivesse caro dava-lhe boleia, mas isso é outra conversa, ele há vir um dia destes, hei-de encontrar outra para dar umas no carro e, se for preciso, na praia e no pinhal, nem que seja o de Leiria. Agora não há nada a fazer, pelo menos conversei com a Odete não faculdade, também me sinto atraída por ela, é o meu tipo de mulher, substituiu o cabelo louro pelo preto, tem um risto perfeito, não lhe vi as mamas, mas é esbelta, elegante e ao mesmo tempo atlética e tem um ar ao mesmo tempo concentrado e altivo, nariz comprido e pontiagudo, faz-me lembrar uma suíça que conheci, gosto muito desse tipo de mulher, mas merda, nunca me declarei, talvez seja ela que me pode dar algum consolo, se calhar ando aqui mentalmente como um colibri e tipo Don Juan sem bicar e depois acabo sempre só, imaginando mundo que na verdade não existem, porque os mundos que não existem, os mundos imaginários e que nos permitem sonhar são os mundos após a concreção, a relação, o amor, ou seja, em certo e determinado sentido, a filosofia é muito concreta, toma muito esforço e trabalho, pois não parte logo e determinantemente para o abstracto sem antes tomar o concreto em si, ou seja a filosofia não é um labor abstracto nem concreto, nem as duas coisas, é, de alguma

forma a procura de um sentido do equilíbrio entre coisas constantes e ausentes.

Penso nela a atravessa-me a garganta como uma espada de Mosqueteiro a canção dos Cutting Crew e olho para mim, um tipo que tem essencialmente duas ou três referências, nada mais tem neste mundo: religião, antropologia, filosofia. Nada mais, nem carro, nem mulher, nem bens, nada mais, mas talvez uma vontade de ter, pois sabe que o homem se realiza pelo bem e pelo corpo, ou seja, a mente pensa como corpo, esse é o sentido e verdadeira razão das coisas, sem bloqueios, ou seja, a natureza pende para a sua liberdade e libertação através da realização (*fullfilment*) dos sentidos e são eles, muito provavelmente, sabem-no os psiquiatras e até os místicos que poderão libertar o homem de muitos males internos. Esse é porventura o segredo da existência humana a que grande parte da filosofia deita um olhar de desprezo, desviando a cara, como se quiséssem instituir um império laico-sacro da metafísica, quando todos sabem intimamente que o riso, por exemplo, não foi analisado senão por poucos, tal como Bergson. Eu podia estar falso ou errado em muitas ideias mas, de algum modo, teria provavelmente feito tudo sozinho...mais, estava volátil, sendo analisado, criticado e gozado a maior parte do tempo. Grande parte ousava falar de mim em meu redor, xingar-me, quando eu continuava de certo modo perturbável, executando a minha tarefa, só, talvez construindo um edifício teórico significativo, talvez erguendo qualquer coisa que completava a obra do meu pai. Ela estaria então, do lado do manual, do concreto, em certo sentido, eu do teórico. Quem me diz que aquilo que fazia não era senão o cumprimento e a realização de qualquer coisa que ele sonhara, *au-delà* da voz do sangue? Então, eu fartava-me de mim mesmo, em mim mesmo de solidão e ouvir Dizzie Gillespie e Elisabeth Fraser, tentava deixar-me levar pelo momento, coisa que não com frequência fazia, julgava a poesia e a narrativa aliada da ciência, contudo eu não fazia ciência, enfim, como outros, nem ficção, não sabia bem o que fazia, se estava talvez em Portugal inventando um novo estilo, uma nova corrente, as pessoas gostam de novidades, ou estaria tão-somente no "campo" da etnoficção, da prosa filosófica, não sei, procurava captar como todos, como o músico trompetista, o ar do momento, qualquer coisa de exterior a nós e que nos faz implodir de sentido

e significação, de vida, no metro, como pequenos terremotos, ouvindo Tori Amos. Enchia o periódico pensamento sobre a minha singularidade numa projecção decerto espectral, que me tornava o corpo como uma lâmina que feria certas consciências. Eu não tinha a mera ideia de que era chato e incomodativo, pleno de desculpas e evitamentos vários, à procura de um pretexto de vária ordem para (começar a) viver. A vida em nenhures captava-se por lentes, a desta cidade por impulsos, inflames, riscos de cogitações minimétricas diversas, uns indo mais longe em si, outros nos outros, outros permanecendo em Si, eis então a questão do Ser, há semanas que não pegava num livro nem via um jogo de futebol, que não era um no meio de todos, *au-delà* da fantasiosa e hipócrita ciência do linguajar após um arrote a cerveja.

16

Por outro lado, o facto de retirarmos importância às pessoas e bens manterá de alguma forma o nosso interesse nelas? Esta ideia invoca diversas filosofias e saberes,

diversas retóricas. Umás vezes somos demasiadamente científicos e precisos e nem precisamos de o ser, pois a realidade e a forma como lidamos com ela não é, significativamente, científica. A realidade é o que apreendemos, mas mais o que nos escapa, é a rotina, é a razão de ser do sentido particular das *deviances* dos estilos, das cores, da parafernália de sentidos e sensações da expressão própria e determinada do Ser. Portanto, o que se planteia não é somente o Ser, pois o Ser é sempre, quer esteja oculto à vista quer oculto pela consciência (do pensar). Planteia-se mais o Parecer, o Estar e, finalmente, o Pertencer ou, no sentido de Onfray, o Sentir, nuns termos não necessariamente hedonistas. O que é, na verdade, o Ser? Planteamento, disposição, patenteamento insecto na realidade e exposto à vista do sujeito. Ou seja, num sentido futurista, a filosofia deve optar pelos destrinçamento (das vozes) dos sentidos, aqueles para além daquele que sempre foi privilegiando, a visão, portanto interessam mais o olfacto (ligado às diversas práticas de diversas culturas como a culinária ou as bebidas), o tacto, sobretudo. A audição sempre esteve secretamente ligada à filosofia na medida em que esta foi sempre (resultado de) um conhecimento insidioso, secreto, marginal, proibido até. O Ser está, portanto, hoje em dia, no sentido e, nestes, no Sentir. Especialmente no tacto. É disso que se alimenta a mente, disso se sacia a alma em todos os seus misteriosos e deslumbrantes sentidos. Ter, então, uma atitude positiva quando a realidade não é nem positiva nem negativa, mas planteamento, nos termos de que fala Marías e Zubiri? Enquanto uns, talvez por terem menor idade, se espantava (*Recuperar o Espanto*, Raul Iturra), outros entravam em técnicas diversas de como fazer isto ou aquilo e eu não deixava de pensar nela, na desconhecida do Cais, acenando com um lenço branco e amarelo, entre as peripécias de uma prensagem nas bilheteiras depois de o meu passe ter sido temporariamente suspenso. Sim, controlavam os meus movimentos. Os de outros, também. Tive vontade de o jogar fora, mas precisava precisamente de circular, nem sequer tinha a coragem de permancer mais de dez minutos sentado numa esplanada, não tinha vida para isso, além disso estava só e carente, tinha de procurar a quentura do metro e dos autocarros, de preferência bem lá no fundo. A ideia de que a cidade, os seus habitantes, estavam contra mim, conspirando de

algum modo contra mim, para que não arranjasse namorada e trabalho, era insistente e desconfiava que a muitos também ocorria tal coisa, mas descobri que o futuro e na realidade a vida somos nós que a fazemos, nisso somos culpados, por isso temos de reflectir ou dançar, se for caso disso, de uma coisa ou de outra. Talvez estivesse apenas, nos termos da escrita, à procura do meu estilo próprio, imitando Saramago, talvez por isso nunca viesse a receber prémio algum, a minha obra prosseguia de arrasto, tipo pesca de arrasto, a cidade era uma forma de contemplação, um espalho, um espelho, uma dúvida, um consentimento, uma razão exterior à causa, um barco atracado sob o peso dos passageiros, num rio seco de tanta lágrima esvaiada. Assim, perdera a minha capacidade de enchimento da memória, de resiliência, de *fortitudine* a respeito de diversas coisas, era de algum modo um sujeito inacessível, que puxava o desejo para cima, como diz a canção dos GNR. Não conseguia essencialmente dormir, o programa de rádio estava acabando e eu, eu, sempre eu, ecoava o meu sombrio espírito pro entre duas, três ruas, antes e depois da lascívia cheirada, depois do prémio no passeio seguinte, do outro lado, além de uma africana com bebé na barriga, não sei se do lado de dentro se de fora, mas amparado, comparado a mim mesmo de vestenhas determinantes. Não seria preciso puxar mais nesta corrida, avançar dolosamente adiante como um mineiro debaixo da terra, como sapo no pântano esperando pelo beija-flor para o comer, simplesmente, é a lei da vida, ao menos haja honestidade, sabemos pois com o que podemos contar, um passo após o outro e o moínho parado na Chámil. Mais uma vez passei pelo filósofo louco. Estaria louco ou apenas padecendo de uma doença determinada? Era o que podia ser, um professor de Liceu, se tivesse dinheiro para discutir a tese e se esta fosse aprovada, mas não eu era chato e teimoso, queria ficar por Lisboa, pelo centro, sempre andando de um lado para o outro no Metro, nos Buses. Há diversos dias que não falava com preticamente ninguém, o vizinho, o senhor do condomínio, uma ou outra pessoa, estava mais do que em transe, estava completamente passado, pós-passar-me. Mas continua, lá, aqui, acolá, misturando os diversos frutos do meu pensamento, as diversas circunstâncias que me condicionavam os termos de ter sido uma coisa e ser agora outra igualmente

diversa. Disse mal do meu maior amigo, telefonei-lhe a ver se vinha ver a minha casa e afinal (sobretudo ele) visitar e andar por Lisboa, mas ele não, nunca saía da pura da aldeia, Riachos, para ele memento de pensa-mento sob diversa ordem alçada. De modo que senti um pouco com ele, era um sofredor, o que ele achara de mim, sobre mim, estava agora a virar-se contra ele. Pensei até que a cidade estaria louca e seria meu ânimo de disposição tomar a cidade. Rei de Lisboa. Era agora. Pois bem, nem uns nem outros estavam loucos, pois o certo é que pouca gente podia aquilatar da saudabilidade de uns e outros já que cada um estava mais louco que o outro e havia com cada um...

Esatvamos em tempo de interpenetração de doutrinas social-comunistas e economia liberal capitalista, de índole ocidental. Lisboa abria-se novamente ao mundo, depois de um sono, um torpor de séculos. Ao mesmo era, com ela, o mundo que se abria, como uma camélia preciosa, com implicações diversas para as várias perspectivas em causa sob os mais diversos aspectos. A minha escrita, claro, reflectia tudo isso mesmo: a música britânica e americana, o rock português, essencialmente os êxitos dos anos 80 e 90, coisas da velha guarda, plenas de conteúdo e divertimento, como os filmes italianos. Enquanto isso, o sexo achava-se afastado da sexualidade e da religião, mas não na minha cabeça, onde tudo fazia sentido, eu delirava então por todo o processo mental que sucedia comigo mesmo e que analisava em poucos segundos tirando a devida científica conclusão, para meu gáudio e consolo, para satisfação dos jovens que podia ou não vir a ser meus alunos. Os pensamentos negativos, nesta grassagem tipo Kafka, não me abandonavam nunca, floresciaam como bétulas podres através dos meus cabelos, tornando-os nodosos, oleosos de tanto pensar, enquanto o vizinho do lado se presentia olfactando meu tabaco cujo fumo arpava por debaixo da ponta de entrada. Eu não queria estar aqui, nem sequer queria estar além, não queria estar-ali-feliz se ser feliz cá, queria possuir conquanto pouco fizesse para isso, sabia que a conquista era temporal, das temporas e do controlo tanto das fezes como do tabaco. Estava fumando menos, estava mais esclarecido, podia ser que enrolasse uma tarefa de personagens dali a pouco, podia ser não sim, podia ser que não, podia ser. Neste

sentido, sabia que a segurança era a língua, a linguagem, o facto não só de falar comigo próprio quando fosse preciso, mas também o de falar com os outros quando tal acontecesse. O segredo da longevidade talvez estivesse nessa equação e eu sem dúvida que queria ir longe, em termos de produção e qualidade, mas não abusava, acho, era impertinente e humilde como todos, mas em certo sentido Era. Então, evitando a circunstancialidade, tinha de descansar...

A argumentação perde-se quando o corpo está lasso e difícil, a mente, plena do seu exercício próprio, puxada por um elemento exterior, impele o ânimo para fora do sujeito, como se ele quisesse ou pudesse revirar-se do avesso, patentear as entranhas em praça pública, projectado para além e ao mesmo tempo fora de Si. Contudo, nada acontece e surgem os primeiros sinais de eroticismo no sono, o sonho com aventuras no campo, entre campos de milho ou trigo, desdenhando a contenção e ensaiando qualquer coisa que reafirme a banalidade da vida, entre dedos e café, entre as vozes mais ou menos reguladas da rua, que ora dizem uma coisa ora dizem outra, como se fossem os teus pais, paúis de roçarem ânsias em ti mesmo, aqui ficando ali indo, esperando, soletrando, fazendo pião, fazendo novidade. É terrível; há quem não faça ideia do tormento que é esta doença. Se lhe damos confiança, como a certas pessoas, pode levar facilmente à morte. Tanto estamos a pensar numa coisa, obcecadamente como noutra. Talvez só entenda quem a suporte e dela seja portador, para além de mais umas tantas que a ela se dedicam. Podia extirpar tudo isto de mim e fazer cirurgia, talvez tivesse mais qualidade de vida. A minha é do tipo interno, não se manifesta no comportamento de modo expressivo; é tal a sua violência que me comanda os músculos e gera um estado de tensão constante. É claro que isto não ajuda com as miúdas, não gostam que um tipo esteja tenso diante delas. Mas as miúdas para mim não têm grande mistério. Eu vejo esta limitação como um arma do pensamento, uma forma internamente circunspecta de ver o mundo, não a posso ignorar mas ao mesmo tempo não lhe dou excessivo valor, por isso tenho de ceder em muitas situações sociais, tentar ser simples e direto, sem grande redundâncias, andando de um lado para o outro quase sem fazer efectivamente nada. Do programa de rádio "Café

Compulsivo" ao diagnóstico passaram-se anos. E eu sempre com isto, de um lado para o outro, sem saber porquê. A médica que me viu recentemente perguntou-me se ele tinha mesmo OCD, ao que disse que sim, enfim, talvez me agarre a isto para fazer...chantagem? Tenho de arranjar uma forma de comunicação que conduza a minha mente para fora dela mesma, logo de manhã, ou seja, uma companhia. Decerto que tenho andado isolado, acabrunhado, ensimesmado, ado ado.... A realidade, dentro de nós e fora de nós, a que estamos interligados, evidencia-se e plantea-se disposicionalmente, então. Poderei dizer que o propósito da vida não é amar, mas estar, no sentido em que se pode estar feliz mesmo sem amar, no sentido de uma "philosophie sans affection", não uma filosofia sem afecto, mas sem afecção, ou seja, a presença do Outro. Assim, o filósofo ,fazendo um contrato com a vida a fim de adquirir longevidade, recolhe-se ao seu canto, porque as relações desgastam, complicam em êxtase, determinam, condicionam de certo modo a liberdade, no mínimo a liberdade de pensar. Porque nas relações não há, na maior parte dos casos, oportunidade para se ser desonesto e no recolhimento pode-se cultivar uma filosofia como a de Schopenhauer, mas espera-se, desvia-se, evita-se o amor, inveja-se o amor dos outros. Isso é positivo? Tanto quando a asserção de que devemos, somos de certa maneira moralmente obrigado, a estar bem-dispostos, felizes. Ora, eu creio que a felicidade implica in-felicidade, a locação da minha vontade à vontade do outro, ou seja, sermos um, ou uns, como também acontece. Na verdade, a relação a dois é uma relação tipicamente romântica e democrática, politizada pelo tempo (histórico, do movimento das sociedades em termos do assentamento dos princípios, normas e valores em camadas próprias). O amor constrói-se, a sedução foge, é como enguia que se tenta apanhar entre os dedos. Há quem seja tímido e viva em ansiedade constante, há quem seja especialista nesse jogo da sedução, ao ponto de haver uma indústria para tal. A dificuldade essencial de hoje é a tentativa de Estar. Estar-ali-feliz ou aí-feliz, pouco importa, Estar é um estado e as pessoas procuram excitação para se manterem vivas, o Estar é ferver por dentro não incomodando o mundo, mantendo-se vivo como um cogumelo debaixo da árvore. Nesse sentido, a filosofia sem afecção pode ser científica, ou seja,

desprovida de sentimentos. Há muita confusão no seio da comunidade filosófica quanto a esta ideia. Muitos crêem que a filosofia é por si só científica ou lhe reconhecem alguma grau de cientificidade. Isso seria o mesmo que dizer que a antropologia, por exemplo, poderia ser subjectiva, ou mesmo uma forma de literatura. A meu ver, a antropologia é essencialmente uma arte, não uma filosofia. Mas o seu ramo antropologia filosófica já o é. Ora, a filosofia não dispõe no seu discurso de referências a espaço e a tempo, muito menos a pessoas, ou até coisas. Logo, não poderá apelidar-se de científica tal como o reivindicam as ciências exactas. Mas serão estas verdadeiramente científicas? Não estão, na sua maior parte, ao serviço de políticas, de interesses, de grandes empresas? Portanto, quem comanda o *path* da humanidade é essencialmente um conjunto de pessoas que a leva, no fio e na ponta, a determinada direcção, a determinado ponto e alcance. Neste sentido, como dizer o que interessa a todos? E se não interessa a todos interessa a nós mesmos enquanto rumor da consciência, que se pode alastrar no nosso seio, conferindo ao linguajar interno pelo tempo mais tempo, mais folga, mais espaço para que a mente encontre no riso e no divertimento uma forma de recuperar forças no seu trabalho contínuo? Encontrei, então, ainda que fisicamente só (mesmo?) uma forma de ocupar o tempo, nem que fosse temporariamente, um trabalho filosófico, ocupava-me da filosofia porque, de certo modo, queria agradar aos outros, aos ocidentais, mas não gostava plenamente da filosofia, se é que é preciso gostar, a minha personagem intelectual adaptava-se mais a uma outra ciência, com a qual havia batido no fundo e regressado à superfície. Nem todas as palavras importam; por vezes estavam apenas ocupando o vago das horas, fazendo ou pensando coisas desnecessárias, cujo eixo de causalidade com outras julgadas importantes nos pode conduzir a determinado lugar, longe ou perto da consciência e do estiramento do Ser. Nesse caminho, há sempre a consciência, a versalidade da moeda Bem/Mal, Culpa/Resgate, Consciente/Inconsciente. Subsumir a natureza humana à sexualidade, ao porno, ao erotismo, pode ser um erro, pois ela tem a mais das vezes a ver com questões completamente distintas, como a arte, a estética, a tecnologia, a política. O erro de muitos antropólogos, como Mircea Eliade

o a maioria dos europeus, que retiraram dados da experiência colonial, cultivaram durante muitos anos a ideia de que "isto está tudo ligado". Não mais está, não mais. Aliás, essa ideia integradora não a encontro na maior parte da filosofia que tenho lido, desde Sloterdjick a Zizek. Em que radica, portanto? Na relação da teologia com a filosofia, nomeadamente em contexto intelectual português? Concerteza, para além da tradição que traz ao povo uma visão integradora da sociedade por meio da religião, que é, na sua maior parte, embora válida, bastante enganadora. Só a experiência prepara o sujeito para a vida (adulta, nomeadamente). Emvelhos, somos como crianças lactentes, só queremos sopas e descanso. Na verdade, a realidade de hoje está caoticamente espartilhada e não há senão sentidos diversos, uma proliferação deles, que eu vejo com bons e esperançosos olhos, pois qualquer sujeito pode, seja por meio da internet seja por outra via, nomeadamente a tecnologia, ter acesso à verdade. É disso que se trata, afinal. Ter acesso à verdade. Qualquer jovem poder possuir a verdade, ter a verdade, seja pelo conhecimento do corpo do outro, seja por via tecnológica, seja pelo menos pelo acesso à rua, ao espaço público. Hoje em dia, qualquer um se pode manifestar, mas alguns não toma em via de conta as consequências, pelo que há de aferir que a reivindicação de direito pede informação e, sobretudo, se quer ser eficaz superiormente, formação. Por isso o afã de muitos jovens em se diplomarem, licenciarem, doutorarem. Querem ter o conhecimento que significa verdade, pelo menos o seu escudo e bastião mental de que se defendem a eles próprios do outro que conspira contra ele. E há muita gente que vive disso, de perseguir, de procurar minar a vida do Outro, pelos mais diversos motivos. Primeiro porque veio "invadir" o bairro sem pedir licença a esse territorialista gorila, depois pelas mais diversas das razões que, na sua maior parte, são irracionais. Portanto, eis o território preferido dos filósofos, a irracionalidade. Só que, na maior parte dos casos, quando se parte para a calúnia e a perseguição, que muitas vezes arrasta agressividade e violência física, pelos mais diversos motivos, intervém a política, o psicólogo e o psiquiatra, porque, apesar de tudo, há ainda uma norma, seja ela antiga seja ela moderna, a respeitar. Cada contexto tem as suas normas: Moscavide tem as suas, Cascais as suas também. Este

clima não diria de guetto, mas de bairro conduz a um fenómeno que eu ostensivamente observo no povo português: lançam-se fácil e entusiasmadamente para os mais diversos e interessantes empreendimentos, au-delá do interesse pessoal, contribuindo ou não para o interesse nacional, vencem capazmente inúmeras dificuldades; mas quando encontram uma ou outra maior, acabam por ir abaixo, nomeadamente no que diz respeito ao sentimento. Por outro lado, têm um sentido fraticida muito apurado, o que não se compreende num povo que deu voz de partida à globalização. Olham sempre para o vizinho, o Outro, talvez seja a fim de proteger a sua propriedade, logicamente, mas muitas vezes têm ou não desenvolvem um sentido de cooperação que poderia levar o seu espírito vencedor mais longe. Agregaram-se em volta de um Salazar, de uma Amália, de um Eusébio ou Cristiano Ronaldo mas muitas das vezes esquecem outras área, como a cultura e a ciência, mesmo detendo vasto poder económico. Mas...que vai mudar isso? E isso tem de mudar?

17

A filosofia é uma ciência triste, ausente de emoção do quotidiano, dos ritos e cumprimentos diversos das etapas da vida. Mas por isso mesmo é a mais bela das

disciplinas do saber. Tudo o que é belo é triste, porque é conceptual e perene. Por isso a filosofia se aproxima da teologia, envolve também pessoas e quando isso se acontece, aproxima-se da sociologia. Tudo isto junto, as relações são razão da perdição do homem, ou seja, é no ponto em que ele mais brilha que logo entra em curva descendente, como estrela cadente. Por isso, cada relação é um choque de Seres, de Ser absoluto, um espasmo de vida que se projecta em redor, num preciso momento e forma mais ou menos sedutora. Portanto, também o uso da razão em excessos pode conduzir a diversas doenças e vícios do espírito, como o racionalismo, a solidão. A solidão actual, moderna, porém, reveste-se de um fundo pós-industrial que nos aproxima de Blade Runner: difícil manter relações, fácil iniciá-las, mantê-las apenas em termos mais ou menos rígidos relacionados com determinadas formas de pactos. Depois, entre estes, eu agia como um andróide, um robô, ou seja, o meu argumento para um filme era brilhante. Eut inha visto muitos filmes e interessado-me sobre o eroticismo humano enquanto andróide, ou seja, não tendo tido nenhuma experiência juvenil nesse sentido, procurava adquiri-la através de meios audiovisuais. Isso fazia de mim mais humano? Não era eu uma máquina de pensar, precisa, metódica, matematicamente irrepreensível. Sim, eu via na maior parte dos humanos uma irreponsabilidade e desprezo pela qualidade das relações bastante assinalável, juntamente com as críticas que fazia a toda a hora de todos e de cada um. Esta parte eu não gostava particularmente. Por outro lado, talvez a maioria quisesse ser como eu. Mas eu não estava sózinho, havia muitos mais como eu. Psiquiatras e psicólogos intervinham e sabia, melhor, desconfiava, do que se passava nos hospitais e prisões, carradas de médicos e psicólogo estudando o género humano. Apetecia-me dizer: deixem-no em paz, deixem-no seguir por onde muito bem entender! Isto tudo, este cenário, fora sem dúvida resultado da ocidentalização do mundo (com sua carga racionalista) e da industrialização, a que se juntara mais recentemente a digitalização da sociedade, ou seja, globalização virtual e geográfica. Sim, eu ouvia as suas vozes, ouvia-os falarem de mim, por debaixo e na rua, ao lado, mas tudo bem, procurava não dizer nada de especial. Não tinha de fazer nada de especial para provar que era humano. Talvez tivesse apenas

de alinhar com o tempo, ir no vagar do vento. Então, depois, muita gente procurava aquilatar as minhas qualidades mentais ou, segundo elas, da falta delas. A vida social deteriorava-se naquele tempo, naquele verão, uns e outros fornicavam com uns e outros, à vez ou ao mesmo tempo. Muitos não sabiam Estar em comunidade, jogando seus destinos para a realização profissional, nada mais óbvio, para esbater as suas frustrações sociais, sentimentais, ou seja, raramente se sentia iguais aos outros, sentiam-se inferiores e queriam sentir-se superiores de um momento para o outro ou então obsessivamente, numa demanda sem fim. Notava que muitas pessoas se sentia confortáveis da vida, em diversos sentidos; outras, mais sensíveis, como eu, sentiam-se instáveis, irritadas, neuróticas até. Muitas tomavam drogas para suportar a vida face aos problemas que ela lhe colocava. Chegava a admirar quem vive nas aldeias, fosse onde fosse, mas esta era uma aldeia global, de certa forma tínhamos de nos aguentar uns aos outros, uns falando outros ouvindo música outros indo à TV espalhando a sua vaidade dia-após dia, como se isso não viesse a entupir a população ainda mais de coisas e mais coisas a fazer, num nunca acabar de coisas e mais coisas a fazer, sempre fazer, e com que resultado? Andamos a maior parte das vezes lutando contra nós mesmos e contra o outro e parece que não chegamos a lado nenhum. A mim chamam-me maluco a toda a hora como se todos se especializasse na normalidade e fossem os maiores, todos armados em psicólogos de um momento para o outro, como se quisessem curar os outros, como se os médicos fossem de algum modo os maiores da cantareira...ui, ui, piu piu. Por outro lado, entupiam a sociedade de leis e normas, talvez não tantas como houvesse na América, era estranho. A maior parte das pessoas era púdica e ao mesmo tempo escandalosa, pornográfica. Falo, ao mesmo tempo de mim e dos outros, enquanto que muitos escolhem o adversário e perseguem-no até à morte física. Enquanto eu era simpática, ou tentava ser, muitos deste andavam pra me foder, não só o juízo, mas também a vida, ou seja, a eliminação física, pois então, não eram macios, mas sabiam que eu, cada vez que me levantava, estava preparado e motivado para a batalha de todos os dias, conseguir emprego, desse por onde desse, encher-lhes os ouvidos de merdas e coisa que são e não são até conseguir o meu emprego, ignorar

as suas gozações, nem sequer querendo ser amigo deles, lutar, lutar sempre até ao fim para conseguir o entendia ser melhor para mim. Enquanto muitos tinham montes de dinheiro, aplicavam o seu esforço em qualquer coisa vã como ter mais dinheiro, na verdade não faziam grande coisa, nada de novo para mim, nada a que não estava habituado a ver. Entre stress e dominação física, muitos batiam nas mulheres, muitos faziam cenas, filmes e mais filmes, falando, escrevendo, andando de um lado para o outro, enquanto eu deixara de me preocupar, tinha de certa maneira a dose para mim próprio, não viver no excesso nem no defeito, avaliar, ajuizar, nomear, medir, qualificar. A verborreia de muitos era o silêncio da maior parte, que trabalhava para fazer deste país um local decente onde pairasse a devida felicidade no ar, mesmo que ela implicasse abdicar de muita coisa. Enquanto isso, pensava noutras coisas, mais ou menos filosóficas, outras bem terrena como a doença, a depressão, o delírio, o delito contra o outro por gratuidade de comportamento, a dimensão difamânica de certos tipos de quem tens de ouvir o choradinho todas as noites, como se fosses mulher deles, as coisas directas e indirectas indirectas, a culpabilidade de ser gay, a máquina que está mal instalada quando pagámos a pronto e em dinheiro vivo, o ir e o ficar, a regressão em ti mesmo quando estás para fazer alguma coisa, os copos que faltam por beber, a vontade de dizer mal do sistema, quando a maior parte das coisas funcionam sob modelos anquilosados muito devido às gorduras do próprio sistema. Enfim, isto está bom sobretudo para escritores, pouco bom para tipos como eu, que tentam e vêm mais felicidade no tentar do que no conseguir, pois todos andam de uma maneira ou de outra a tentar conseguir desafortadamente, a maior parte mais preocupada com o seu interesse particular do que geral. Na verdade a asserção socrática "torna-te no que és" não passa de uma verdadeira treta, não menciono para já a minha alternativa à questão. A outra assersão heideggariana do Ser, extensamente exarada em "Ser e Tempo" não passa de outra treta. Ser é o quê? Ter uma profissão? Ser canalizador? Ser branco? Ser negro ou azul? O Ser é uma evidência, não se insiste na sua condição. O Homem só é enquanto se dimensiona em termos de espaço e tempo, pelo transcendente ela acaba por se dissolver de um lado para o outro, contanto o

que é pouco diz dele mesmo, sendo que "o que é em relação" diz mais, dado que joga com a representação dele mesmo num sentido eminentemente simbólico, ou seja, o Homem apenas se torna no que é, o que no que não é, no que vai sendo (tendencialmente) na medida da relação com o Outro, sendo que o que ele é, não é ou vai sendo também se define pela dimensão transcendente da sua aprendizagem perante a solidão. Mas o que é estar só? Na cidade nunca estamos sós, nem no campo, nem no deserto, habitam-nos os pensamentos, nossos e dos outros, conquanto os partilhemos ou não, os transformemos em objectos, outras relações (de Si a Si mesmo em em relação com o Outro, o grande e o pequeno). O homem sedentário conhece tranquilidade, coisa rara hoje em dia, mas a habituação ao que vai sendo, fora de mão, desgarrado, estriado, fétido, acaba por gerar um sentimento em termos bergsonianos (vital) que nos anima a transformar a nossa existência e algo como uma verdadeira-mente transformação, interna e externa, de dentro para fora e de fora para dentro, em todas as direcção, não somente realizando o ideal do Homem Total (Ronaldo, o Homem de Da Vinci), mas capacitando-o, não só apenas pela sua relação anatômica, libidinal, sendo que quanto à cidade onde vivo sentimos e experienciamos o que Marcuse, Jung e outros haviam identificado em cidade dos anos 60 de maior dimensão que esta onde vivo. Assim, enquanto habitante de Lisboa, sentia-me retesado na minha vontade ver que marmanjos vinte anos mais novos que eu tinham grandes bombas e até ensinavam em diversas faculdades, escreviam livros, faziam trinta por uma linha e ninguém os fiscalizada, inclusivé velhos que se arrastavam cheios de dinheiro e de outra tanta coisa sem terem andado por onde eu andei, informáticos, gestores da treta, não era apenas um bando de dez ou onde, era o governo que era incompetente, decidira abrir os cordões à bolsa e tipos como eu tinham de fazer sacrifícios que nunca outros, incluindo sociólogos e antropólogos oportunidades, faziam, sentindo-se confortavelmente ricos, cheios de satisfação e êxtase, ensimesmados e densamente concentrado e fazer alguma coisa, quando eu fazia talvez muito mais, ou sequer havia feito. A mim apontavam-se muita coisa, sobretudo o seu escárnio, riso, troça, mas tanto em filosofia quanto nos resto estava para mim sendo confortavelmente

sentados há muito tempo. Alguns, pressentia eu, escolhia-me a dedo para não só dizerem mal de mim mas me acusarem de diversas coisas, sabendo que eu não era violento. Assim, neste país quem protesta de indignação, ainda que tendo razão, é mandado calar ou pior coisa, por agentes de diversa ordem, para mim apenas agentes do seu próprio interessa, ligados a outros interesses maiores. Mas serão maiores? O povo nem pode reagir, está drogado de medicamentos pelos psiquiatras, a maioria prescreve indiscriminadamente drogas e nem um conselho prático dá, como é o meu caso. Se pudesse deixava de os tomar, mas o efeito placebo faz tudo por mim, eles já não fazem nada, nem podem fazer, aliás tenho de correr para equilibrar o sistema, físico e de pensamento. Quanto a alguém que possa ter uma experiência semelhante à minha, não conheço: haverá piores e melhores, mais leves e mais pesadas, nem eu quero lavar-me moralmente nem eticamente, mas desde esse dia, pelo menos desde esse dia, ficou marcado que terei de lutar mais para conseguir alguma coisa, sendo que não falta nesta cidade que não lute e tenha, por exemplo, bens materiais que animam e solidificam a vida, o que tu fazes e podes fazer. Senelhante à minha, não há. Então, abdiquei das certezas e lembrava de "Trainspottin". Comecei a lembrar-me de um montão de filmes e sobretudo da discriminação de que era alvo, não me fazendo de vítima, não tenho disso necessidade, por ser filho de emigrantes, tanto por vários lisboetas como por diversos franceses. Se fosse, questão de ter razão, uns e outros não a tinha. Mas eu não precisave de drogas ou álcool, contacto ou mesmo sexo para tripar. Toda a minha mente era bestialmente fenomenal e sentia o transe invadir-me por todos os poros, desde os pés, passando pelo cú e chegando ao cerebelo, invadiando a minha região límbica numa explosão íntima e prolongava, como por exemplo começas a poder estar a comer tendo estado cinco dias sem pegar em alimento algum e falando vinte e quatro horas sobre vinte e quatro hora. Por fim, descobri que, ironicamente, onde há homens, há ratos, tentei melhorar o meu sentido de humor, que estava de perfeita saúde, mas descobri que em casa não usava raticida. Perdi a vontade de ir a Londres ou Nova Iorque quando via a ironia, a falta de vergonha (ou até a Paris) quando via a falta de vergonha com que muitos, turistas ou não, se

esparavam nas esplanadas, perdi até aquela ligeireza e vontade vontade, ou seja, romanticismo, do escritor, que tende a ver um sentido em tudo, vindo sendo eu o autor da Lógica das Compensações Fortuitas, ou seja, pretendia chegar por eles mesmos a uma certa forma de entendimento do real e da natureza humana que envolvia ficção ou não-ficção, leviandade e até defesa de si mesmo, como se estivessem em tribunal ou não prisão, outros serviam-se da ciência social para proveito próprio, para se instalarem agarrados ao sistema sob vários disfarces, outros dava a cara e embatiam na eventualidade de nada acontecer. Mas o Nada, para ti, pode ser muita coisa para os outros, mas não contes com Nada. Uma posição de força constante também não ajuda, é um dispêndio desnecessário de energia. Mas o que é a energia? Tu consegues vê-la? Mesmo quimica ou matematicamente, não consegues provar a existência dela, das várias formas de energia, pois pretendes prendê-la numa campânula e as aves são feitas para voar, não para estarem anjauladas, como aliás os cães, que servem de divertimento aos humanos, na maior parte das vezes por falta de afecto de outro humano. Sim, perdi naquele dia o apego às coisas dos outros e o meu sentimento de solidariedade, ainda que o pedissem. Vivera demasiado tempo espezinhado nesta cidade, sem oportunidade de fazer sentir a minha voz, mas estava de certo modo decidido a torçer o sistema, nem me queria juntar a ninguém, não era preciso, nem precisava de vencer o sistema, eu, eu, não me preocupava em ser um personagem histórico, com política, passado, presente ou futuro, preocupava-me e não me preocupava ao mesmo, estava alerta e não estava e ainda que dormindo sabia que qualquer coisa, fosse o que fosse, iria continuar. Essa voz incomodativa, sabia-o, não era a da minha consciência, por essa estava tranquila. Enquanto eu tinha sentido teórico-prático, outros tinha apenas um dos dois e a coisa da mente deles, dos meus competidores, andava assim nisso mesmo toda a hora, nesse ram ram que nunca mais acabava e não diziam mais nada, falava e falava sobre o vizinho, sobre o familiar, sobre o outro que lhes estava no encalço quando precisavam era de um bom chinfrim e psiquiatra, para não dizer uma bela estada na Praça do Hospital Júlio de Matos, para não dizer ainda de um bom banho de água benta nos cornos pora organizar essa cabeça de merda cheia de

dinheiro, gaijas e suites em hotéis, mais carros, prémios, estadas no estrangeiro à pala de tipos como eu e outra inúmeras sem vergonhiças que aconteciam nas suas pobres e patéticas vidas. Nem servia para rir, dava pena.

métrica. O, o. Nada. Além-terra e além-mar. A consciência, o enredo, a agonia, o estertor do vencedor quabrado pela sua dama, pela sua própria vitória transformada em derrota, pois apenas se vingou a si mesmo não tendo vingado o grupo, ainda que acreditassem nele. Não era Aquiles, mas apenas um desportista com uma bandeira. As diversas interpretações do que nos preserva do amanhã enquanto sonhamos com o que está perto e direccionalmente acessível, como o sentimento. Na verdade, nada mais há na vida: satisfação, in-satisfação. *Satis*, dizia o guarda que chicoteou Cristo até à Cruz. O secularismo e suas análises deístas. O contrário, além de mim, a univocalidade do Ser que se consome sem lume. O regresso a um local estranho, de hábito, que se estranha por se querer estar longe, onde ninguém dê conta de nós e de certa forma nos aclame por sermos como somos. O equilíbrio entre uns tipos que quando observam falam e dizem imprecações e aqueles que apenas observam, sorvendo ou não, estando aqui e além como eu, nem precisando de estar despertos. Aí se desenha a diferença entre quem fala e quem escreve, entre quem executa, como o política, o fiscal das finanças na contemplação do Outro, julgando-o fraco, a força de querer preservar a vida é fraqueza, dada a contingência da existência individual, ou seja, que fazer com uma existência existente (Lévinas) ou em termos analíticos, grupais, na academia, ou em termos sintéticos na rua, gerando uma subversiva forma de saber, a filosofia da rua, bastante útil para aquele que quer ter todas e nenhuma ao mesmo tempo, adiando a cama onde outros se deitam e misturam aleatoriamente, sequencialmente, como se a coisa de um mero número se tratasse. Talvez seja apenas isso, um número, também devia ter feito engenharia e depois escrito uns romances, ou jornalismo, meio caminho andado para ter sempre inspiração, nunca vi um polícia escritor, ele contenta-se com o que lhe dá o dia, a farda e a incerteza de uma mulher sempre deprimida e os filhos a berrar a toda a hora. Talvez devesse ter feito literatura, assim fazia literatura, poderia dizer Alberto Pimenta ou até diria de outro modo, mesmo, uns dos meus mais inspirados poetas, Alberto. O que a reflexão produz na literatura. O que é a literatura senão o arfar do sono, do sonho, a noite, o desejo e a falta dele, a brutalidade do sexo, à bruta, diz ela, também gosto à bruta, pois eu

gosto sempre à bruta, sou o tipo dos edifício altos, das grandes construções de aço maçico, das ventoínhas quando peço um café não tendo mais nada que beber. Em todo o caso, deveria ter feito antropologia, se bem sei o que é isso, ir para longe ficando perto, ficar estando longe por perto, depois do lasso ventilado das instânciadas altímetras medidas da voz que expulso, como se estivesse possesso, como se fossem cagar de hora a hora, como se desse um peido estridente no cimo de um prédio e uma francesa me chamasse helás "méchant" ou o que mais, como se não estivesse aqui realmente e procurando aqui estar estivesse em todos os lugares além do meu espírito, do meu instinto, da vontade demiúrgica de ordenar qualquer coisa pelo simples espírito livre pensador andarilho e pensarilho. Assim, a literatura não é simples, mais simples é a filosofia ou outra droga de profissão qualquer. Ganhas o teu dinheiro e passar o resto do dia a dizer merdas de pau feito, coisas fálicas sem geito nenhum que cada vez menos as tipas gostam. Elas gostam de história, não querem nem apoio, nem heroicismo, mas uma tendência que se desvie delas, Não querem nem sequer ouvir de falar. Falar atrapalha. Tudo vale para a mulher. A sua essência é divinamente desguarnecida de qualquer defesa: é uma deusa, que tudo pode, até destruir o mundo e a ela própria se for preciso, mas não o faz, por isso adia a hora da entrega, rejeita submeter-se, nunca mais, gosta de pedir o que o homem quer que ela faça. Jamais está disposta a ouvir um homem que se consome por ele mesmo ou por ela, dando-lhe abrigo, dinheiro, mesmo afecto. E ela, mesmo querendo, mesmo dormindo, é tímida e forte, potente, recusa mesmo ter prazer para sofrer o sofrimento como se fossem palavras brandas e doces. Ela não precisa de se tornar no que é. Tornar, tornear, precisa de ser torneada como o carpinteiro faz com suas mãos à madeira, para a torna quiça mais bela, forte, perfeita. Nem quero saber, diz o miúdo. E eu concordo.

19

Assim, nunca mais surgem os personagens. Nunca mais surge a história. Oiço na

rua mais um conto a partir de *UnFiction* sobre os UFO's e sinto um certo alívio na fuga para a ideia dos ET's virem ter com os humanos para fazerem com eles amor. Talvez saibam que a maior parte deles não pode passar sem ele, ou sem o contato físico, ainda que alguns resolvam numa certa forma de rigidez mental um alívio psíquico momentâneo. Não estou tentando ser brando, nem branco, nem moreno, nem tão pouco alemão, ou inglês. A felicidade é, em certo sentido, como o crime: é preciso estar no lugar certo à hora certa. Mas não acredito muito nisso. Talvez consiga amar qualquer mulher. Ou qualquer homem. Talvez consiga descobrir coisas importantes e significativas onde não há luzes nem holofotes. Talvez, ou talvez não, talvez não consiga aprender mais ou meramente procure o amplexo perfeito e meu corpo esteja fugindo para baixo. Estou dormindo, levanto-me, forço o espírito numa direcção contrária que equivale ao ponto donde nunca me esquivarei. Ambiciono paz e projecto-me um cigarro que se expande dentro da minha respiração. Habitado a ser simples, a ser troçado e a que poucos elogios me façam desde há bastante tempo, vejo em mim uma certa forma de egoísmo que se espelha como na água parada da minha unha do dedo anelar, esqueço compromissos porque o instante, por não existir, impera, domina, subverte, estonteia. Escolho as palavras erradas porque as certas são estratégia e maquinação e essa indústria seduz qualquer pato como eu. Afinal de contas, a vida (o que é ela senão paixão) me dá as voltas e encontra mais além, no cansaço, na música, no ordenado odor entre a marca de água e o Restelo, entre a amizade e o ódio a um cão, entre, por entre, de dentro, equivalente a uma coisa qualquer que esquecia para lembrar, guardando demasiado coisas que me foram importantes, ao longe, escutando, sorvendo intimamente sem desvelo algum, porque sabia que me manteriam vivo, quer pela sua repercussão interna em mim quer pelo resguardo em certos espaço onde se fala, mas não mais, o esforço leva-me mais longe, a saber para deixar, essa é a minha herança, como se sempre lutasse, quando talvez, talvez, esteja fazendo qualquer coisa de diferente, seja diferente, não chegando o confronto, a argumentação, entre esta e a fruição do mundo, em todo o seu desalento, nisto tudo não sinto necessidade de procurar, de me justificar nem sequer aderir a uma qualquer

religião oriental, ou de fundar alguma, ou mesmo uma concatenação dela mesma, afinal todos os outros dizem disparates (até os Carrilhos) e eu não, eu evolvo na consunção de ideias certas, de conclusões apressadas sobre um Todo e um mero emplastro manifesto. Talvez a minha intenção seja apenas chegar às mulheres, a uma mulher que nunca chega e não queria tanto envelhecer com razão e volta daí tentaria tecer comentários sobre tudo e todos sem analisar, sem sorver e aquilatar de qualidades várias das existências particulares ou universais. Mas justifica, a minha escrita é simples porque não precisa de ser complicada, em si contém qualquer coisa da ordem do instintual, nem me valho da minha biografia, nem da minha poesia, nem do valor que dou ao lugar em que vivo e às pessoas com quem me cruzo. Sim, oiço o meu pensamento. Mas são os outros, sempre o foram. Só que a mim escolheram-me, fui escolhido e contanto não me apetece dizer tudo o que sei e sinto a gente que fala demais, pensa demais, faz demais em nome de qualquer coisa que nunca se sabe o que é. Sem complicações. Dois dias de descanso e voltei a Lisboa, com enorme dor de cabeça, que tenho de aguentar mais ou menos só, o Danny ligou e então senti-me um pouco melhor por falar com ele, passo a noite sem tabaco, que hei-de eu fazer, ouvindo bocas de um lado, elogios de outro, assim é a vida, amanhã será outro dia. Assim, critiquei e sou criticado. É justo, arco com o peso de muita coisa, entretido na minha vida e aprendo a não dar valor a certas coisa, fim de ciclo, a não dar valor a certas pessoas, que não te conhecem e acabam por criticar quando menos esperas, quando estás só e frágil. A isso chama-se homicído, de certo modo. É como quem te aponta uma arma à cabeça. Depois, a polícia passa por ti três, quatro vezes, olham e riem-se. Na avenida que desces descontraidamente, pensas que estás dando força a alguém, mas não, estão-se rindo de ti, troçando, torcendo para que não te dês bem na vida. Assim, aprendes e valor da amizade, do afecto e a circunstância factual de que há pessoas para todo o gosto e género e que bem assim elas em nada importam para a tua vida. Não forças sem bem sucedido, nem te importas que falem de ti num lado ou outro, afinal foste tu de certo modo que semeaste isso e agora vens colher, de uma maneira ou de outra. Sentes-te só e isso é índice de que não tens grandes amigos, afinal eles não se importam se és boa ou má

peessoa, o certo é que não falam contigo, não te dão sinais nem de uma coisa nem de outra, somente mandam bocas, talvez porque não sejas daqui, não sejas como eles. E o sinal de que não és bem vindo é o facto de as raparigas não se aproximarem. Por isso procuras uma certa crítica, fazer menos esforço, viver a vida de modo diferente. A tua corrida pelo emprego, pela casa, pela miúda (se é que neste caso se trata de uma corrida) deixa de fazer sentido, deixa de estar no primeiro plano. Procuras focar-te nos aspectos essenciais da vida, o porvir, a necessidade, beber bastante água, não te igualares aos outros por força, maior ou menor, fazer umas corridas, fumar menos, fazer amigos, estar atento ao que se passa em teu redor mesmo que tal seja feito na maior parte de inimizade. Notas que a figura do bode expiatório está presente e que a sociedade é, em certo modo, assassina de quem, como tu, é bem intencionado e até se preocupa com outros. As pessoas nem sabem que querem paz, mas não a procuram, porque procuram fazer mais e mais coisas, mostrar mais e mais umas às outras coisas, imagens, sentimentos. Até à saturação. Não és tu que as vais ensinar, não vale a pena, pelo que te concentras no momento, vives o momento e nada mais, fazendo uma coisa após outra, sem amontoar, sem emerdar, se chatear ninguém. Passas a pertencer a uma outra camada da população, porque afinal nunca quiseste ser como eles. E eles, quem são? Não importa, mas poderão ser aqueles que te chateiam, que se riem, que estão em grupo para disfarçar as suas fraquezas e debilidades de todo o género, psíquicas, mentais, físicas. Outros estão sós, ajudados ou não por outros e tu notas isso, afinal a sociedade não é como uma moeda, com duas faces, o Bem e o Mal, o Positivo e o Negativo. Vai por vagas, de um lado para o outro, como o mar alto, como as montanhas. Muitos desistiram da cidade e refugiaram-se nos campos, a fim de sobreviver espiritualmente. O teu desafio é o mesmo, só que estás na cidade. Toda ela muda de direcção, como um cardume, de um lado para o outro, conforme o vento das disposições internas e externas dos seus habitantes. Mas talvez não seja isso que comanda os humores dos seus habitantes, mas talvez uma outra força, bem maior, que une o alto e o baixo, sendo contundente no médio...

Notas que já não tens inspiração para personagens, que todo o mundo está em

festa e tu tentando fazer alguma coisa, talvez sobreviver. Vêm-te como antropólogo e põem em cima de ti o peso dos seus problemas, dúvidas, aspirações e tu percebes que é carga demasiada para ti, porque afinal a comunidade dos antropólogos não te diz nada, nem tu falas com um antropólogo há muito tempo, nem elas sequer falam para ti, directamente. Assim, deitas o peso fora e aprendes a sobreviver, a responder, a descartar, a ripostar, porque não estamos no século dezasseis nem tão pouco vinte, pelo que deslargas tudo aquilo que te importuna e continuas adiante, ainda que só, desistes de aderir, passas a descobrir outra coisa nas coisas, outras ideias nas ideias e concentras-te no teu trabalho, seja ele qual for. Inclusive as miúdas deixam de importar, pela importância que lhes deste e que deste ao sentimento. Afinal, não sabes o que elas querem, nem querem saber, pouco te importa. Terás pago um preço alto por saberes coisas que foste procurando, em Ti e nos Outros, demasiado alto, como a calúnia, o desprezo, a difamação, com também o isolamento, o repúdio, o escarnecimento, o riso cobarde. Ainda assim, essa voz, essas vozes, não são apenas a tua consciência. São eles, os teus inimigos, sempre fora, dizias antes que ouvias vozes, mas eram eles, rindo-se e escarnecendo por não seres igual, por não te juntares, por não te rires com eles. Mas pronto, mesmo que não consiga os sentimentos de alguma, procuro não criar ressentimento; um dia vem após outro, Lisboa é uma grande cidade, ainda que para certos aspectos seja meramente uma aldeia.

roupa sua cada dia, em lugares diferentes, evidentemente estratégicos, para que elas se espantassem e recolhessem, sem nunca saberem do autor e da proviniência. Cada dia, uma peça de roupa. Eram sufocantes aqueles dias de calor em que meia cidade estava em festa. Umas calças num banco de jardim, umas cuecas em cima de uma árvore, uma *t-shirt* num corrimão do metro. O sentimento de solidão levava-o a isso, ante a mulher sem cabeça e o homem-elefante. Não fazia um esforço particular por se sentir confortável com alguma coisa. No trabalho, as conversas decorriam listas e ele acabava de receber uma carta de despedimento. Pertencia agora aos precários. A sua especialidade, afinal, ao fim de tanto anos naquela cidade, foram tirada numa universidade particular, a sua consciência e de certo modo, como muitos, atribuir ao outros a culpa do que se passava, o que poderia parecer demoníaco e monstruoso, mas seria a única hipótese de sobrevivência naquele mundo de vozes, mentiras, de ressentimentos e guettos alojados na alma como se a diferença nele próprio fosse um peso diário, qualquer coisa que procurava equilibrar, como se se defendesse pela consciência, do Bem, do Mal, do Certo e Errado, do Avesso e do Direito. Assim, à medida que ia perdendo roupa, ia-se dirigindo para a costa, onde tinha uma pequena cabana como refúgio, onde podia permanecer diverso tempo em passagem e hospedagem, podendo de algum modo lembrar-se das peças de roupa espalhadas pela cidade. De quando em vez regressava à casa da cidade, no centro buliçoso e recebia cartas com o pedido de levantamento das peças ora na polícia ora vindos de diversos particulares, entre os quais certas e determinadas damas e senhoras, pois as mais jovens não se preocupavam com tal procedência nem alimentavam sonhos de vestir Ernesto. A sua intenção era poder, na verdade, ser vestido por uma mulher, não que tivesse dificuldade em fazê-lo sozinho, mas sobretudo porque via nesse empreendimento uma forma de amor, um fetiche, se quiserem. Então, numa tarde dessas no seu apartamento, a televisão passava *Victor Victoria* e ele deixou a tv correr a seu ritmo enquanto dormia, vestido da melhor roupa para sair para as Festas da Cidade. Essa cidade estava eivada de um canibalismo demasiado familiar para Ernesto, de um deixa andar deixa fazer que parecia não levar a nada. Nela proliferavam predadores

demasiado simpáticos para serem considerados displicentes ou legais, bem como os executivos que se refugiavam em diferentes mecanismos indiscerníveis, não só para obter favor de mulheres, mas também para subirem na escala social a pretexto de diversos motivos, como a origem, a proximidade laboral, a proximidade geográfica, invadindo a cidade com seus carros potentes e acompanhados de louras burras de diversa origem. Era a cidade que tínhamos, o país que tínhamos. Quando se juntavam, se agregava como colectivo, seria apenas a propósito de futebol, de turismo, como se o país tivesse de baixar a calça aos turistas a fim de manter a sua economia. Na generalidade, o ensino não era sério, aproveitavam-se ideias de fora, os autores eram sempre, na sua maioria, colonizadores americanos ou ingleses, que faziam valer a sua força financeira para controlar na realidade o país, ora à esquerda ora à direita. Lisboa, apesar do crescimento económico, que se revia no imobiliário e na hotelaria, era uma cidade deserta: falta de ideias, falta de respiração. A maior parte do lisboa tinha por passatempo dizer mal do seu vizinho e, por estranho que pareça, juntava-se a ele na farra. O que não havia? Sentido de equilíbrio e bom-senso. Nenhuma medida corajosa no sentido de tirar os automóveis do centro, enquanto o carregamento dos carros eléctricos era pagos por todos. Neste ambiente, Ernesto desenvolveu uma forma especial de medo, mas também de sobrevivência, de afrontamento, de pertinência e bem-fazer. Por momentos, chegou a encarar a hipóteses de que teria todos contra ele, mas era ilusão, havendo muitos como ele e, além disso, sabendo que o bem que fazia não caía em cesto roto. De modo que continuava o seu dia-a-dia, tenho consciência da fugaz relatividade das coisas, melhor da fugaz relatividade da ambição, do egoísmo, da revolta e da impudícia. Era ainda uma pessoa ambiciosa mas, frágil e afectado pelo resultado das coisas que fizera, chegara à conclusão que era tempo de ponderar, não insistir na força e na voracidade, sob pena de deitar tudo a perder. Sim, porque não estava ali para perder. Mesmo que não tivesse tido grande resultado com as mulheres e os negócios, procurava uma arte moderada e sibilina de viver, entre a crítica e o sentido crítico de si mesmo, o que lhe permitia evoluir em todos sentidos e, mesmo que estivesse pronto a viver no seu apartamento, indo

de quando em vez à costa, avaliava o porvir das coisas não em si mesmo mas para além, sob a luz de qualquer coisa de etéreo não compreensível à vista desarmada pelo que, em certo sentido, era diferente, como muitos, no seu provir e desencantar de coisas novas e fora de moda, que muitas vezes são as mais criticadas e incompreendidas. Mas talvez, compreendendo, fosse essa a sua tarefa: ocupar-se de um certa metafísica do quotidiano, a que poucos acediam por falta ora de tempo ora de preparação ora, não tinham eles cunha, certamente, por simples tacanhez de espírito. No mesmo sentidos, alguns escritores apenas vendem porque de alguma maneira representam um grupo, nem que seja o seu, a sua identidade. Há poucos Beckett's por aqui, poucos aqueles que retiram do Nada alguma coisa, sendo que muitos jogam na anarquia dos sentimentos qualquer coisa que os cumpre e preenche. Mas que serve uma crítica face a uma vontade geral, colectiva? Poderá o sujeito alhear-se devidamente do grupo e vencê-lo, na medida em que este lhe foi hostil? Não é uma batalha inglória e injusta a busca da fama e do conhecimento para um só indivíduo, um só grupo? Não haverá forma de obliterar o sentido e acção do grupo na sua dualidade com o indivíduo? Assim sendo, gera-se um sentido marginal nas suas palavras, se ele quer manter-se coerente e havendo coerência, qual a finalidade disso tudo? Por outro lado, se o escritor não agrada, será a ele mesmo reservada uma tarefa de subversão de um estado de coisa? Em nome de quê? Dele próprio? No entanto, aqueles que de certo modo o abalaram nas suas convicções já estão longe, não poderão pagar por isso, ou seja, os contemporâneos são uma espécie de sucedâneos que enformam conteúdos diferentes, atitudes diferente. Assim, o autor ensaia uma forma peculiar de lidar com o tempo, íntima, supiciosa, frutuosa para a sua espitualidade e, ao invés de mergulhar no amor, projecta-se num mar de solidão que tanto o alimenta quanto é fonte do seu porvir e qualidade.

21

Talvez a minha escrita não tenha qualidade porque geralmente não tenho tido,

ou nunca tive, bloqueios, tive sempre alguma coisa a dizer, não estive à espera de qualquer coisa de metafísico ou jogar em xeque um grupo, uma ou outra pessoa, pelo que geralmente posso ser tido como um tipo univocal. Assim também raramente me senti seguro e confortável. O meu pensamento estendeu-se pelo fio da navalha ao longo dois dias como se ferisse indelevelmente a minha mente. Equacionei outras coisas, ensaiei uma outra forma de viver, mas não resultou, de modo que eu continuava, como um Porsche na autoestrada. Assim, mais uma vez, como se não fosse importante o que fazia, decidi descansar um pouco. De qualquer modo, a minha solidão gerava um efeito de anulação de qualquer coisa que fazia, por mais que me esforçasse. Havia nisto uma lei, evolucionista ou não. Talvez mais propriamente uma Lei de Murphy. Então, recolhido em mim mesmo, em meus pensamentos, encontrava o infinito na escuridão estelar da minha consciência. Ainda assim, procurava mais um ou dois personagens, para ensimesmar qualquer coisa que estava relatando, acontecendo, se fosse sincero com o papel em branco em breve acabaria no Hospital da Sinceridade, permanecendo de um lado para o outro só, fazendo sentido de coisa nenhuma mas ao mesmo tempo produzindo desrazão de coisas absolutamente extraordinárias úteis à humanidade que há-de vir, Oscilava, entre entre religião e ciência e o que ia pensando naqueles dias cobria o corpo de lama e porcária de todo o género, ou tinha de tomar banho, ou não, mudar de roupa interior ou não, lavar a roupa ou não, isso talvez fosse a natureza e a cultra degladiando-se no seio de mim próprio, jogado para a turba de corpos misturados uns com os outros, como se se tratasse de um ritual primitivo de resgate da alma de modo a entrega-las a um estado mais tranquilo e pacífico, onde as doenças são inexistente e a vida não é tão oficiosa e ciente de si próprio. Assim, o homem daqueles dias alienava-se, como dizia Danny, uns sim outros não, não era à partida fácil fazer complemento de tudo isso, ou seja, generalizar, é claro que havia um movimento colectivo, nem que fossem as Festas, mas certos homens e mulheres hesitavam e nessa hesitação compreendiam o sofrimento, o deles e o dos outros e então a sabedoria suprema de estar vivo para o que desse e viesse. Em tudo isto, ignorara o sol e seus efeitos benéficos; mergulhado em profunda meditação, via os

outros andando de um lado pra o outro, em diversas actividades e maneiras e reservava a mim próprio um quietismo estranho, um rumor cravado na alma que não me deixava sair da noção de mim próprio, ainda que eu próprio fosse todos os outros. Assim, talvez fosse todo um medo de me alienar que me retinha no meu espaço e impedia que mergulhasse no magma social que me rodeava. Contudo, mal sabia que estava já imerso nele mesmo, pois tudo o que o meu espírito produzia de sentido e desrazão era qualquer coisa equivalente ao que a sociedade faz -dá e tira- como que de um comércio de sentimentos englobantes se se tratasse. Não achava estranho isso, nem injusto, era assim que se desenrolavam os acontecimentos, simplesmente, não havia que teorizar bastante acerca disso, meia volta seríamos nós mesmo a ter a sorte ou chance de beneficiar de alguma coisa, muitos haviam desistido à partida por não perceber, outros por não receber, outros por não poder atribuir, significado e valor, enfim, alguns haviam resistido até ao fim e continuavam no activo e eu mesmo seria um deles, jogado nesse jogo do valor, afinal, do valor da moeda e dos sentimentos, da fruição e do sentido, da desrazão e do caminhar adiante. Sim, enquanto uns se preocupavam com valores mais ou menos económicos e capital, outros, imersos em estados de alma diversos, deixavam-se ir abaixo e eu dizia "não te podes deixar ir abaixo, resiste em ti mesmo, por ti mesmo, além, mesmo que não seja além, vai em redor, nem que seja dos livros e da rejeição total da tecnologia por uns tempos, passeia, dá de ti, recebe, retribui, avalia, és isso mesmo que mais faz o humano". O humano faz o que todo o animal faz, não em sentido depreciativo, mas quando em sua potência máxima, faz o que toda a besta faz, au-delá dos festins animalescos e demais contendas que fazem parte do (reino) animal. A planta, por outro lado, não pede para nascer, muitas vezes é impedida disso mesmo, mas logo cresce e se desenvolve noutra lugar; nada a pode parar, ao passo que o humano, em toda a sua riqueza simbólica, tem o poder maior de se destruir a si mesmo e logo aos seus sonhos. Mas poderemos ver, assim, a natureza humana, como algo limitado? Não florescerá noutra lugar, mesmo que destruída, por si ou por um qualquer acidente geológico, alienígena, mesmo? Talvez seja esse o grande segredo do Homem, contido em seu seio, ou seja, a imortalidade

de Si Mesmo nos mais diversos lugares, nas mais inconstantes geografias, tal como os pinguins e focas (e mesmo o urso polar) nos extremos sul e norte do planeta, tal como certas espécies no deserto, onde dá que pensar. E com que fim o homem inventou filosofias, religiões, formas de estar ligado entre si e com o desconhecido, senão com o objectivo de se perpetuar? Por outro lado, muitos vêm no aprofundamento das coisas humanas uma tarefa eivada de cientifismo, de solenidade, de pompa e celebração, quando a maior parte das vezes, quando vão aprofundar, apenas encontrar...lameia, para não dizer pior. Assim, a meu ver, a existência e o existente coincidem, seja, na forma como lidamos com esta vida lidaremos com aquilo que de mais potencial há em nós, o infinito de nós mesmos, projectado além, seja para dar mais vida além de nós, seja para perpetuar a nossa mesma. Assim, estamos constantemente pendentes entre o que é e o que pode ser e tal é o ânimo da alma, estás aqui, assim, mas queres estar além, como se estivesses possuído, no meio de um transe, sendo que há que analisar o que se passa. E interessa assim tanto analisar? O homem que se vê a si próprio e se detesta umas vezes, se acha genial outras, o homem que se conserta a si mesmo num quadro apocalíptico de relações, mais ou menos incómodas; enquanto uns se preocupam com o século, estando imersos no universo relativamente confortável (ou não) do senso-comum, outros projectam-se para aquilo que os projecta; outros ainda, analisam e passam a vida a anal-isar....

com paciência, mais, com complacência e assemelha-se ao cientista social quando não nele intervém, como se fosse um repórter de guerra. Mas este também tem espingarda, pode desencadear fogo, nem que seja em sua defesa e dos companheiros. De algum modo, ele está ao serviço da posteridade, ou seja, de qualquer coisa que não aconteceu, que ainda não aconteceu. Por isso é um corpo estranho na sociedade, alvo das mais ferozes críticas, como se a sua missão nesta sua vida fosse apenas reportar, registrar, apontar... E se a sociedade avançou tanto em termos tecnológico, não avançou em termos de costumes: continua a haver um racismo grassante, um puritanismo cristão, para não dizer judaico-cristão, uma plétora de sentimentos discordantes quando à sexualidade; muitos homens foram forçados e transformarem-se em homossexuais por mulheres ou simplesmente pelo seu meio, apenas para seguir a corrente e, de algum modo, sobreviverem não só socialmente, mas também mediaticamente. É nesse universo distópico da relação entre os media e a realidade que se joga o íntimo segredo de cada um, quer se saiba quer não, quer se torne público ou permaneça privado, ou sem-privado. Mas o que é afinal de contas a realidade? É o universo estelar, um meio fora da terra? Ou é algo muito intramundano, para não dizer inframundano, que de algum modo é procurado acercar, determinar, e que foge como uma serpente, como quem diz, a tarefa de destrinçar a natureza humana é inútil sob o pretexto de viver a vida? Creio de muita fé que a consciência do infinito somada à consciência da finitude de nós mesmos no ajuda a melhor viver a vida. Contudo, a maior parte não tem essa iluminação, que sempre foge todos os dias, todas as manhãs e que todos os dias e todas as manhãs temos de procurar (reacender), a maior parte está entupida por pre-conceitos a propósito de muitas coisas, inclusivé as relações, cega com as relações em seu redor, tomando antes de mais o solitário, ou a solitária, como aquele que não pertence. Ou seja, gera-se ou ocasiona-se um erro de percepção por tomar como absoluto o momento, o presente. Perde-se, então, a perspectiva de si mesmo na relação com os outros e inteiramente a perspectiva e apreciação dos outros, da vida, do mais importante, que será sem dúvida o que está além, essa força invisível que está diante de nós e que nem sempre vemos, por outras palavaras, a *anima* das coisas e

das pessoas, dos elementos e das considerações acerca da vida. Mas o que é a vida, afinal? Será procura da felicidade? Andamento, situação, apreciação? Ou será um rasgo de íntima força que nos leva a sermos velhos por direito e resistência, a Estar, Pertencer, Amar? Na verdade, não sei, como muito gente, o que é a vida, nem sei sequer o que é a morte. Alguns filósofos dizem que ela não existe. E haverá alguma forma de caos ordenado no que acontece, no que nos acontece, um caos caótico que apesar de tudo é comandado, ordenado, organizado, por um qualquer demiurgo? Sob pena de nos conformarmos às mesmas coisas-ideias de sempre, tentando preservar um modo de vida, não arriscamos preservar esse modo na medida de um odo, de um caminho, que nem sempre é fácil, as mais das vezes é espinhoso, mas que traz maiores frutos do que aquele que é confortável, pois o conforto acaba-se em pouco tempo quando viajamos pelo mundo fora...Em tudo isto, o ser humano necessita de estímulo, para não ter medo de avançar para o destino de si mesmo, conhecendo-se a si mesmo e ao outro, não só tornar-se no que é, mas ser qualquer coisa, algo mais, tornar-se no que não é, pois todo o ser muda, ainda que não mude internamente, muda no sentido que dá às coisas da vida através de sua biografia. Mas muitos não precisam de estímulos, quer por estarem fora do seu meio, que por de facto não os receberem no seu meio, por fazerem e serem diferente...assim, constituem um grupo de membro com afinidades, mais ou menos electivas. Mas quanto àquele que está verdadeiramente só, que não ama nem pode amar, a quem não feixam efectivamente amar, os impulsos são ora interiores ora distantes, vindos de uma realidade alternativa que ora a sua cons-ciência cria ora o quotidiano lhe proporciona. Eis o *homo symbolicum*, o homem-árvore a quem ninguém pode impedir de crescer, dar flores e frutos, de florescer em determinado meio, sob diversas e precisas condições... Ele representa qualquer coisa de suprasocial mas que não se vincula a uma esfera do transcendente. Digamos que está a meio caminho dos dois domínios e caminha para uma projecção infinita de si e dos seus sob o signo da negação e contestação de um mundo, de certo modo inframundano, infrahumano, pelos mais diversos motivos. Contudo, ele faz parte do mundo e da sociedade, age como qualquer outro actor social no sentido de o transformar de o

revelar, de com ele "andar de um lado para o outro."

23

Assim, também os mecanismos da sedução são da ordem do não querer querendo, não ser sendo, ou seja, como se o desejo não se pudesse afrontar, provocar, como se

o amado ou coisa amada estivesse sempre além, ou seja, como se alimentasse e proporcionasse uma certa forma de desprezo que a coisa amada tacitamente aceita, pelo que o amor-afrontamento é sempre doentio, desgastante, anulador dos sentimentos. Assim, enquanto certas mulheres exigem tudo de um homem no estado concreto, sacrifícios laborais, físicos, outras nada exigem sob a circunstancialidade do conhecimento mútuo. A maior parte pede um artista ou um executivo, mesmo que lhe seja dado o mundo e uma visão, uma *visée*, de certo modo um futuro. Algumas exigem o corpo porque talvez lhes falte o espírito. Outras exigem literatura, descanso, paz, mas aí já não têm corpo para cumprir um amor secular, físico, anatómico. Partindo de uma situação doméstica, muitas põem-se em bicos de pés ante o homem ou, o que mais acontece, estão com o determinado homem por défi de outro, ou de outra. Não é o contacto que ponho em causa. È o facto de muitas jogarem na esfera pública o seu papel de reprodutoras e anularem o desejo do enquanto enquanto performance. Umas andam de galho em galho e não assentam. Depois, há as desiludidas, que se pavoneiam e articulam em artifícios intelectuais, seja para fazer concorrência aos homens, que sempre tiveram esse privilégio, entre outros, seja para se automotivarem, se autosatisfazer, quiça para subir na escala social. A maior parte delas quer força física e psíquica sempre presente, segurança, alheamento do mundo. Muitas querem apenas um programa para seguir a sua senda na escala social. Outras, então, não sabem o que querem, não sabem o que perdem, porque, de uma maneira ou de outra, o homem está sempre disponível, para o que der e vier, sob um certo regime de paternalismo e elas aproveitam-se dessa força fraca do homem para reivindicar direitos. Concluindo, são a maior parte feministas, nesta época. Assim, eu mesmo haveria de ir pela cidade abaixo em busca de conquistas amorosas, trabalho e *endroits* que me levassem a outras disposições de espírito, menos pessimistas e mais intimistas, no sentido de satisfazer a minha intimidade, ou coisa assim. Então, fiz uma dissetação sobre essa vontade de ir cidade abaixo, pelas ruas, sem nada pescar, e mesmo que metendo conversa com alguém, nada conseguir. Era um fogacho, Lisboa, não me revia nesse ambiente e por algum tempo detestei os lugares onde ia

frequentemente, pela razão de que não encontrava amigos nem namoradas. Por isso, chego a considerar que somos aves na praia, observando o fluxo e refluxo das marés, tentando encontrar a medida certa para nos fazermos ao mar. Ou somos então as próprias marés, as ondas, em seu fluxo e refluxo, para trás e para a frente na mente no cotidiano, de um lado para o outro em casa ou na rua, quando puder ser, imitando o fluxo e refluxo do sangue, o fluxo e refluxo da mente e seus movimentos, ou seja, a mente ou na mente, observa-se um duplo movimento depois de estar absorver parte da realidade: recebe e logo tenta apagar essas pequenas percepções, ou seja, a mente é essencialmente sexual, colonizadora, muito mais do que o corpo, que é seu mero instrumento. Confuso, não procuro uma disposição especial para aguardar personagens, nem me sinto impelido a fazê-lo, antes vou deixado ir na noite, que me traz as palavras, as visões, a força de um dia seguinte e mais outro e outro ainda, não inventando demasiado, também por não fugir do meu ambiente, sendo que tanto a metafísica como a concretude me faz fumar um ou outro cigarro, na justa medida de um pensamento relativo ao estar-aqui-com razão. Ainda assim, recuso-me a ficar no silêncio, sob pretexto de sobreviver mais e mais, recuso-me a esquecer-me da minha mãe e do que ela tem passado, do isolamento da nossa família e outros problemas, que se devem em grande parte à filosofia. Estarei sendo injusto? Sim, talvez, mas posso criticar a filosofia pois faço dela forma de vida, tenho com ela um relacionamento tão íntimo quanto senti-mental, arreigado em mim mesmo e ao meu hábito de estar só, de andar só, de um lado para o outro, em *promenade*, esperando nela alguma forma de resgate ou consolo... Olho para a minha mãe como uma pessoa simples, honesta, manifesta, como uma flor ou uma planta que nasce e floresce por si, não precisa de se manifestar especialmente com grandes complexidades e por isso é talvez mais frágil e dócil. Nada tem a ver com a vida licenciosa que tive em parte da minha vida, um pouco por não ter trabalho, um pouco por me permitir, por ser antropólogo, fazer tudo e mais alguma coisa, nada de especialmente grave mas que terá certamente uma leitura moral. Não precisava de ser tão mole, nem tão duro, mas até certo ponto não aguentava sózinho coisas e ideias sociais, como também não aguento agora, sobretudo se nada receber em

montante por essa responsabilidade, como se fosse uma espécie de padre de uma ordem ou paróquia, uma espécie de missionário do saber, que acaba por ter de pedir ajuda constante a um familiar para alimentar uma disciplina do saber cujos autores não lhe dão uma oportunidade seja de que maneira for. Culparei os outros? Antes me culpo a mim mesmo por me ter lançado em empreendimento tão diversos quanto difíceis e perigosos. Com a filosofia, a *poussée* continua, a aventura perigosa continua, como se estivesse desafiando os outros a todo o momento, a pôr em causa os seus pensamentos e crenças, interrogando constantemente todas as questões fundamentais acerca das convicções mais sérias e amplas do Homem.

Apresento-vos agora Antenor, músico, hindu morador no Martim Moniz, em pleno Chiado. De tanto que andou nas rodas e andanças próprias do amor-afrontamento, acabou por ficar, mais tarde, refém desse próprio desejo, como se seu organismo e com ele a psua psique, gerassem um efeito de compensação de almas passadas que lhe atravessaram o espírito e outras até o corpo. Vivia agora no Soho, atormentado pela auto-proibição do acesso tanto ao amor como a materiais que lhe proporcionassem a visão do sexo. Saberria ele o que seria o amor? Sim, conhecendo Tremenda num templo, andou com ela de um lado para o outro durante uma meia dúzia de anos, mas não foi suficiente para conhecê-la. Alguma resposta havia de ser dada. Enquanto isso, enregelava os seus sentimentos tornando-se forte, quando sabia intimamente que só o encontro do corpo, dos corpos, lhe traria alguma paz. Mas ele persistia, ensimesmado, preocupado, agitado, turbulento e irascível. Como quem não tem nem conhece o amor. E seria o amor o lenitivo? Sua saúde psíquica deteriorava-se, enquanto trabalhava numa peça musical para a sua orquestra. E pensava consigo mesmo ao caminhar à noite pelo calçadão: Se a ausência de vícios deprime e nos torna maquinais, devem evitar-se tais recorrentes, a fim de pelo menos prolongar a vida? Sabia bem um cigarro após da refeição, como um bom vinho português ou francês no meio dela. Os vícios, usados na sua justa medida da moderação, conduzem na verdade a felicidade. Com o sexo era assim; não só precisamos dele, como nos convém, seja com quem for. E porquê uma escrita "medical" quando a maior literatura foi produzida sob o efeito de drogas e álcool?

Porquê? Em nome de quem, do Outro, da nossa saúde? Os psiquiatras apreciam a boa literatura, Verlaine, Baudelaire, a boa pintura, Dégas, Toulouse-Latrec? Assim, Antenor corria o risco de se tornar um chato, agarrado às suas convicções e talento no certo sentido da sua rigidez mental. O seu cérebro era de plástico e ele não permitia que o lume se aproximasse dele... Assim, ela estranhava como tanta gente falava uns dos outros a propósito de tudo e mais alguma coisa, ainda por cima de suas próprias vidas. Isso não lhe cabia na cabeça e decerto, na sua formação de músico, podia sentir diferentes sensibilidades, diferentes ondas de saber e ignorância. Antenor tinha a vida tão ocupada que só a dele mesmo interessava, podia-se chamar de egoísmo, mas abençoado egoísmo que não o levava ao ponto de partilhar com os outros a ignorância de uns e outros...Por outro lado, a sua mente sufocava qualquer coisa que estaria *por debaixo, no underground* dos seus sentimentos e afecções. Apegado ao erotismo, distraía-se de quando em vez com revistas e filmes e enfrentava ostracismo por parte de vários amigos e conhecidos, que ora ia perdendo por censurarem não ser púdico, ora o radicalizavam completamente. Ora, o futuro vai ser isso, com essa panóplia de movimentos obscenos temos de nos deparar, seja no sentido da proibição seja no sentido do assentimento, seja nos termos de um policiamento dos limites, online e na realidade real, efectiva, familiar, até, para não dizer escolar, nos temos de debater num futuro próximo. Porque assim como não se pode impedir as pessoas de amar, não se lhes pode pôr uma venda para não verem ou não fazerem sexo. Aliás, os psicólogos e psiquiatras explicam isto muito bem, para além de certos filósofos, que ligam a industrialização do desejo à economia mais ou menos libidinal e às pulsões mais variadas, entre as quais está em primeiro lugar a de conquista territorial e corpórea (o Outro como território), depois a conquista de *status* que, num certo sentido e no sentido lévi-straussiano da coisa, à conquista de mais território, de mais mulheres, ou mulheres, conforme o caso. A teoria de Lévi-Strauss, aplicada ao domínio da economia doméstica e do grupo dominante, e nele do sujeito dominante, explica muita coisa que se faz sentir na sociedade industrializada; constitui, em certo sentido, a mais cabal teoria do comportamento da alma humana. Outras se seguiram, mas não

tão radicais, simples e efectivamente acertadas. Ainda assim, entre solidão e bemquerença, permanecendo sempre no nosso registo, nunca chegaremos a ser quem não somos, ou seja, nunca no poderemos meter, imiscuir, na esfera do Outro. Isto segundo a filosofia ou antropologia, mas segundo a psicologia, é possível e aceitável que o façamos, como se duas mentes se pudessem fundir, satisfazendo-se mutuamente ou dando origem a uma outra mente, numa descarga psíquica mais potente que uma bomba atómica mas ao mesmo tempo mais indelével que uma folha que cai ao chão...

24

A vida é assim; quando nos aproximamos da perfeição, do riso, da expectativa e do desânimo, estragamos tudo. E encontramos a literatura. Ea vida não é literatura,

nem a literatura assume a vida; vivemos, pois, deslocados, nosso foco de atenção ora está, se planteia, em termos concretos a determinado objecto ou em termos abstractos a determinada ideia. Ou então, a mais das vezes desloca-se, anda à deriva. E andamos loucamente, em transe, de um registo para o outro, secretamente na intimidade de nós mesmos a maior parte das vezes, carregando com Bruno o fardo do pecado, ora nos aliviemos, andando de um lado para o outro como Dom João VI na Pena e a nossa vida consiste essencialmente nisto. Estamos num campo de milho colhendo espigas, que carregamos às costas e quando as descemos das costas, a cabamos por deitar mais carga em nós, mais espigas de milho para as costas, mais peso sobre nós. Outras vezes, estamos em plena cena de escamisada, desflorando camisa após camisa para acumular espigas de milho; estamos horas e horas naquilo até acabar, sempre com a expectativa de vir a descobrir e deter, possuir, o milho-rei, o vermelho-ruivo que nos salvará o dia e talvez mesmo esta jornada a que chamamos vida. Além do mais, podia projectar no meu futuro toda a raiva que tenho para com aqueles que me desejaram mal, sendo eu apenas um tipo que, meramente, escreve e pensa, penso que bem. Podia argumentar um rancor contra uma cidade inteira por não ter sorte com as mulheres, no sentido em que não as possuo, mas não o faço, procuro de certo modo atribuir a mim mesmo a culpa daquilo que não consigo fazer ou não consigo obter para mim, sendo um tipo que se dá feliz por não viver num convento, o que não quer dizer tapado, mas bem mais prefiro ser assim do que ser chico-esperto demasiado desperto, ou seja, prefiro, neste tempos conturbados *A Nuvem do Não-Saber* à cegueira de saber tudo e na realidade nada saber. Ainda assim, muita da minha insegurança psíquica provém essencialmente do facto de não ter carro e o facto psíquico de andar com pensamentos dos fundilhos, tem a ver essencialmente com essa questão. Não sou gay, neste momento não sou, não sei se alguma vez fui, mas não faço finca-pé disso, não cultivo isso que é um privilégio de ouro para alguns. Na verdade, nem tão pouco estou preocupado em sondar os outros para os derrubar, tenho os meus inimigos, mas aprendo com eles como comigo próprio. É estranho, mas é a minha vida, entre actores, personagens, pessoas, ideias, coisas-ideias e coisas-coisas.

Finalmente, vejo um filósofo. Tem uma vida normal, um emprego chato, a mulher ideal com quem está em quase todos os momentos. A vida que eu gostaria de ter. Lembro-me de Humfrey Bogart e do seu tom grave e sereno que, quando se zangava levava contundentemente tudo à frente consigo. Lembro-me de Casablanca e outras películas do género, de Charles Bronson, de James Cagney. Escrevo neste momento por escrever, como um barco à deriva, que sabe que não sabe que vai encontrar o seu bom porto, falo por telefone com pessoas que posso vir a conhecer e por momentos esqueço aquelas que conheço, na chama dos acontecimentos, no fim porvir dos minutos que passam, na pressa de ter alguém comigo que se comprometa amando e que amando não se comprometa, mas que passe comigo algum tempo, de um lado para o outro, para a frente e para trás, beijo atrás beijo, poeticamente agarrado antes ao televisor que a mim, pois afinal ele é de vidro e metal e meu coração arde deixando qualquer coisa de mortício para trás. Não quero a felicidade forçada, antes a esperada, preparada, trabalhada, não de um momento para o outro, mas de momento atrás do outro, continuamente, apaixonadamente, fazendo explodir o coração; mesmo que tenha de sofrer de solidão e achaques do espírito, prefiro assim, pois sei que alguém me libertar, Deus sabe que tenho tentado, Deus sabe que mereço. Espero pelo correio, enquanto a vizinha lava o chão dos cócós do cão. Não sei a que horas vem por estas bandas, mas já deve ter passado. Espero pela minha pequena quantia mensal para pagar algumas contas, comprar comida, cortar o cabelo, comprar um perfume. É pouco, mas de nada me vale ser antropólogo nesta situação. Talvez na Melanésia conseguisse alguma coisa, aqui tenho de viver disto e da ajuda da irmã sob a capa de uma doença que às tantas nem existe, mas se existe é objecto de chacota. Queria ficar sem inspiração, esquecer o doutoramento, ou seja, a tese para discutir e mesmo o pós-doutoramento, para mim já feito, teoricamente, há um par de meses, queria esquecer tudo e viver um grande amor numa bela praia, esquecer-me de tudo, mas depois lembrei-me que fosse talvez um franco-espanhol em férias, em turismo em Lisboa e que seria de certo modo brando o que me estava a acontecer, recebia todos os achaques e nunca me havia inserido profundamente na alma lisboeta, talvez não

fosse tal coisa necessária e indispensável, *keep it that way*. Finalmente aparece o bloqueio desejado, não suspeitado, o medo de sair de casa, o pânico de estar em casa durante o dia, a depressão em poucos minutos, estados distintos de ânimo, entre um feriado e outro um dia esquisito. Os personagens fogem do registo onírico e tornam-se pesadelos em pleno dia: as velhotas que falam da vida dos outros, o homem do talho em frente que mora paredes meias e que está sempre enervado, o medo íntimo e constante de ser picuínhas, o medo de não encontrar alguém de repente narua, como queria, sem saber nada da pessoa, esse sentimento variável de familiariedade, a tv que só dá coisas estranhas e estrangeiras. Além disso, soma-se a saudade da mãe, o fulgor em estar permanentemente apresentável, bonito, elegante, bem constituído, forte. Perdi a inteligência, perdi o à-vontade das ruas com que outros estão fazendo dele usufruto para fins vários tais como a afirmação pessoal. Eu não sou assim, recolho-me no meu canto, faço rumações, preparações, sensações sobre os outros cavando em mim mesmo uma exigência que dá cabo de mim. Isto não é doença, mas pode ser. É personalidade? É uma reacção face ao meio, ao médio? Certo é que apenas o Senhor do Condomínio me pôs à-vontade, mas certo, sob certas exigências, "nada de pretos", "nada de pretas", interpretei. Hoje não tenho vontade de correr, embora esteja equipado a rigor. Apetece-me sair cidade adentro e gritar à força toda "eu existo!!!", contudo ando em redor de mim mesmo, deixando o tempo passar, preferindo deixar que os outros o apanhem e junto com ele um sucesso de fazer as coisas. Tomo mais um café, seguido de mais um cigarro. Sento-me a ver um pouco de televisão, como um parvo, sem saber o que fazer...

25

Há sempre qualquer coisa a dizer, por isso não descanso triste, por isso falo pelos cotovelos, certamente porque não me acomodo numa certa realidade, tento sempre ir mais além, masi longe do que é evidente. Mas não vou falar mais de mim.

Como poderei então falar dos outros, enredado na língua, na linguagem, toda a linguagem é um vírus. Tive, portanto, um segundo bloqueio e se não conseguira contornar o primeiro, este segundo era estranho pra caramba, nem sabia como o definir. Era como ter uma sanita entupida, a merda não ia nem ficava a boiar, sequer, ficava encalacrada no caminho. Puxa, a questão é "quem a vai desentupir", pois tal como nas questões da vida, há pouco quem saiba resolver os problemas, a maior parte acabar por fugir, levando uma vida errante de fuga para a frente, o que é verdadeiramente irresponsável. Porque andamos sempre procurando exactas explicações para o nosso comportamento, para o comportamento dos outros, para o que acontece? Será isso tipicamente ocidental, essa forma de inquisição sobre os factos, os sentimentos que se desenrolam diante de nós? Terá alguma coisa a ver com a tradição judaico-cristã de governo, de economia do dinheiro e do capital? Se deixássemos andar as coisas como elas se desenrolam, certamente que seria diferente. Ou não, ou não vale mesmo a pena a preocupação. Por outro lado, esta evita muitos dissabores, toma a forma de um "tomar conta da vida", onde se ensaia uma profiláctica dos acontecimentos, dos nossos acontecimentos. Mas não vale mais estarmos distraídos e ir lendo bons livros, se não podemos alterar o futuro, se de alguma maneira ele está já traçado. Efectivamente, as coisas nunca acontecem como prevemos, por mais penetrante que seja a forma de o fazermos... Ante a dúvida, sentia-me constrangido, talvez esta cidade não fosse para mim, não fosse a minha cidade. Talvez fosse apenas uma cidade, uma metrópole etérea de me conformar com isso. As pessoas, principalmente nas relações amorosas, descartavam-se umas às outras, naqueles anos de dois mil, pregavam ratoeiras umas às outras, ou faziam alusões psicológicas sobre o bem ou mal estar das pessoas, suas amigas ou não. Isso para mim é uma doença. Sim, posso dizer que apenas eu e mais alguns, somos honestos. Cada um diz que é honesto por si próprio e pronto, não diz mais nada. Mas o certo é que ser agressivo enervava-me, cansava-se e eu não via ponto algum nisso mesmo. Para mim, tanto dava uma coisa como outra, não era demasiado exigente. Talvez porque já tivesse passado dificuldades. E afinava-me no meu quotidiano para não voltar a acontecer. A mulher de Lisboa podia ser oca, mas

era sabida, ladina ou qualquer coisa do género. Nesse sentido, Lisboa era uma aldeia. Além do mais, estando só, deveria importar-me com alguma coisa? Porém, estava além de mim mesmo, do meu momento próximo, quase a cair, sem amparo, sem sinal de vida exterior a mim e mesmo assim resistir perder a força, como se não a tivesse realmente. Na escuridão, ensaiava um diálogo com um amigo imaginário, tornando-me duro face à pedra da montanha, sob pretexto de relacionar uma coisa ou outra, sempre recusando ao meu espírito o ardor ficcionista da literatura aqui.

26

Podia ocupar-me dos mais variados problemas, aspectos da vida social e cultural que eu percebia francamente e para os quais tinha uma queda imediata. Podia deitar-me abixo e remoer a situação comigo mesmo, podia culpar muita gente, que

ao longo do caminho me tinha ostracizado e ignorado, muita gente que o continuava a fazer. Podia fazer tudo isso e muito mais. Mas não o fazia, também não ia agora lutar contra moínhos de vento e não era isso em verdade do que se tratava. Podia deixar de ser eu mesmo e criar uma mentalidade ganhadora a respeito do meu Ego, rodeado de coisas e pessoas relativamente famosas cá do burgo. Podia fazer isso e muito mais. Podia maltratar as mulheres ou tratá-las delicadamente como se não quisesse nada com elas, ou querendo e tendo alguma coisa com elas, aturar os seus achaques. Mas não o fazia. De certo modo, essas pessoas estavam a pagar, como eu estava, pelo que outras haviam feito, alojadas na minha memória, na memória de outras pessoas que via e com quem falava. Podia fazer isso e muita coisa mais, mas não o fazia. Preferia viver o meu quotidiano sem grandes sobressaltos, um passo após outro, um movimento após o outro, como se fossem os meus últimos momentos, como se tivesse uma doença terminal, secular, sei lá, como se todos dissessem mal de mim e ninguém me encorajasse. O trabalho de conceptualização não era fácil e era sem dúvida revestido dos maiores dos espinhos: críticas, invejas, bocas, olhares de reprovação. Quem admirava não te atrevia a tocar, a falar, a conversar. Assuntos importantes ficavam (para sempre?) esquecidos e só a literatura importava, a filosofia das coisas e das pessoas. Não fazia yoga mas alguma meditação, recorrendo às aprendizagens diversas do passado, fazia corrida, tinha e alimentava um sentimento de progressividade, que em vez do estar e do Ficar, tinha a ver intimamente com a minha personalidade inquieta, um trabalho progressivo de vencer sempre qualquer coisa, qualquer ideia e qualquer pessoa, em certo sentido porque era criticado pela minha disciplina do saber e pela minha profissão. Não podiam exigir grande coisa de mim, pois tinha dado bastante e sózinho, em amparo, a maior parte das vezes discriminado e ignorado, eu próprio exigia de mim bastante muito mais do que podia dar. Mas era tempo de pensar de outra maneira. Estava cansado, doía-me a cabeça por dentro, bem dentro, no seu interior efabulador, doíam-me as fontes, fumava menos para me sentir melhor, tomava a medicação, como sempre. O que para muitos parecia óbvio, era para mim bastante complicado e delicado; o que para muitos parecia extremamente difícil e

inacessível, para mim era óbvio, obviamente fácil, banal até. Estava nesta condição, dependente do meu estado de espírito, enquanto muitos recorriam a psicólogos e falavam com este e com aquele em conversas fúteis e intermináveis, eu refugiava-me em mim próprio, nas minhas crenças e forças, no meu querer. E, na verdade, conseguia, levava a minha adiante. Mas sem grandes resultados aparentes, concretos; a vida não avançava, por muito que me esforçasse, estava numa esfera de pensamento na qual aqueles que me podiam ajudar, com conselhos, palavras, coisas do género, tinham inveja de mim, do que era e representava. Desistira de tomar as coisas pelo todo, de compreender o que me rodeava; não valia a pena, era um esforço inglório, estava comigo, por mim, por minha conta. Lembro-me dos dias no Alto de São João, das churrascadas que nunca fizémos, dos Domingos sem nada fazer, parado na Parada, dos Domingos também na Portela, sem falar com grande gente, como se eu fosse anti-social, dos fins-de-semana no Reno, andando de um lado para o outro, de manhã à noite, cavando argumentos para a tese, conhecendo mulheres de circunstância, sempre com pouco dinheiro, fazendo alguma filosofia *au-delá* da academia, *au-delá* das simpatias sociais, como se fosse, de alguma maneira, um apêndice da sociedade em que vivia, de que se precisa ou não, conforme as conveniências e que se pode extair sem prejuízo para ela. Na verdade, talvez tenha estado sempre inserido e não tenha dado conta disso, não tenha precisado falar com este ou aquele, com aquela determinadamente pra que alguma coisa acontecesse. As coisas foram-se sucedendo, foram evoluindo, de umas fiz parte, de outras não, conforme o caso. Mas as vozes nunca me deixaram, nem deixaram, apesar dos silêncios momentâneos, dos abrandamos. São elas talvez que me fazem sentir excepcionalmente vivo e através das quais e com as quais sobrevivo. Depois de eu passar, as coisas ficam mais ou menos desertas, não percebo. Como se não gerasse simpatia, por ser perfeccionista ou empenhado nas minhas coisas, deixo transparecer um certa e determinada imagem que não colhe simpatias. Talvez tenha de ser mesmo assim. Ou não, talvez mude com o tempo e a minha experiência. Estou habituado a ter pouco, tanto no afecto quanto nos bens. Sempre tive um lar, um chão, mas de certo modo nunca tive uma oportunidade profissional

realtivamente válida onde pudesse expraiar as minhas expectativas e aptidões. Isso ajudou-me a ser bom noutras coisas, como a escrita e a argumentação, antropologia e a filosofia. Mas isso não é particularmente do agrado da maioria das mulheres. Parecem, por estas bandas, avessas a qualquer esforço intelectual e à reflexão. Como a maioria das pessoas, nestes dias. Apenas querem ou não sabendo se querem, cumprir um destino biológico. Talvez estejam certas. Mas é já tarde para mim ser assim, que sobrevivo na instabilidade, no nervo, na quase paranóia. A doença de que sou portador conduz-me em parte a isso. E daí chovem as críticas, as bocas, ou porque não tem emprego, ou porque pensa diferente. É o mais difícil aguentar, os risos e garalhadas deles e delas, quando na maior parte do caso não têm a mínima noção do que dizem ou no mínimo algum sentido ético. É mais do que lógico: quem alguma vez sofreu de doenças psíquicas, jamais se ri dos outros ou da doença dos outros. Mas eu não enfatizo esse facto, a doença; prossigo, calmamente, com mais esforço ou menos, tentando levar uma vida normal e prazenteira.

É Domingo. Ando de um lado para o outro, angustiado, procurando razões para sair, razões para ficar em casa. Ainda bem que não me tornei um bruto, como a maioria. Talvez tivesse mais sexo e até saúde. Estive a ponto de me tornar um deles. Mas com comportamentos desses, as coisas acabam sempre por descambar em merda e coisas do género. Por isso me têm inveja e não tenho par no lugar onde vivo, tenho sempre pretendentes, se fosse mais estratégico podia ter muito mais proveito, mas afinal não dou ligeiramente muita importância às conquistas. Mas também não convivo com intelectuais, engraçado. Estou na minha, vivendo os meus momentos, não pedindo mais do que ser vivido, ser eu próprio e viver um dia atrás do outro. Claro que etnho projectos, trabalhar, ter dinheiro, ter livros para ler, continuar a fazer o que de certa maneira tenho feito até aqui. Mas não vou já com a força toda; sorvo cada momento como se fosse o último e cheguei a uma forma de sabedoria que não pede imensas tipas ou sexo, embora tal possa acontecer. De certo modo, tenho uma perspectiva ativa sobre o que me acontece, sobre o que me rodeia. Não procuro demasiados prazeres, nem me refugio na dor, como forma de chantagem ou massacre do Ego. Distraio-me a qualquer momento e vivo momentos

de felicidade. De certo modo, tenho um segredo; por isso sou invejado e admirado, por isso sou criticado e gozado. Mas tento não responder. Raramente, uma vez ou outra, me chamaram de Doutor, e isso reflecte exactamente o meu papel na sociedade: não estou para servir nem para ser servido, abandonei a maior parte das causas a que me dedicava, talvez por julgar que quem a elas se dedica ou é pobre de espírito ou tem uma segunda intenção. Procuo ideias novas a todo o momento, formas de estar e pensar, formas de comunicar novas, arrojadas e que me fçam projectar a diferentes estados de espírito, elevados, nobres, inteligentes. Grasso agora mais, ante a recusa da aceitação das ideias dos outros, como dantes, ou de mestres, como em mais novo. De alguma maneira, sou mestre de mim mesmo e isso é o que mais importa: amestrei a realidade em que vivo, a minha realidade, aquela que me proporciona felicidade e razão de viver, de continuar, de prosseguir, de porvir.

27

Estive uns dias sem aqui vir e vivi várias desilusões amorosas. Nunca fora tarado, embora gostasse bastante de mulheres, de todas as formas e feitios, dos seios e da passarinha, do pescoço e dos cabelos. Para além de nunca ter tido grande coisa de

sorte em Lisboa, a coisa continuava desde que me mudaram para a nova casa, comose fosse um malfadado karma. Resolvi, então, sob esta atmosfera de pessimismo e ausência de brilho, falar dos meus pais, longorosamente. Em relação ao meu pai, sepre guardara um certa distância, muito provavelmente proporcionada pelo seu carácter. Em muitas coisas, tinha-o como modelo, mas enquanto ele sempre fora um ser eminentemente prático, eu era eminentemente teórico, embora percebesse alguma coisa das artes e ofícios que ele dominava. Como vou falar deles sem falar, ao mesmo tempo, de mim próprio? Continuo a escavar, na minha memória e intelecto, razões para continuar o argumento deste livro. Lembro-me agora bastante da minha mãe, mas nem sempre foi assim, nem sempre lhe dei importância. O meu pai arramente me reprimia ou chamava a atenção para qualquer coisa que fizesse ou não fizesse, andava tempo demais ocupado com o trabalho, que o absorvia cegamente na era da técnica da construção civil e agricultura. Agora compreendo porque minha mãe não gosta de sair de casa: sempre quis ter uma, o que não aconteceu com a minha avó, que morreu aos 94 anos sem nunca ter morado em casa própria, não é por medo nem comodista, ela gosta mesmo de estar em casa, que se dane o mundo! Eu entendo isso agora, também sou bastante "caseiro". Por vezes, o meu objecto de desejo fora a minha mãe, a minha irmã, depende do caso. É normal; sou um tipo tímido que realmente nunca saiu de casa, nunca tive grande aventuras quanto a miúdas, bares, bebedeiras. Nesse particular, a faculdade foi uma desilusão, a vida continua, quanto a mulheres, a ser uma desilusão; quando tenho interesse, elas não têm, quando não tenho, elas lá têm. De modo que fui criando uma imagética mais ou mesmo "familiar", eivada de algumas "amigas" que ia conhecendo. Os dias sem conhecer alguém têm sido cinzentos e com pouco sentido. Arrasto-me pela casa e um pouco por Lisboa, fazendo uma ou outra coisa, de um lado para o outro, para trás e para a frente, tentando levar a bom porto esta singular narrativa. Os meus pais sempre foram apaixonados um pelo outro, talvez eu procure essa paixão, ligada a um idade biológica semelhante, e que nunca encontrei, ou encontrei mas não levei a peito. Nestas coisas é preciso esforçarmo-nos, nas relações, empenharmo-nos, e eu nunca

fui assim tão empenhado como sou hoje em dia, por exemplo. Será isso forçar? Eu entendo que nos devemos empenhar, sobretudo porque estamos num tempo em que é difícil **manter** as relações. Na verdade, eu tinha razão; ninguém, neste país, se importava com alguém ou alguma coisa. Muito menos comigo. Queria ver e saber se alguém, como eu, poderia trabalhar em que quer que trabalho que fosse depois de ter estado internado em instituições psiquiátricas umas seis ou sete vezes. Não tinha a certeza absoluta, mas suspeitava que não havia, mesmo assim, ninguém com mais talento que eu, quer nas universidades quer nos escaparates das livrarias. Contudo, sabia que nem sempre o bom vem à superfície; por vezes precisa de ser guardado na sombra e na escuridão, tal a sua tamanha importância e valor. Quando saía de casa ia até à estação do Oriente ou, lembrando outros tempos, do Sadanha ao Marquês de Pombal e daí à Praça da Figueira. Algumas vezes ia até ao Cais do Sodré, outras saía na estação da Alameda e descia a Avenida Almirante Reis até ao Martim Moniz. Um dia fui até lá, ao fundo, apenas para comprar uma pulseira para o meu relógio "mundial" comprado através da revista *Time*. Mas estava farto de estar e andar pelas ruas sem falar realmente com ninguém, conversas e intimidades que se cruzavam comigo e pelas quais poderia ter ou não alguma interesse, dependendo também do meu interesse. Na verdade, estava também cansado de escrever, mas lá continuava esta narrativa, o meu objectivo seriam as cento e oitenta páginas. Podia sempre ficar por aqui e desleixar-me, descansar, mas eu nunca tivera lassidão na escrita, tendo escrito bastante e creio com alguma qualidade. Quantidade e qualidade, portanto, como se tivesse pressa de ser um autor conhecido e premiado. De modo que de quando em vez borrifava-me para esta arte de reportar a vida que é a escrita. Portanto, estou numa actividade bastante pouco lucrativa, que exige sacrifícios, solidão, tempo, exige muito e que se recebe em troca? Para mim, a admiração e o sentido de reconhecimento do público, essencialmente no sentido em que eles se revêem no que dizemos. Se levamos a coisa com mais ou menos responsabilidade, isso é secundário, mas creio também que o escritor já fica sentido e contente, no sentido de satisfeito, quando produz, quando liberta as endorfinas no acto de criação. O reconhecimento é sempre bom, mas nem sempre ou mesmo

raramente acontece, pelo que o melhor é continuar a alimentar a esperança e a chama da inspiração se quisermos fazer disso **vida**. Quando oiço Pat Matheiney lembro-me do Josué, o amigo que perdi no ano passado. Passávamos longas horas a conversar, em diversos cafés, a jogar brilhar, falávamos de tudo um pouco. Não fui ao seu funeral, talvez porque tivesse medo de me assustar, de me impressionar com a mãe aos gritos e o pai a puxar os cabelos, diacho, mas fui vê-lo dali a duas ou três semanas no cemitério. Depois, vi que a minha máquina de café tinha duas luzes, uma vermelha outra verde, o que para mim indicaria uma certa reponsabilidade de ser português. Para mim era simples: apesar das chitices deste mundo, eu podia criar, não estava abandonado pela luz de um convento onde seria proibido escrever ecrtas coisas. Ainda assim, eu tinha um certo critério no que deitava para fora da cabeça, sendo que a cabeça era o cérebro, junto com o coração a dualidade afectiva que me animava os dias, nem que fosse para ir além do evidente. Face aos outros, olhando para o Josué, eu não era assim tão sexual: havia verdadeiros tarados por aí, que levavam o trabalho com assintosa leviandade, falavam com este e com aquele por tudo e por nada e nem tomavam banho todos os dias e que mesmo tomando não lavavam as partes. Eu reparava que quando não me lavava (nas partes) ou meu desejo porcalhão aumentava e lá voltava, volta e meia, aos meus rituais de limpeza, que pouco ou nada tinham de doentio, por simplesmente eu estava mergulhado nisso", sendo que muito do meu fracasso com as mulheres se devia ao facto de, precisamente, ter cuidado em ter o meu corpo limpo. Assim, desta maneira, eu raramente respondia a uma boca ou comentário sobre mim. A agressividade e violência enervava-me, causava-me tanta tensão tal como a vida, o quotidiano, na cidade. Estava sobre grande stress e fazia algum desporto, corrida, trinta minutos por dia, enquanto procurava não fumar, ou pelo menos fumar apenas dez cigarros por dia, em vez dos constantes vinte, tinha receio de vir a ter um AVC e creio que nisso estava aliado ao meu pai, que tanto odiava o tabaco quanto o sangue e que, por fim, tinha uma saúde de ferro. Eu não respondia, acumulava, acumulava e respondia em que sentido? Com bondade e mais bondade, em relação aos outros, às crianças. Tinha alma de santo mas não o era. O que seria preciso para o ser? Sim,

desejava muito ter um corpo ao pé de mim mas, decididamente, as coisas não estavam a correr bem e digo isto aqui, fazia alguma filosofia para me consolar, para afigar a minha atormentada alma de escritor ou novelista, para saciar e preencher a minha solidão moribunda, o meu corpo arfante de desejo no estertor da monogâmica testosterona que quase me rebentava os músculos por dentro. Para muitos, eu estava destruído por dentro, rebentado, aniquilado, mas eu continuava, estava bastante vivo, sabia que o problema era essencialmente amoroso, ou seja, não tinha tido efectivamente namorada no Reno e tinha de certa maneira de me desenrascar sózinho. Onde eu aguentava, muitos fraquejavam e alguns, aguentando, faziam apelo a um Deus que nem sequer cabiam explicar, nem sequer sabiam como e quando operava neles mesmos ou nos outros. O meu recurso a pornografia havia diminuído, eu nunca fora tarado por isso, quer dizer, em tempos fora, mas estava-me desabitando; não procurava nada em especial, apenas descarregar os nervos. Muitos diriam que seria preciso um exorcista para me curar, pois o porno podia ser uma doença, um vício. EU não me queria comparar aos outros, até porque meditava bastante, do levantar ao deitar, durante o dia, nos transportes e na cama, no café e na cozinha. Mas estava chegando a um ponto de saturação e cansaço em que o mais lógico e saudável seria mesmo ceder. Que fazer perante esta situação? Na verdade, qual o verdadeiro inimigo da filosofia? Pretende esta disciplina abarcar todo o conhecimento, todo o mundo, todas as questões do universo, na mente dos homens, além da deles, ensaiando um conhecimento inacessível, que ninguém pode jamais almejar entender? Não é toda a filosofia mera retórica, uma retórica do vazio, da forma? Será o verdadeiro inimigo da filosofia simplesmente o corpo, o desejo. Podemos olhar para um Sade, para um Bataille, mas eles não eram filósofos, simplesmente. Um, um debochado com sentido político; o outro, um prosador do desejo, policiamente duvidoso. Eu, por exemplo, só raramente me apercebo na situação em que estou, em grande parte devido ao facto de fazer filosofia. Interessa ter alguém? Claro que interessa, mas mais interessa ser alguém, tornar-se alguém, de certo modo não se alienando no que os outros (por vezes, grupos), fazem ou dizem. A via da verdade não é fácil, andamos a maior parte do tempo de um lado

para o outro sem fazer. Muitos são diferentes: são caçadores, sabem sempre o que querem, e conseguem o que querem, raramente têm dúvidas. Mas aquilo que queres será coisa a querer? Não é apenas deles mesmos e de mais ninguém, uma forma de egoísmo portátil que nunca mais acaba, uma forma baixa de soberba? Na verdade, sinto que este mundo não é meu, que não é o meu. Sinto que sou bom demais e ainda por cima tenho desejo. Devia ser como os outros, a maior parte daqueles que conheço e desconheço: ser mau e ter (ou nem sequer ter, nem sabem o que isso é) desejo. Lembro-me me que fiz bem ir para o seminário, que não fiz muito bem estudar antropologia, ou terei feito, não sei, mas que afinal tenho direito a estar por aqui, balanceado de um lado para o outro, procurando fazer alguma coisa, procurando ainda do lado de cá da vida, a felicidade, os dias melhores e talvez seja feliz, às vezes in-feliz, nessa procura, talvez mesmo os que estão felizes não o estejam verdadeiramente, ou são limitados, ou outros, bastante melhores do que eu no sentido estratégico, estejam bem mais confusos e desequilibrados do que eu e talvez ainda neste caminho longo que há para percorrer eu esteja ainda aí, para as curvas, independentemente do que possa ou não conseguir, do que possa mostrar a alguém ou a mim mesmo. Aprendo e tomo como emu um caminho sibilino, o do bom-senso e do equilíbrio das situações. E o que é a felicidade, afinal? Nunca saberei, nem quero saber. Apenas quero estar bem, se bem for estar feliz. Por vees, levo a vida com incoscência; outras vezes tomo por consciente tudo o que me acontece, tudo o que faço, os meus passos. Mas isso não chega; a vida é uma aprendizagem, de um caminho, rumo talvez ao Nada. Porque não admitir o nada desde já e tomar isso como um dado adquirido. Nihilismo? Talvez. Mais uma forma de sobrevivência.

28

Viver assim é deveras violento. Supostamente, temos de abarcar tudo e mais algumas coisas, abarcar coisas que os outros não chegam a entender, não querem entender, ou não conseguem. A brutalidade da existência humana e o absurdo chegam ao ponto de praticar a ignomínia e premia a dor e o sofrimento. É assim com o poeta, num caminho que grassa a loucura e a vertigem para a morte. O poeta,

devido à sua personalidade singular, praticamente não tem amigos físicos, daqueles com quem nos encontramos e com os quais nos rimos, convivemos, dizemos os maiores disparates. Para alimentar a sua arte e assim se alimentar de vida, não fenecer, não padecer, inventa amigos imaginários e sistemas de pensamento, é disso que vive. Faz, de certo modo, o seu comportamento coincidir com o dos outros, mas à distância, à luz da memória. Mas isso também é uma prisão para ele, porque eles não lhe dizem nada, quer dizer, não se comunicam com ele. Enquanto poeta, leva uma vida tensa, sibilina, evidentemente respeitadora dos bons costumes e da sociabilidade das coisas e das pessoas. Mas enquanto intelectual, descamba para o *desarrai* da mente e do pensar, fazendo-o projectar deste mundo para um outro lugar que nem sequer possui a característica de ser Mundo. Podia dedicar-se à arte da sedução, mantendo o seu trabalho, a sua conveniência e convivência laboral. Fazer disso objectivo de vida. Mas é uma personalidade superior, um homem do desalento, que passa de lado do mundo, por vezes, ao lado, como um semideus, desalentado, poetizado, como um deus passeando na brisa da tarde...Sabe que faz sacrifícios em nome da literatura, mas vive noutra época, não aquele dos seus contemporâneos, que não fazem sacrifícios nem são poetas, ou talvez o seja fazendo ou não sacrifícios. No fundo, vive-se num reino da hipocrisia: todos gostam, mais ou menos, do poeta e do filósofo, ainda que levem uma vida completamente estapafúrdia e desordenada, ou ordenada e estapafúrdia, quando nem sequer desconfiam que o poeta é o mais lascivo, o mais sexuado dos seres, se for caso disso; ainda que ele não se entregue selvática e constantemente às paixões, é o mais brilhantemente erótico dos seres, pois na sua mente pulula o amor e o amplexo de toda a ordem e ele satisfaz a sua mente com isso e talvez seja isso mesmo, por uma via misteriosa do seu pensamento, que alimenta os seus dias e faz proliferarem da sua boca palavras e mais palavras, grunhidos de alimenta-besta amansada, sofro de espiritual perfume sobrenatural. Ele está, todos os dias, perto da morte e do abatimento e todos os dias se levanta, numa luta sem par; ainda que essa luta seja inglória e desnecessária, ele empreende-a, porque vê, ao contrário dos outros, um sentido sempre novo e inesperado, inspirado, nas coisas e nas pessoas, no sol, na

vontade, no absurdo. Na verdade ele tem um dom, como se fosse um diamante no peito, no lugar do coração, o dom de transformar coisas aparentemente banais ou infelizes e coisas belas, sentimentos e palavras belas, dando valor à vida e acabando por transformar os outros. Neste sentido, o poeta é um fingidor, ele quer todo o amor e todo o sexo do mundo só para ele; quer estar no Hawai e nas Bahamas ao mesmo tempo, todo o tempo da sua vida. Nisto tem uma semelhança grande com o playboy e compete com ele com vista à obtenção máxima do máximo número de mulheres, seja para reprodução, seja para mera diversão disposicional. Sim, como todo o amante, ele quer amar, mas única e exclusivamente amar, ele não quer que os outros amam, quer amar ele e só ele, decerto fazendo da inveja e impudícia uma forma de vingança antes o mundo que não o compreende, ante um mundo que lhe é adverso, porque em certo sentido ela sabe que todo o orgasmo é intelectual, é preguiçoso, não se alia ao militar facilmente, que vive do esforço e espíeiro de ordem e sacrifício, ainda que cumprindo ordens, neste sentido não tendo a mínima consciência poética. Assim, talvez o poeta não queria somente sexo e performance, como se julga, ele é um pouco hippie, mas não tanto, gosta de veredas secretas e do amor no sentido em que se sabe com o que vai contar. A musa é, para o poeta, portanto, a sua segurança física e, em certo sentido, espiritual. O corpo a que se agarra quando o seu desfalece e fraqueja. Nisto andamos, à volta disto. Talvez a existência humana nada mais seja do que produção de desejo e reprodução dos seres, como dizem os antropólogos, talvez mais nada nos faça tão felizes e ao mesmo tempo tão infelizes, enfrentando a aceitação e a rejeição, ainda que a sociedade seja uma montra desse género, um supermercado libidinal, ainda que o espírito romântico da coisa esteja totalmente espartilhado, despojado da carga, por exemplo, dos anos 80, da pop dos anos 80 e da *soap opera*. Assim, o desejo e o pecado não moram já ao lado, mas longe e o sujeito deseja *para longe*, além daquilo a que pode aspirar conseguir. Em certo sentido, isso é bom, aproxima as pessoas, mas causa demasiadas aspirações, demasiadas rejeições, a felicidade é um conceito fútil, ter e ter, o amor romântico como que parece enclausurado, arrumado no sentido ético da coisa, numa pasta de um designer, num canto de sala de uma arquitectura

alojada numa espaço citadino. Assim, o mais belo livro é aquele que se lê do fim para o princípio e se vai apagando, levando o leitor ao princípio das coisas, ao Nada. Assim, também a sociedade funciona para o autor de um modo mais ou menos perverso: priva-o do amor para que ele possa produzir genialmente a sua obra, sob sacrifício da sua vida social e afectiva; como que o torna num eunuco ao serviço das hostes imperiais da sociedade, como se fossem uma vítima sacrificial aos deuses que, no fundo, são a própria sociedade, nos seus elementos desordenadamente caóticos do quotidiano e das festividades. Assim, com que fim tal sacrifício? O autor farta-se do que lhe fazem, não é tanto a sociedade ou a ideia política de sociedade que está em causa, mas o seu sacrifício, que o priva de amor para dar amor a todo um conjunto de pessoas, estadas num qualquer circo romano...Assim também, de pouco vale ao autor ser antropólogo ou sociólogo; ele detém o conhecimento, mas, por via da sua ética profissional, não faz uso dele, em seu proveito e do seus grupo...Assim, o único caminho é fingir-se louco, conferir à sociedade que ele vê um tom lúdico que, em último sentido, a regenera e o regenera da falta do amor romântico, associado ao homem assalariado que chega cansado a casa ao fim da tarde, para cuidar dos seus filhos, dias e dias seguidos, não lhe apetecendo sequer fazer amor com a mulher, como se a reprodução fosse o maior dos encargos, o custo para conhecer e reconhecer o seu lugar, a sua instância, no seio das sociedade. Assim também, estamos numa era pós-porno, da saturação que em última análise conduz ao misticismo, à abstinência, por razão não só da economia libidinal mas também da economia política e doméstica. A anuência do espírito a tais cenários conduz a uma valorização da família enquanto conceito agregador (e mais alguma coisa) e da vida política, comunitária, enquanto missão. Assim, eis a volta do religioso, já que o erótico causa desordem e de algum modo é mergulho no magma do social, na coisa e no movimento originário, que fez o mundo e, desse modo, o corpo priva-se de afecto e desenvolve uma imagética que se planteia no espírito na ordem do homem simbólico. O sonho de qualquer antropólogo não é distinto do sonho de qualquer mortal aderente ao senso-comum: sempre sonhei em ter uma cidade por minha conta, em que pudesse escolher as mulheres e ser Rei; acho que todos passaram por

isso, de uma maneira mais consciente ou não. Ora, o antropólogo desenha um projecto bem distinto do poeta ou do literato: ele escolhe uma comunidade e leva por fim conhecê-la a fundo, como que abdicando da sua própria cultura, não exercendo funções de comando na organização social, mas como que tem ali uma alternativa ao desencanto face à sua sociedade, primeiro, e ao ocidente em geral (ao modo de vida ocidental) depois. A não ser que se dedique às esferas do alto status na sua própria sociedade, mas isso é já outra conversa. Ora, ele pode estudar a sua própria sociedade, mas vai escolher uma fríngia, uma grupo, de certo modo distinto em termos culturais do seu de origem, não só para (se/o) contradizer mas para afirmar um certo *modus vivendi*, uma certa *manière de voi, de penser*. Por estas e por outras, vou andando, para mim não é o fio da navalha, isto passa, este calor e esta vontade de ter alguém, vejo que a maior parte do lisboeta é pobre de espírito, na sua maioria não se importa com o resto do país, vê a cidade como um palco, uma rede armadilhada onde, para o seu rdil, pode trazer mulheres, às vezes, conforme o caso, homens. Não se preocupa com o resto do país, que é jogo, lanço, boa vida e mulheres, muitas mulheres, muitas ao mesmo tempo. Também eu quero mulheres e não me meto na vida deles, não sou, no fundo como eles, nem estou em meu território, por isso é que ando nervoso e me confundem com muita coisa, para além de chamarem nomes e vigiarem a minha vida de perto. Hoje, por exemplo, vários incêndios de grandes proporções fizeram 62 vítimas em redor de Pedrógão Grande. Chamaram um antropólogo? Um sociólogo? Não, juristas, engenheiros, guardas florestais, estão todos no mesmo saco, fazem todos parte do assunto, mas não resolvem nada. Isto enerva-me, porque morrem pessoas e às tantas sem saber porquê. Isto tem a ver não só com a relação do homem com a floresta, mas com a sua propriedade. A maior parte deles está no estrangeiro, outros vão para a praia, andando comprimidos em seus trabalhos o ano todo. Vou eu ajudar? Em quê? Nunca me disseram nada, quando vou lá só me tratam mal e chamam nomes, por aqui é igual, a mesma coisa. Não quero saber, eles é que ganham o dinheiro. Estou aqui em Lisboa e gostaria de fazer alguma coisa, mas não posso dizer nada, fazer nada, de certo modo envolto nas minhas filosofias e de certo modo não podendo

regressar às antropologias, porque principalmente não estou em relação com a academia. Isto enerva-me, porque podia de facto fazer qualquer coisa. Estranho país este, toda a gente se preocupa em fazer, fazer, engenheiros, gestores, arquitectos, advogados, tudo e mais alguma coisa, que acabam por nunca fazer nada, por nunca resolver o problema, quando eu sei que os antropólogos podiam fazer qualquer coisa e que ninguém os ouve, ou os consideram como malucos ou apenas defendem o seu próprio interesse. Quando as coisas acontecem, as televisões acedem a recolher todas as opiniões e mais algumas, a cobrir o assunto, mas ainda, não resolvem nada. Isto tudo depende da relação das pessoas com as florestas, mais das relações das pessoas com elas mesmas, e esta situação enerva-me deveras porque de algum modo estou impotente pela própria ignorância das pessoas. Se qualquer coisa de semelhante acontecer em Lisboa, vão andar todos à nora. No fundo, vão andar acupados, que é que maior parte deles gostam de andar, se resolver absolutamente coisa nenhuma. Mas ainda tenho fé, ainda estou aqui, ainda lutarei.

29

Notei, nesses dias, que a comunidade antropológica não existia, ou escondia-se no seu minimalismo por mim já conhecido, em certo sentido sabiam como melhorar a sociedade, tal como eu, mas escondia-me ou então, pior, os media não lhes davam importância. Era uma questão de poder. Não tinham consciência de que, mais tarde ou mais cedo, também iria acabar para eles e, de certo modo a comunidade filosófica andava ocupada com essa triste ideia, a do fim das coisas, para o sujeito,

indivíduo e a sociedade. Eu desistira de tentar explicar a minha falta relativa de sucesso entre as mulheres. Desisti também de me esforçar desmesuradamente para que acontecesse alguma coisa. Retomava as corridas e, embora me sentisse cansado ao levantar, sentia-me física e psiquicamente bem no final da tarde, no final do dia, ao ponto de estar sempre entretido, em casa ou fora dela. Assim, eu afastava-me de todas as tendências que podia enfraquecer o meu espírito e via inclusive no meu regimen celibatário, no meu jejum de quinze dias uma forma de me superar a mim mesmo e deixar de culpar os outros sobre aquilo que não tinha, me faltava ou que não conseguia fazer, pelo que tinha, na nova casa, uma oportunidade para realizar tudo aquilo que sempre me interessara: uma comunidade, mulheres bonitas, cultura, vida independente, trabalho, boa disposição e ausência de preocupações intelectuais. Tinha então, de falar um pouco mais sobre os meus pais e, porque não, dos meus irmãos, ensaiar um diálogo comigo mesmo naqueles dias de calor em que o país conheceu a maior tragédia florestal de que há memória, 63 mortos e bastantes feridos em vários fogos na região do Pedrógão Grande. Não tinha ido no fim de semana, nada de importante se passara comigo nesses dias, tentando conhecer alguém, talvez fosse mesmo "muito esquisito", mas sabia, de algum modo que, se pagasse uma tinha de ficar com ela para sempre, se a largasse, não podia ficar com tantas quando tinha agora: no pensamento, obviamente. Mas o sexo não é puramente cerebral? O toque, o tacto, não é cerebral? Não, não ia dar tudo ao mesmo, eu tinha essencialmente falta de namorar... Olhava para mim: estava cansado, fisicamente e cerebralmente, não só devido a esta mudança de casa mas a estas primeiros tempos de adaptação, a doença de que padecia grassava em mim e eu entendia para mim mesmo que, de alguma maneira, não era como os outros, era bastante menos reactivo e pensava demasiado nas coisas, nas pessoas, nas situações. Tal, se fosse uma desvantagem sob o ponto de vista social e outros, podia ser também, por outro lado, uma imensa vantagem: eu media o que fazia a todo o momento, julgava-me a mim mesmo e aos outros, ajuizava, de certo modo tinha um bom sentido da moral. Mas o que era isso face à importância de outras coisas, das coisas fundamentais? EU abandonar um pouco a filosofia, mas continuava a fazer

filosofia, a todo o instante e antropologia também, entendia que as pessoas não são reféns das suas etnias, que têm liberdade para saltar esses limites mentais, temporais e só a cidade, a convivência com uns e outros, proporciona isso mesmo, o convívio com a diferença acaba por, ao mesmo tempo, a ressaltar e anular, num processo de dupla hélice que se revela frutífero não só em termos da qualidade de vida das pessoas e da cidadania, bem como da felicidade que se pode extrair de momentos vários, de situações as mais variadas. Respondo a meia-dúzia de anúncios de emprego para Lisboa, ninguém me responde. Pode ser da idade, do excesso de habilitações ou motivos que não consigo descortinar, mas cada vez mais me convenço que devo manter-me na senda da escrita e nem sequer reclamar para mim o título de antropólogo, porque não estou efectivamente a exercer, nem me interessa, estou além, todo esse papo sobre a natureza humana, inclusivé do ponto de vista filosófico, está esgotado para mim. De quando em vez revejo e corrijo alguns erros na tese. Não sei se está passando o tempo, embora ela seja tudo menos circunstancial, datada, a meu ver tem um teor absolutamente intemporal, dado que não complica, nem usa palavras de sete e quinhentos e apresenta-se com uma simplicidade avassalador, que para muitos parece simplismo. Ao mesmo tempo, neste dias, recolho algumas impressões sobre a sedução, na rua e no metro, nos jardins, nos restaurantes e locais públicos. Tenho a meu favor ser um tipo modesto, que não é agrssivo a maior parte do tempo, sei estar onde estou, sou empático, todo um conjunto de características que fazem de mim um tipo simpático, que todos geralmente gostam, que na maior parte dos casos anda nas bocas do povo, mas que sofre por não amar, por ser tímido, por não seduzir e afinal de contas isso é o maior trunfo na vida social, ainda que não esteja dependente de um grupo para me afirmar, tenho essa protensão para o Outro, que me impele a estabelecer sempre novas e inauditas relações com outros seres. Não vivo do idêntico, não me procuro afirmar através de um grupo, o que em certo sentido seria, do ponto de vista do estabelecimento de relações nomeadamente sexuais, um trunfo, uma garantia de manter relações, mas não, não sou assim, sou único e singular e é pela unicidade e singularidade que me afirmo. Assim, pode parecer a muitas pessoas que tenho a

melhor das vidas e em certo sentido é bastante verdade. Mas é sempre assim, o carro do vizinho é sempre melhor que o meu. O certo é que não desejo o que os outros têm, nem sequer as suas mulheres. Serei santo? A ajuizar por estas bandas, talvez sim. Talvez não. Almejo uma vida como todos os outros, nunca se está satisfeito. E então tenho vivido numa grande tensão, inerente ao facto de estar só, ao hábito de carácter que me obriga a estar sempre ocupado, a fazer qualquer coisa (e neste momento é este livro), pelo facto de não ser autónomo economicamente, pela pressão do desejo, de estar com uma mulher, namorar, ainda que por estas bandas o estereótipo de macho não se enquadre no meu perfil. *Mutatis mutandis*, estou a meio caminho entre o másculo atlético e o intelectual megrinho e sumido (ou gordo espalha-brasas), remetido à escrita como ocupação, tenho mesmo por vezes medo de sair de casa, a verdade é que tenho enfrentado tudo isto sem ajudas de ninguém e não é fácil quando assim é. Se a vida é bastante dura para a maior parte das pessoas, que não sabem a felicidade que é ter alguém consigo quotidianamente, também o é para mim, que não tenho ninguém senão a família que está longe. Começo a perceber, finalmente, que as coisas e as vidas são tão gravemente dramáticas, que não quero ter ninguém...nunca se deve desistir, mas eu tiro umas férias disso mesmo, não insisto, não procuro mais, dizem alguns que "acontece", eu digo não faças por isso e vais ver o que te acontece. No entanto, estou no meio disso, procurando respirar a todo o momento.

30

O vizinho filósofo chateou-se com a mulher. Ou comigo. Passa um violador pela rua, parecido comigo, quer me quer sodomizar. Não sei onde isto vai ter, tenho fama de ser antropólogo, e sou-o de gema, mas parece que não ganho nada com isso, nem na academia nem na rua. Todos me admiram, é essa a palavra. Mas tenho uma vida de cão, retirada dos holofotes, num sentido de me ter de conformar sempre com as situações quando outros tiram proveito delas. Se sou antropólogo, estranha

profissão esta, que só dá chatices. Ao mesmo tempo, fugiram os personagens, está imenso calor, estou fumando menos, ontem no máximo das hipóteses, hoje, no mínimo, de manhã, comprei um maço, tenho cerca de dez, quadno não fumo sinto-me cansado, custa-me bastante mentalmente mas lembro-me que cada cigarro é um prego no caixão e então faço o sacrifício. Assim, de uma situação mais ou menos ficcional, prosaica, acabo por me debriçar sobre uma realidade que estou vivendo e, de certo modo, não só devido à minha solidão (o que é sempre relativo) avalizo o que me vai acontecendo neste espaço mais ou menos encantado, lembrando-me também da casita do jardim, lá em Leiria, locais onde me sinto em causa e sou profundamente feliz. De repente, agora no final do livro, deixei-me ir abaixo. Era difícil encontrar uma pessoa nas minhas condições, mesmo que eu não tivesse condições económicas para relações de grande alcance, tipo daquelas nas quais investimos fortemente sob o ponto de vista emocional. Mas, não fora sempre assim? Não tivera eu andado sempre na corda bamba, curto de dinheiro, o que acabou por ditar algum desalento senão nas amizades, pelo menos na abordagem às miúdas? De repente, tive vontade de dormir e nunca mais acordar. A felicidade que eu inventara estava oca. Pensei em ir às meninas, era fácil, sempre que recebia podia fazê-lo, muitos o faziam. Mas, por alguma razão que não sei descortinar, no âmbito do transcendente, perdi a vontade, deixei de alimentar fantasias eróticas na minha mente. Por uma vez, deixei de me importar e fui guiado pelas mãos do tempo que, dizem, tudo traz, tudo dá e tudo leva, tudo retira...No dia seguinte, escrevendo estas coisas, percebi que a nossa sociedade lusa é essencialmente canibal, portando um elemento essencialmente primitivo, que se reflectia nas artes e na maneira de conduzir os negócios. Visitei o meu primo numa localidade próxima e devo confessar que me senti especialmente bem em sua casa, vontando a lembrar referências diversas, familiares, de amizade. Grassava um calor estonteante pela cidade, ambulâncias rompiam pelas estreitas ruas para socorrer os mais velhos, asfixiados pelo calor, eu andava de um lado para o outro da casa, tentando esperar pela hora certa para sair, para ir ao centro comercial comprar uma rampa de skate e um próprio skate para o meu sobrinho, ainda falando dessas coisas, esgaziava-me

com as falas lá por fora, umas contra mim, outras a meu favor, outra nem sequer a propósito de mim, não me interessava aprofundar tudo isso, enquanto me preparava para um encontro com uma pessoa mais tarde, ao cair da tarde, num certo lugar. Pensava na literatura de Gonçalo M.Tavares, na de Mia Couto e outros, quem não vêm para o caso e reflectia sobre mim mesmo, sobre a importância de mim para mim mesmo e como isso me ajudava a ser porventura mais feliz, ainda que sem grandes holofotes sobre mim. Vivia a vida quase mesquinha do dia a dia, não procurava grandes atenções e, de certa maneira, alguma coisa podia estar acontecendo.

31

Assim mesmo, notei que algumas pessoas, alguns jovens, sobretudo, não tinham a mesma consciência da finitude que eu próprio, que oscilava entre o transe e a paranóia, o sintoma do frenético pensamento acerca das coisas e das pessoas. Naquele dia viajei um pouco na linha de Sintra e vi, de certo modo, o coração da humanidade daquela região bater em mim, num misto de espanto, medo, excitação e admiração. A televisão continuava a cobrir a tragédia de Pedrógão, eu não sabia se

havia de ficar aqui mais tempo se ir até lá acima, à terra, mas grassava sobre o meu espírito um sentimento de injustiça por não ter alguém com quem falar, alguém para amar. Os meus pensamentos era, assim também, virais para com os outros, pensava excessivamente no desejo na sua compleção, complicação, meu espírito não tinha descanso, nem em casa, sobretudo em casa. Estava em casa, atónito pela minha obsessão de conhecer alguém. Que problemas teria eu que não me tornasse atractivo? Decerto que não havia intelectuais no meu bairro, mas eu talvez não fosse um intelectual, um filósofo, um antropólogo, mas apenas um pensador. O meu pc havia ido abaixo, só tinha tempo suficiente para usar o processador de texto e acabar esta obra, talvez sim talvez não, enquanto jogava a virtualidade do mundo no meu território doméstico, sentindo-me tenso nas ruas de Lisboa, como se não fosse de cá, estranhando tudo e mais alguma coisa, até os amores, difíceis como o caracas, como se houvesse uma conspiração contra mim, que me impedisse de ter uma vida normal onde há afecto, carinho, diálogo e compreensão, enfim, o caminho do Bem que eu procurava sozinho trilhar. Claro que havia muito ganau invejoso por Lisboa. Também eu tinha inveja de certas coisas, de certas pessoas, também tentava ir à tv para ficar famoso e usar a fama em proveito próprio, com alguns, ou usá-la para objectivos políticos, ou de cidadania, coisa que eu também alimentava ter. Assim, eu não consegui sair de mim mesmo e das minhas coisas. Talvez tal condição-situação fosse brilhante do ponto de vista literário, numa modalidade de autobiografia. Mas eu ia mais longe: eu falava de mim porque de certa maneira reflectiam-se em mim coisas dos outros, coisas sociais e até culturais, sofria com o social e o que os outros, o próximo, o vizinho, era na medida do social, ou seja, procurava de certa maneira argumentar que não somente interessa o psicológico, mas também o social e, em última instância, o cultural e compreender esses domínios seria a melhor forma de tornar o homem num Ser melhor, mais plano, mais cabal, mais realizado. Dito de outro modo, eu não era adversário do psicológico, mas achava sobremaneira que este tem muito de social e, daí, de cultural. Assim, quando mais me tentava desligar da antropologia, mais ela se grudava em mim tal qual uma caraça na mente, no pensamento, tal qual as obsessões de que padecia.

Havia naquela situação, desde que começara este romance, qualquer coisa de estranho, da ordem da bruxaria ou coisa do género. Estaria eu sob o efeito de voodoo, bruxaria negra? O facto de ter tanto azar, tanto no trabalho como no amor devia-se a que causa, sim porque tinha de haver uma certa causa. Lisboa, para os naturais daqui era uma aldeia, eu não duvidava. Decerto que não estariam elas interessadas em mim, também nem sequer na minha escrita, ainda que eu me esforçasse como poucos, não tendo um incentivo para o que estava fazendo, um elogio...acredito que nem todas as pessoas estivessem passando mal e eu não alimentava ódio pela cidade onde vivia. Frequentemente, no metro, no autocarro, salta-me à consciência esta indignação de ninguém se referir a mim, se dirigir a mim, fosse pelo que fosse. A cidade talvez estivesse a crescer, talvez fosse mesmo uma megalópole, mas isso só me dava aso para que de alguma maneira, comandasse qualquer coisa, começasse a mandar e olhe o leitor que tinha bastante pé para isso. Assim, decidi ficar até final do mês, para ver do que ia dar. Era mais duro do que sempre fora, do que mesmo parecia ser. Eu sabia o que iria acontecer e disso percebia a profecia do meu falecido amigo Domingas: de tanto andar, de tanto e de todas as maneiras saber o que se passa nesta república, mesmo no final, quando não tivessem a quem recorrer, quando tivessem perdido a sua última esperança, sim, o governo, viriam ter comigo. Era isso que estava para acontecer. Estavam distraídos de mim e eu deles. No fim, quando estivessem todos no fundo e quisessem soluções, daqui a sei lá uns poucos anos, quando passasse esta febre de social liberdade, viriam ter comigo. Ou não. Mas se viessem, talvez lhe cortasse as esperanças, sendo legítimo levantar a questão de quem ama mais o país, o português nascido de pais portugueses ou aquele que se torna português no papel? É a mesma coisa que ver um qualquer objecto, ou a relaidade através de um objecto, por fora, por um lado, por dentro, por outro? Não sei, eu sentia as coisas da identidade nacional à minha maneira, como os meus irmãos, sentia-a como uma "coisa", com laços, um constructo onde todos estão, das maneiras mais variadas, ligados uns com os outros e mesmo aqueles que estão "soltos", desligados, têm sempre algum laço. Ou não, mesmo, poderia equacionar num ponto de vista filosófico...Ou seria, tudo isto, toda esta parangona de ideias,

uma mera situação individual, no sentido filosófico, sujeital? Não estaria eu, simples e brutalmente, ficando louco? Se sim, estava mais descansado, tiravam das minhas costas um peso insuportável, o peso do mundo. Se não, como poderia eu agir? O certo é que me ostracizava, não tinha acesso a emprego por estar reformado, pela idade, pelo excesso de habilitação (lá estou eu a carregar na mesma tecla), enfim, pelos mais variados motivos, incluindo o psicossomático, não podia trabalhar, quando na realidade PODIA, já que tinha apenas trinta por cento de incapacidade e estava em alguma forma de o fazer competentemente. Havia ali qualquer coisa de estranho, na estação do Oriente, nas miúdas que por lá passavam, no Saldanha, na Avenida de Liberdade, qualquer coisa que não sei bem explicar. Sim, e stava então ficando louco; mas não poderia aceitar essa ideia, sobretudo pelo facto de ter feito a tese e, chagado ao muro, ter voltado para trás, precisamente lhno de medo de enlouquecer, por via da filosofia. Sim, não me aventuraria tanto nem mais uma vez de coração tão aberto e durante bastante tempo, na sua maior parte sózinho. Terei eu perdido a objectividade que na filosofia também é necessária? O certo é que muita gente já falava de mim. Estaria a caminho da fama? Não vou dizer, mas até conferências sobre o narcisismo faziam: eu devia ter um tal élã que todos falavam de mim, de uma maneira ou de outra, mas a mim, directamente, nunca se dirigiam, especialmente elas. Não qeuriam compromisso? O certo é que decidi que mais filosofia num estado de solidão, nunca mais. Tinha de estar acompanhado. E, inteorrogo-me profundamente, seria isso filosofia? Não é esta o estado do derradeiro, das últimas interrogações, ou seja, obter respostas onde elas não existem evidentemente? Assim também, decidi continuar com a filosofia porque percebia que não estava numa caminho errado, muitos jovens se aproximavam de mim, precisavam de filosofia como se duma terapia dos tempos modernos se planteasse à sociedade, ela toda em transformação, de alto a baixo, da direita para a esquerad e diagonalmente... Uns diziam que estava certo, outros diziam que estava errado, que não era justo, a maior parte assentavam as suas argumentações em pressuposto e valores já existente, apenas faziam um trabalho de cosmética. Na realidade, o que é certo, o que é errado? Já não se sabia. Enquanto uns argumentava

sob a certeza (de estarem certos) outros, por estarem, segundo aqueles, nomeadamente os do poder económico, errados, nem sequer argumentavam. Eu não podai baixar os braços, tentava lutar da melhor maneira, sem fazer grande espanto, devidamente concentrado na minha argumentação genialmente cozinhada na minha mente brilhante... Mais ainda, ou muito me engano ou havia no nosso Portugal desse tempo um condicionamento do que se podia ou não dizer, sob pena não só de ser consurado socialmente, como de se vigiado e "posto na ordem" pela polícia. Enquanto alguns escritores diziam tudo o que lhes apetecia, como os humoristas de certa televisão, o que não censuro, outros viviam calado e não tinha "canal" para veicular as ideias. Para além da sangria social da era pós-troika, semelhante à dos emigrantes dos anos sessenta para França, Estados Unidos, Venezuela ou França (além da Alemanha, evidentemente), vivia-se numa cultura da situação, da cena, do espectáculo, que muitas das vezes alheava o espectador do real, não tendo, algumas vezes, correspondência no real, podendo ser considerado como "hiperrealidade" no sentido que lhe dá Lipovetski. Se muito me engano, por via dessa espectacularização da vida (humana, em todo o caso) do real social e generalização das virtualidades informáticas entre os jovens, nomeadamente, perdia-se liberdade de expressão, não que fosse apenas pela caça à palavra desgarrada e vociferada justamente por um cidadão indignado por parte de alguns media mais sensacionalistas. Eu sabia, referindo-me a mim mesmo, que havia estado demasiado atreito aos autores, escritores ou intelectuais e que há uns anos passados, havia descolado para uma obra pessoal e original, essa sensação de estar trilhando caminho novo, era única, eu sabia que tanto no sentido da literatura como da filosofia e antropologia, por que não dizer também da sociologia e da psicologia (nomeadamente a social), eu adiantara ideias bastante próprias e únicas e, sem poder e não tendo disso necessidade, abrira o caminho a muitos jovens, não só para que continuassem as suas pesquisas, mas também para que continuassem as minhas. Não era o mais dotado, mas sem dúvida que era o mais independente e trabalhador para realizar tal tarefa, nomeadamente dotando a filosofia de uma antropologia (filosófica) de cariz muito próprio. No nosso país, as boas ideias propagam-se como

o fogo no verão. Isso é bom, mas pode também ser mau, no sentido em que não passam do papel e que raramente são aplicadas no real, sendo que nascem muito bons projectos mas quer por falta de apoio quem por falta de empenho, acabam por fenecer. Por outro lado, nos amores, podia ter perdido a química...podia estar passando o tempo de acasalar, pelo que tinha de ter paciência, mas confesso que neste particular poucas pessoas eram tão emprenhadas quanto eu. A mulher para mim podia meramente não existir neste território, nesta orla atlântica. Podia ser. Quanto à química...não podia ser, pois eu sentia o desejo bastante forte. Estaria tornando-me esquisito? Estaria, dito de outra maneira, fora do contacto? Não, eu estava bem dentro do contexto, o certo é que havia feito umas diabruras e isso ainda se ressentia na minha imagem, quando, afinal, nem isso no amor é o mais importante... O facto de ter um traço de personalidade que me assemelhava a um bebé não podai, por outro lado, constituir, factor favorável? Estranah esta situação...teria de me tornar mais visível? O certo é que não estava muito longe do alvo, do "objectivo"; via uma e outra, desejava uma e outra e talvez a rua, pela sua gratuitidade, não fosseo melhor cenário, o melhor ambiente para acontecer qualquer coisa. Nuns dizem que não se programa, que não se força, que acontece, simplesmente. Ora, quando desejamos e estamos fazendo algo por isso, estaremos porventura a forçar? Forçar não é desejar, e desejar não é forçar? O que é forçar? Não forçar não é um termo de desleixo? Assim, eu conhecia-me um pouco melhor: a maior parte das vezes estava tenso e em certa medida imaginava não me sentir bem, não saber o que fazer ou o que dizer após o sexo. Seria então problema meu? Se sim, estava mais descansado...e descontraído.

32

Que utilidade tem afinal, a angústia? Podemos fazer algo de genial com a solidão? É o que todos fazem, todos procuram ser geniais, são poucos os que procuram ser normalmente geniais ou mesmo banais, cumprindo assim as suas tarefas sócio-profissionais diárias. Não me vejo ao espelho hoje. Estou satisfeito com o meu aspecto, para a idade e segundo o desgaste, correu bem. Afinal não sou narcisista, tenho vários defeitos, mas não sou narcisista, nem o mundo ocupa os meus pensamentos, diria até apenas que o pensamento ocupa o meu pensamento, e isso basta. Por outro lado, haverá para o insucesso, relativamente a uma tarefa ou outra,

alguma dose de influência do Outro? Será o indivíduo uma espécie de *bunker* existencial, vivencial, que não seja influenciado de alguma maneira pelos outros? Sempre os outros, o EU e os Outros, o Outros, sempre a mesma ladaíinha ou lengalenga, tracei tudo, com traças e escaravelhos, agora não oiço nada, os grilos e as cigarras calaram-se, espero o tempo, estou aqui comigo, desamparado, desaleijado, construindo uma explicação para a obrigação de cidadania em me deitar aqui a minutos e forçar o sono quando continuo forçando outras coisas, sob o pretexto de estar só, as coisas nuna são por demais evidentes, para além da realidade, mesmo um pensamento que cava fundo na dor de dentes, serei condenado por um pensamento ou não aguento masi carga do género e terei de me mudar? A solidão não é solidão, afinal estamos, ainda que mentalmente, com os outros, quando muito com nossos pensamentos e memórias, *pensées e memoires*, dizia alguém parecido comigo. A minha história chega a ser trágica, eu é que a encaro do modo mais cómico quanto posso. Sucesso, talvez não acredite nele, talvez não saiba ou não queira entender tal acontecimento, tal situação, quando talvez já tenha chegado, tenha acontecido e é mesmo o futuro, aberto, em minha direcção e eu andando, caminhando, com uma pedra na mão, na praia, para ele...ou ela, Deus pode ser uma *she*, como nos ensina a cultura hindu. A solidão não o é, talvez nunca, mesmo com ânsia física insuportável, estar no grupo será solidão? Assim, vivemos sós, mas fazemos tudo para estar em grupo, em comunhão ou orgia...estranho, não há a situação intermédia, não há qualquer coisa como uma paz moderada a nós mesmos, enquanto uns meditam, ou refelctem, outro agem, sendo que também no mesmo sujeito podem coincidir as duas realidades... Na realidade, naquele verão, o país estava não somente em Transe, portanto não era só comigo que acontecia tal fenómeno psicossomático, o país estava em estado de parto, a dar uma criança maravilhosa e enorme, não se sabe se menino se menina. Estas almas parturientes, como a minha, andavam de um lado para o outros, ensaiando jogos de amor e sedução, cumprido ou não cumprido e quanto mais me doía a falta de amor, eu continuava, grassava no meu espírito palavras e argumentos para afinal de contas continuar qualquer coisa que era não sei bem o quê, como uma escultura

sentimental, um quadro de senso-comum que me encantava, sobretudo a chance de poder voltar à vida "pública", ou seja, ao espaço onde se desenrola e planteia o que 'homem é em sociedade, com todas as suas críticas mais ou menos nefastas, desrazões e razões e elogios brutais, tudo isso pesado fazia o que era a vida social, a banalidade de ser, ter, conseguir e estar, finalmente. Assim, eu falava mais das minhas limitações do que dos meus méritos, mas também não me importava muito com isso, não me preocupava naqueles dias especialmente com a minha imagem, ou sim, preocupava-me, mas isso não me preocupava, bem como tentava investir numa meória longe em vez de uma memória curta, mais ou menos entre o *joyeuse* e a *coquetterie*. Meti conversa com uma moça, finalmente, à porta de casa, que estava fumando o seu cigarro. Tinha vivido em Arroios, como eu. Se ela se tivesse interessado por mim, perguntado alguma coisa por mim, pressenti, convidava-la-ia para um café. Fez-me lembrar absolutamente Mafalda, que em tempos conheci nas Olaias. A minha mente não descansava, estava frenético e frenético o meu espírito, estava acabando um livro que somente eu próprio daria garantia de publicação, pois não tinha contrato nem o pretendia mostrar tão cedo a ninguém, porém, sabia que enquanto antropólogo (pela última e derradeira vez) não podia chegar à nat, à superfície da literatura, tão cedo, devido talvez a essa *longue durée*.

33

Lembrara-me das palavras do Professor Carlos João ("você já fez o mestrado?") e de outras, em pleno facebook, dizendo que eu era um drogado ou coisa do género. Lembro-me também das palavras de Paulo Borges, dando tiradas mentais, ele que parecia dominar tudo e mais alguma coisa quando talvez estivesse apenas enclausurado num tempo metafísico onde ninguém mais habitava. Não gostam de mim, problema deles, mas hei-de acabar este livro e partir para dias de folia neste verão, ainda é tempo disso. Podia muito bem estar já dando aulas no ISCTE, na FCSH, na Clássica ou até na Católica. Recuso-me a aceitar que Lisboa é um mundo cão, eu

que tenho andado por lá sózinho, sem consolo, a fazer coisas que muita gente faz com muito consolo. Há uma dose grande de injustiça em tudo isto, bem como com as mulheres. Gozam-me por tudo e por nada, fazem críticas como se eu fosse algum papa, nem uma palavra amiga, ainda tenho de entusiasmar os outros, porque afinal a isso me impele o meu espírito. Não desisto, sei que estou a chegar perto de qualquer coisa que irá de certo modo legitimar o que tenho feito todos estes anos. A qualidade das coisa dá-me autoridade, o facto de ser injustiçado dá-me ainda mais autoridade, mas progrido ou descanso conforme o caso, de uma maneira ou de outra, produzindo, sempre produzindo qualquer coisa, pensamentos, reflexões avulsas, coisas e loisas diversas a propósito de um viver individual que é também colectivo. Cansado, mais do que cansado, mas nunca vencido. As coisas em Lisboa são esquisitas, mesmo lá em casa, queixo-me porque estou sózinho, porque se tivesse o amparo de uma instituição claro que isso não aconteceria, decerto ficaria calado, como os que estão à sombra das instituições, como muitos que agora me abstenho de dizer o nome. A maior parte das pessoas acha-se no direito de falar por tudo e por nada quando nem habilitação têm para isso, proferem comentários sobre tudo e mais laguma coisa. Para mim são saltimbancos de um saber que se perde ali perto, na esquina mais próxima. Diz-me a pequenita: "tu moras aqui, tu é que não sabes". Verdade, às tantas nem sei que tenho duas casas, dois estúdios em que posso trabalhar, ou seja, em tempo de guerra, embora se intensifiquem os laços entre as pessoas, por outra lado se enfraquecem e sobrevém o terror da alma humana, na alma humana. Estou a pensar em Auschwitz mas também no Darfur, nos quais evidentemente, as motivações e os agentes eram completamente diferente. Por isso, sempre defendi que devemos fazer o melhor possível em tempos de paz, sobretudo não sermos preguiçosos e desleixados, porque, assim como a vida pessoal e familiar se conduz sob determinada maneira, também a vida colectiva, que em parte é o somatório, num certo sentido psíquico, disso tudo, deve ser canalizada sobretudo para as boas artes, para as artes em geral, porque através delas se ilustra o espírito e se afinam as consciências, a consciência do Outro, que pode evidentemente trazer tensão, mas uma tensão produtiva, necessária, que colectivamente gera frutos. E até

descanso sensaborão. Sim, de repente está tudo bem, como está tudo mal, pões-te a pensar nas pessoas que não gostam de ti nos locais por onde andas, nas pessoas que não gostaram de ti nos locais por onde andaste, num esforço que fazes pelo social quando outros, que nem vêm a coisa tão bem como tu, facilmente conseguem os lugares, porque é que te lanças a dizer mal dos portugueses quando normalmente dizes bem, a vida é assim?, esta coisa sofrida que não leva a lado nenhum, essa maravilha para os artistas que não passam metade do que passas, para aqueles que conseguem os lugares e ainda te gozam, porque na sua maioria estão em grupos, grupos de interesse, conveniência e compadrio, apetece-te dizer mal de toda a gente, começas a ver as coisas ao contrário e então interrogas-te, não estás realmente mal, mal estão muitos outros, como tu estiveste há um tempo e conduzes a tua mente a não desistir, pois teu caminho é único, não visa agradar a ninguém nem sequer ao teu pai, ou seja, o teu caminho e perspectiva agrada a toda a gente, é feito para agradar a toda a gente e quem quiser gostar pois que goste, pois eu te digo que maravilhoso e único, singular o teu caminho e meritório ainda que não ganhes prémios ou lugares, isso é para eles, que precisam de esfregar a lâmpada para ela brilhar... Estas coisas das ciências sociais trazem eivadas consigo um grande manto de solidão, que o cientista destapa estrategicamente de modo a não ser insuportável, aceita gerar em si mesmo um filho fictício que é a vontade de criar, como se encarregasse o seu Alter-Ego de tratar dessa criança, nutri-la, educá-la, conferir-lhe independência de espírito. Normalmente, o escritor, pelo menos o ocidental e contemporâneo, só escreve quando se sente inspirado e o que o inspira é sempre a procura de um amor, de uma afectividade que não teve ou que perdeu. Quando isso não acontece, na sua formação, torna-se cientista social, com vista a desmontar e montar a sociedade quando bem entende, perceber e explicar os seus secretos mecanismos meramente psíquicos, porque, defendendo, toda a existência humana se resume à procura do conforto psíquico que a felicidade lhe dá. Mesmo o delinquente procura tudo isso, o conforto e o à-vontade psíquico que de alguma maneira perdeu. Ou, simplesmente, precisa de dinheiro para a droga ou para comer, nem mais, mas aí entram outras variáveis que eu não sei explicar, ou melhor, sei

mas não entro por aí, mas dizendo alguma coisa, sei que o aspirante a drogado procura também a felicidade, a sua essência pessoal, na *trip*, procura uma mulher, ou um homem, que o faça feliz, um outro ser que o faça sentir bem durante um certo período de tempo, sendo que antigamente isso seria mais frequente, mas seriam as pessoas realmente felizes, ainda que vivendo juntas durante tanto e tanto tempo? E, além do mais, o que é a felicidade? Um momento, uma construção, uma espera, uma ausência (de felicidade)? Ser-se-á hoje em dia mais feliz só porque se tem uma carreira e objectivos profissionais atingidos, só porque se tem o carro topo de gama, uma bela casa, filhos bem-sucedidos? Talvez, é-se mais feliz, sem dúvida, mas o espírito procura sempre mais e quando combinado com o corpo, a busca torna-se incessante e insaciável... Assim, percebia, ao longo dos dias, que a maior parte daqueles que me rodeavam estava mais loucos do que eu, mais obcecados com o perfeccionismo, nas relações e em si mesmo, do que eu, inclusivé muitos não desistiam de viver uma vida obcecada com o sucesso, entusiasmados, quando em si nem uma pontinha de reflexão tinha, isto, esta obra não é propriamente uma apologia de mim mesmo, já produzi coisas bastante "alteradas", ficcionadas o bastante, aliás, tenho andado a produzir todo este tempo e não passo cartucho a ninguém e talvez deva ser mesmo assim, enquanto que a maior parte dos meus confrades, que nem conheço pessoalmente, estão entretidas com alguma espécie de delírio, filosófico e intelectual, individual ou grupal, livre ou associado, que a mim, sinceramente, não me importa em nada, pois estou essencialmente tentando viver, a escrita é para mim já qualquer coisa de secundária, de acessório, já foi profissional, agora é como uma descarga psíquica que preciso de efectuar para me sentir útil e bem, enfim, há poucos que se podem dar a esse luxo. Em relação às miúdas, por exemplo, muitos investem na mais elegante, talvez não seja a mais esperta ou inteligente, mas investem, ora para fazer inveja, ora para as ostentar como prémio, eu não percebo isso, porque as boas sempre me escaparam pelo facto de eu concluir sumariamente que eram burras e não queriam um tipo para conversar normalmente, namorar, estar, apenas queriam um chulo ou um capitalista para as trips. Mas como eu, em Lisboa como aqui por cima, não dou o

braço a torçer, nem embarco em gajas fáceis, isso me confunde bastante, acabo por ficar orgulhosamente só... E então, embora assediado e rodeado de mulheres, completamente só quanto à mera posse corporal e espiritual. Tinha a ideia quase certa de que tudo isto iria assentar, o Transe se converteria em apaziguadora e calma realidade, mas não era garantido, a paz de espírito naqueles tempos conturbados de desenvolvimento económico e humano em Portugal era com um luxo, uma coisa rara, talvez qualquer coisa do âmbito do americano, tinha de se construir ao longo dos anos. Os americanos começavam a aparecer em Portugal e enfim o nosso país começava sendo mais conhecido lá fora, não só pela razão de sempre, as Descobertas (Achamentos), mas também pelo vinho, pelo turismo, pelo desporto e pela cultura. Isso enchia-me de ardor de fazer coisas e mais coisas e os meus projectos pessoais aumentava de escala, envolvia-me de novo no projecto de Lisboa Consigo e deixava-me, por enquanto, de lirismos. O lirismo parecia sair definitivamente da minha vida, à medida que procurava vivê-la de modo mais saudável fumando menos, fazendo algum desporto, estando com os amigos. Estava no cenário ideal para ser feliz e tal acontecia mesmo de verdade, testemunha disso o à-vontade com estava pensando e discernindo a proósito de várias ideias que me ocorriam, o simples chilrear dos pássaros em redor de mim mesmo. O meu transe não terminara; desta vez lembrava-me com encontro com Cristina e revia mentalmente essas sensações selvagens de que nos ocupámos da primeira vez que nos havíamos encontrado, fizéramos toda uma pléide de posições e entregas mútuas encimadas por êxtases singulares e duplos. Eu estava com saudades dela e queria repetir. Ela engordara bastante mais desde a primeira vez que nos encontrámos, tinha ainda os seios bonitos e uma bela passarinha ruiva, que eu adorava campear, enquanto eu fora servido pelas mais diversas delícias da sua boca e dos seus seios, de suas pernas e de suas mão hábeis e andrajosas. Queria repetir, é claro que não era a mulher da minha vida, mas gostava dela, embora sabendo que ela não gostara completamente de mim, mas não sabia se havia mudado de opinião desde a última vez, é certo que sim, pois voltara-me, face às minhas solicitações a contactar. Via a minha mente entretida com tais jogos e tinha bastante ansiedade

ao senti-los e nesses dias fiquei bastante ocupado com as sensações dos nossos encontros e jogos íntimos. Eu desistira de poder abarcar tudo o que acontecia naqueles dias, mas de certo modo o que me acontecia era de certo modo o que acontecia, pelo que decidi avançar em meus pensamentos para um projecção do que podia ou não fazer quotidianamente em Lisboa em termos de projectos intelectuais e científicos, em termos laborais, pretendendo garantir obviamente ainda um salário, pretendendo ter alguém a morar comigo, mesmo sob hipoteca de um espaço de criação que, por um lado me mantinha ocupado, pelo outro me dava a responsabilidade de campear sozinho diversas zonas mentais, sentimentais e sociais de que me ocupava nesses dias e que iam acontecendo ao meu redor, de uma maneira ou de outra.

34

"A linguagem é um vírus", dizia Laurie Anderson na sua canção, mas também o pensamento, associativo ou não, é um vírus, que umas vezes tem zonas de descanso, de ocultamento, fechamento, reflexão, outras abre-se tanto como uma flor ampla e bela, como se urtado de um regime diurno numa plétora de beleza e estriamento. O sentimento é isso mesmo, não pede para nascer, acaba por se representar a ele próprio em seu sentido pleno, em seu enchimento da realidade que o circunda. Nisto sigo um pouco Deleuze, mas também inúmeros teóricos que dizem que o

pensamento é imbatível, que não se pode trair e quanto mais cumprimentos e prisões que lhes pomos, sob nossa mentalidade ultrapassada, na maior parte das vezes não está ultrapassada mas nada progride, acabando por ditar o fechamento total do Se em Si Mesmo ou noutra qualquer coisa que nem sequer é, neste sentido é um Não-Ser, ou seja está morto por dentro e apenas o corpo o ampara, o adia, até que se pode revelar um dia mais tarde, com menos constância do que amplitude, correndo o risco de cair em desordem, de se entregar ao exclusivo da não quotidianidade, que é o regime de abertura moderada e regulada da maior parte dos seres. Vida afinal é sinónimo de etologia e moral, de submissão e dominação, à vez ou para sempre, sendo que socialmente a sociedade não aguenta a submissão, seja ela política e moral, durante muito tempo, mas as relações são também feitas de poder psíquico (todo o poder físico é, na realidade, poder psíquico, proveniente da imagem da força exercida, o poder físico pode ser um poder de brutalidade agressiva que se torna doentia, veja-se no caso da violência doméstica, em que há uma combinação latente e quotidiana em termos de dominação psíquica, psicológica e física, normalmente por parte do homem, em que a sociedade é por vezes testemunha da velhacaria de manter relações de fidelização de parceiros mesmo que não estejam realmente vivas, a bem dizer, para inglês ver. Isso nunca me aconteceu, porque de certa maneira, não sou o típico macho-alfa zangado. É claro que zangado sou macho e tal faz-me ter vontade de cobrir fêmeas, mas não insisto, não vale a pena, estaria desgastando-me todo o tempo talvez em nome da espécie mas na realidade em função de nada verdadeiramente válido para a minha pessoa. Depois, tomamos um assunto para reflexão, tendo em vista escrever sobre isso. Ou outras vezes somos surpreendidos por uma grande ideia, por aqui que precisamente naquele momento estamos a pensar. E escrevêmo-lo. A amizade, por exemplo, torna-se mais rara à medida que avançamos no tempo biográfico. Deixamos de investir em amizades antigas e fazemos outras, novas. Os verdadeiros amizade, como o amor, são aqueles que exigem, não os lassos e preguiçosos. O sentimento de solidão, por outro lado, pode aguçar em nosso espírito uma criatividade inaudita e andamos a maior parte do tempo, os personagens do

romance, as ideias do argumento, tonram-se nossos amigos e com eles convivemo durante o dia e muitas das vezes dormimos com eles. Penso em Cristina e tenho uma grande dor de barriga e tenho de ir à casa de banho. Vem tudo de uma vez, de seguida, como um bicho maldoso que retiro do interior do corpo. Não sei bem o que escrever até acabar esta obra, embora me vá lembrando de uma coisa o outra, sem pressionar. A pequena Matilde diz num esgar sob a sombra "não quero morrer" ao que eu lhe respondo "ninguém quer querida, ninguém quer", para a tranquilizar, como se lhe quisesse dizer que o mal é de todos, o bem é de todos, o que me conduz à ideia de que nem todos, muito poucos mesmo têm essa ideia de finitude em seus corações, porque se tivesse agiriam de outro modo. Por outro lado, essa ideia de finitude pode catapultá-los para certas e determinadas acções, de carácter maligno ou benigno, não sei ao centro, como se fosse uma fuga para a frente em toda e qualquer coisa que façam. Por vezes olho para certos burros que vêm em mim um gay, assumido ou não, eu vejo mais um bebé de que todos gostam, um homem que tem fases como todos, umas boas outras más, mas a estupidez humana e a veiculação para o outros de frustrações próprias é o que mais acontece por aqui entre nós, quem tem culpa é sempre o vizinho, nunca sou eu mesmo, isso revela uma pobreza de espírito que até assusta ou mesmo nos torna indiferentes a essas pessoas. Estas coisas da boca do mundo, a que o escritor tem de estar sempre preparado, pois lida com o *vox populi*, são do pior que há para a reputação de uma pessoa e deve-se apreciar a coragem quem faz literatura confessional, como eu, ao contrário de quem se cola nos outros (autores), de quem vive num enredo que nada tem a ver com a sua vida ou mesmo aquele que faz uma antropologia que nada tem de sua intervenção biográfica. Poucos fazem literatura no presente e na primeira pessoa, a maior parte esconde-se atrás de uma capa ou um biombo para poder realizar na sombra e devidamente as suas fantasias. Assim, aqui, como em muitos outros campos, há falta de coragem para certas coisas, narrativas ou científicas. Assim, continuava tentando fazer sentido sobre a minha sociedade, enquanto por vezes nenhum sentido fazia e talvez fosse esse o meu mal mental, tentar fazer sentido de tudo, através de palavras, inclusivé das próprias palavras, ou talvez fosse

o meu único e grande mérito enquanto sentia que os pequenitos absorviam tudo o que eu era e sentia, ou seja, estavam num processo de formação da sua mente e personalidade, levando para o interior do seu pensamento aquilo que apreendiam os adultos. Daí a responsabilidade da tarefa educativa e a necessidade de viver uma juventude plena para talvez ter uma idade adulta plena. Por vezes interrogo-me se precisarei de algum contacto com a psicologia e a psiquiatria, se, tendo a oportunidade, a filosofia e a minha própria ficção, não acabarão por resolver todos os problemas que se me deparam pelo caminho e inclusivé a judar os outros. O certo é que algumas vezes não tenho confiança em mim, nos meus propósitos e aspirações, mas quando tal acontece, deveremos ir logo a correr para um médico, que, na maior parte dos casos, nos dará comprimidos e afinal poucos conselhos práticos, tal como psicólogo. Acredito que muitos males do espírito provêm do trabalho da falta dele, mas que não o tem pode-se dedicar às mais variadas actividades para, afinal é disso que se trata, entreter, entretecer, o espírito. Actualmente, vive-se num tempo de selvajaria social em termos da sexualidade. Todos fazem com todos, numa palavra, todos acedem a esse magma social e os media fazem mexericos por tudo e por nada, pois a sociedade ainda é de certo modo conservadora quanto à imagem pública das relações. Uns cedem, outros resistem, e aí está em grande parte o segredo do sucesso, profissional e pessoal, nos termos da sociedade em que vivemos e das energias psíquicas de cada um, que ora se desgastam e acabam ora se renovam e revigoram.

35

A morte, dizem alguns filósofos, é um estado de espírito. Como uma luz que se apaga e acende conforme a disposição, diria. A solidão é um pouco isso mesmo também. Estamos jogados num certo estado de espírito, mergulhados na sombria metástese do mesmo, do idêntico, do excesso de identidade até que julgamos estar noutra lugar, num bar (eterno que é a vida), procurando sermos seduzidos e seduzir. A vida, para mim é esse bar em que começamos a conhecer o outro e acabamos na cama; sós ou acompanhados. Parece que dramaticamente é assim, definindo ou não

Vida. Assim, nesse jogo de seduções, procuramos ser nós mesmos, pois só isso nos garante de sermos/termos **connosco**. Aquilo que denomino Lógica das Compensações Fortuitas, na minha tese, tem a ver com o que o sujeito perde e ganha, mais à frente, na vida social. Ora, há dois factores, estranhos a esta lógica, que por vezes a anulam, anulam o seu efeito, seja a doença e as virtualidades da economia. O sujeito, anulado pela doença, pode julgar que está tudo perdido, mas aí encontra novas oportunidades mesmo através do usufruto do seu sentido de finitude. O mundo e suas manifestações biológicas individuais, como eu mesmo enquanto indivíduo, reduz-se ao carácter de rizoma, enunciado devidamente por Deleuze. Além do mais, a ecologia do espírito de Guattari vem acertar esta perspectiva, ou seja, desenhando uma ecologia do espírito que reorganiza o real, que nunca é o que está anunciando além da mente, ou seja é o resultado da mente enunciando a si mesma razões e justificações de sentido. Tudo parece, em termos de consolo, reduzir-se a um acidente natural, ou seja, a uma sucessão de factos que iria fatalmente suceder-se, quer o sujeito queira quer não, por mais voltas na mente ou fisicamente sobre si mesmo e os outros, efectue. Esta visão tem algo de teatral, por vezes o sujeito, nesse bar, usa uma máscara que protege a sua identidade (social? Existencial?); ora, somos personagens na tela do real, com destinos mais ou menos trágicos, mais ou menos políticos, mais ou menos económicos ou fantasmagóricos. Todos temos um tempo e aquele que o nega, esse destino do tempo e tempo do destino, parece estar redundantemente errado...

Assim, enquanto uns têm uma consciência acertada da sua limitação enquanto humano, que radica no reconhecimento da essência da finitude, outros parecem pólipos andando de nenúfar em nenúfar, fazendo mais ou menos inveja uns aos outros, de modo a competir, em termos de animais que são. Enquanto uns são animais, outros são plantas...enquanto uns vão dar de comer a bichos diversos como os insectos, outros vão *apodrecer* divinamente na terra, dando origem a outras plantas. Vejo a civilização japonesa actual essencialmente como uma civilização das plantas, é impossível deter uma planta de crescer e de se geometrizar no espaço, ela não para, cresce naturalmente, digamos assim, sem que nada a impeça, precisando

de pouco para tal, enquanto o animal, mamífero, tudo faz e a todos os artifícios recorre para se desenvolver. Assim, estamos por entre o fim de uma era da contundência, própria do cinema dos anos 80, e uma época do estriamento, rasgamento, da realidade. A americanização global ajudou a isto, como um destino colectivo, misturado nas realidades sociais concretas de cada nação. O mito americano venceu porque há nele algo de fundamentalmente humano, a saber, a iniciativa individual (*entrepreneurship*), competição entre machos e entre fêmeas, sucesso profissional e pessoal, realização amorosa. O espírito humano, seguindo o que dizia Claude Lévi-Strauss, é isso mesmo em todos os sentidos, o desejo humano é isso mesmo em todos os sentidos, qualquer coisa da ordem do homo *symbolicus*, que se evade de si mesmo, do seu ensimesmamento, para se jogar no mundo social, como se fosse um adolescente assustado pela descoberta quase académica do mundo, diria Le-Breton. Outrora foram os descobridores portugueses e espanhóis, hoje são os americanos, somos todos americanos, nos carros que usamos nas atitudes que temos perante a vida e também no desalento que nos assuta a alma e a revoluciona de modo a ir, como protozoário antigo ou espermatozóide, ao encontro do nosso destino, da nossa realização, da nossa finitude, transformando-a em qualquer coisa de sobretauralizado e essencialmente transformador, replicador da essência de cada um. Nesse sentido, a vida é uma corrida, de casa para o trabalho, e em termos de longevidade natural, ou seja, corremos de um lado para o outro desde que nascemos até que morremos, ainda que estejamos parados, em regime zen, corre o pensamento sob a cabeça, corre o corpo sobre a cabeça, a cabeça sobre os ombros, de modo a realizar um destino individual, de modo a progredir potência interno do que somos em direcção ao Nada para o lhenar de sentido e fazer esplendorosamente como a mais bela flor da nossa representatividade existencial. A sedução é isso mesmo, fingirmos como o poeta que somos nós mesmos enquanto Outro ou mesmo, melhor dizendo, Outro enquanto nós mesmos, desvelando para o amor, físico, espiritual, o magma que somos porque deles partilhamos em essência, do fundo dos tempos que somos, quer queiramos quer não, mesmo que neguemos por via da máscara no teatro da realidade transmutada em cenário apocalíptico-

natural numa dimensão ecológico-existencial. Sarte, no seu sentido de espartilhamento da realidade, da realidade de sentido espartilho, está uma vez mais actual, até porque se mantém na nossa sociedade um sentido reivindicativo não só das identidades étnicas e nacionais na esfera público-política, mas porque a própria percepção foi renovada nesse sentido, incluindo um elemento de fé que, muitas vezes, faz andar mutia mais o mundo do que a própria ciência, seja ela social, seja ela exacta ou física. Deus, defendendo, está actual e representa uma bitola importante para o Homem no seu caminho à beira-mar plantado, ou não, no enclave da memória que reescreve o destino e o entrega como uma dádiva (Marcel Mauss) de modo a que o homem dele faça **uso**, usufruto, guardião e guardida.

36

Assim, a mente, debruçada sobre si mesma, elocubra sentidos, razões e sensações que têm aver com o Outro, seja masculino, seja feminino, que radicam quer na aproximação extática e distante dos corpos bem como na memória da infância, altura em que a mente fantasiava (Vigotski) e preparava o corpo para as relações laborais, profissionais, amorosas, treinando-se a si mesma e ao mesmo tempo estabelecendo-se enquanto pólo da ligação com outras mentes circunstanciais (Derrida, via F. Bernardo). Nesse sentido, digo e reafirmo que o

homo symbolicus é como que uma árvore, tem seus ramos e dá seus frutos, daí o vegetal dos orientais, nomeadamente japoneses, ligando-se ao espaço em redor e preenchendo o cenário de um espaço natural, naturalizado, essencializado, que chama a si mesmo o caminho de floresta (Heidegger) e qualquer coisa da ordem da fenomenologia (certo Husserl), no sentido e que esse homem, procurando ou não sentido num lógica interna, que sempre refelcte uma lógica externa, nem que seja das Compensações Fortuitas, podia ser também uma Lógica Simbólica (Elias, Bourdieu). Assim, o sujeito, fazendo ou não sentido, fazendo ou não lógica (será que faz sempre lógica, no reverso da relação entre consciente e inconsciente?), vai absorvendo dados do real, tropeçando, falando(-se), calando(-se), mas faz sempre alguma lógica sobre o sentido de Si, do Mundo, de Si Mesmo na inserção ilógica de Si no Mundo. Há uma componente sociológica em todo este processo, como há um sentido médico, psiquiátrico, de cuidado (Hans Jonas), em toda esta relação do eu com o Mundo, do Eu no Mundo dos Outros... O papel da linguagem é, aqui essencial. Enquanto num conto, numa narração simbólica e romântica, estão essencialmente em causa sentimentos, divergentes, agressivos, meigos, na filosofia está a crua palavra do pensamento das coisas últimas, depois de estarmos uns com outros, depois de estarmos connosco mesmo superficial-mente. Por ser da ordem das coisas últimas, a filosofia tem esse carácter de inutil-idade e de permanente, de final porque respeitante às coisas permentente, logo in-úteis e finais. Assim, a mente decompõe a realidade em mil pedaços, ou para analisar ou para jogar com ela, brincar com ela, na ordem do simbólico, o que envolve muitas vezes uma agressividade louca e desrazoada com a qual nem sempre a filosofia, os filósofos, mais propriamente, sabem lidar. Mas a realidade está aí, patente tanto aos olhos do filósofo como do actor (social) comum, guiado pelo senso-comum e sua experiência (em certo sentido antropológica) das coisa, das pessoas, das ideias. Sim, o filósofo nem sempre sabe lidar com a loucura, que pode ser a sua, ou não, ele pretende deslindar sempre qualquer coisa por resultado da reflexa, partilhada ou a sós. A filosofia é uma tarefa de abandono, a si mesmo, de abandono, dos outros, de entrega ao Mundo das Interrogações (*Alice no País das Maravilhas*), de despojamento do

temporal sem o pôr em causa, vontando a ele sempre que necessário, para comer, ora, rezar, amar, como no filme. Mas porque não reza o filósofo? Querirá ele substituir-se a Deus, não lhe entregando de mão-beijada os seus pensamentos? Será concorrente do próprio Deus na Terra dos Homens (Saint-Éxupéry), ou haverá lugar para os dois. E Deus não é sequer um dos "os", o será, terá Heidegger acabado com Deus sem se ter sequer disso dado conta? Sim, porque o homem que refelcte é de certo modo mal visto entre nós, ou porque não faz nada que se veja (aí está, o instinto filosófico sempre ligado, como preconceito arreigado na própria mente do filósofo através dos tempos), e nisto o filósofo tem imensa culpa, porque ao dar valor à visão (A Coruja, o Mocho), como que inverte aquilo que os outros consideram dele, ou seja, o homem do senso-comum dá valor ao visível, o filósofo não, mas por outro lado também dá, posição interessantemente dúbia. Ora, tal como o homem do senso-comu e já agora o antropólogo, é tempo de a filosofia dar mais valor (que propriamente apenas à visão, ao visível e ao invisível) aos outros sentidos, como o tacto, através do qual se transmitem sensações eróticas que são simultaneamente sensações de pertença e espartilhaemnto, disseminação (Derrida) do Ser, como a audição e como o olfacto, notava numa das suas aulas, depois de ter feito trabalho de campo no Gujarat, na Índia, a Professora Rosa Perez. Será antropomorfismo defender esta ciompeltude dos sentidos? Não será, por outro lado, reconhecer e assinalar que o mal-estar da nossa civilização advirá do facto de ser essencialmente uma civilização do olhar, e logo do conceptual, do que tem de ser dito e fruido, o terceiro olho, o olho da mente (Agamben), presente na maior parte da herança histórica de todas as civilizações, actuais e antigas? Nãoe staremos a esconder, jogando para trás, os outros sentidos do homem e com isso a própria humanidade (das coisas, das experiências) para trás das costas, colocando em nós uma grande máscara que raramente se tira, a não ser na noite dos tempos? Está aqui em causa o que julgo ser a estratificação "sagrada" em que se plantea o Mundo ante o indivíduo: coisas, pessoas, ideias. Além disso, através dos sentidos, o tacto e o paladar, parecem-me ser devidamente importante e sobremaneira ligados à aventura humana da viagem (física), diferente da viagem existencial a que

normalmente está associada a filosofia, que nasce de um esforço racional, de uma percepção intelectualizada sob o mundo. Ou não, terá já a filosofia em conta os sentidos e a viagem? Muito teria a antropologia a aprender com a filosofia e vice-versa. Por isso defendo uma antropologia filosófica, uma fronteira de comunicação entre as duas que não limite os filósofos a ver a antropologia (social, cultural) como uma mera reflexão sobre a identidade cultural e a culturalidade. Claro que há mais sobre o sujeito do que uma reflexão sobre a sua origem étnica, ele nem sempre está condicionado ao seu papel social na comunidade, há criatividade nesta peça de teatro trágico-cômico. A filosofia, ou os filósofos, na sua maior parte, desconfiam que a antropologia não é só uma história sobre povos, comunidades. É uma experiência de inserção no humano, logo no Mundo, dos homens e dos deuses, ou seja, as culturas são texto e só este aspecto a aproxima da filosofia. Eu, por exemplo, não sei praticamente nada, nem sequer dentro do meu próprio país e tanto faço antropologia como filosofia, à minha maneira, como sendo algo de novo para mim no qual me empenho. Esta maneira de ver as coisas, o tamanho, a dimensão, tem muito a ver com o cérebro percebe as coisas, como um magma magnânimo, tudo à grande, mesmo que alguém diga que "small is beautiful" e a mente da mulher está feita nessa medida, no sentido do enchimento dela mesmo enquanto receptáculo de algo grande, seja um órgão sexual ou um conjunto de boas ideias. Resumindo, será a eterna questão do dote transformada na nossa moderna sociedade como prestígio social, profissional, mediático? Não caminhará humanidade para algo que não é inteiramente novo, não serão as leis as mesmas que sempre, leis de atracção e repulsão, não caminhará, como nós mesmo caminhamos, para o ensimesmamento e consequente implosão de si mesma? Não esatremos comprometer o que de mais essencial, ainda que não essencializado, na nossa mente colectiva, que é a transmissão de saber aos mais pequenos, desprezando a forma como o fazemos?

As coisas da memória dependem em muito do valor que lhes damos. O trabalho, o vínculo a um lugar ou equipa de trabalho onde nos deslocamos quotidianamente, ajuda a dar **valor** ético à nossa existência, para mais se sentimos algum tipo de

experiência mística ou religiosa. No casal religioso, que pode ser feliz, o amor é sublimado de maneira mais ou menos original, mais ou menos consentânea com o que o agente, actor social, quer do seu futuro. Por isso, a falta de trabalho pode gerar desorientação no homem e trava-se toda uma luta entre aqueles que defendem a abolição do trabalho e aqueles que insistem na sua manutenção. O trabalho não só liberta o homem, como o dignifica, vincula o sujeito a um grupo ou sociedade maior e imprime-lhe um sentido do dever. Mas, afinal, o que é o trabalho? A arte pode ser considerado trabalho ou é meramente fruto e actividade de devaneio e lazer? Com o trabalho, o agente tem sempre um ou uma companheira, quando está muito tempo sem trabalho tende inclusivamente a levar a sua sexualidade para outros campos, como se tivesse pressa de ver, de viver e procurasse as emoções fortes que (a falta de) o trabalho nunca lhe deu. Um juventude reprimida, por carácter, personalidade ou pelo meio, pode ajudar a criar tal mentalidade orgiaca.

37

Quando o carro tem o motor gripado, o romance acaba por perder o seu brilho, de modo que andamos todos, de um modo ou de outro, puxando por esse brilho que sempre foge nas nossas vidas, como se fosse o brilho dos nossos próprios olhos. A aventura de Tiago terminou, rebentou, quer dizer, encontrou o amor da sua vida, o que lhe permite a aquisição de um ponto de fuga na realidade, social e espectral. É agora feliz com uma pessoa que merece, como ele, ser feliz, o transe, portanto, terminou, nada mais há a dizer, quer do autor desta narrativa quer das personagens

envolvidas. Tiago percebeu que o intelectualismo o estava a matar e talvez viesse, ou não a encontrar masi tarde outras mulheres interessantes, a vida dá muita volta e naqueles tempo todos estavamos mais ou menos possuídos, nem que fosse naquele verão particular, pela coisa da vida, o vírus da vida em todas as suas mais ínfimas e amplas manifestações, mas queria ficar por ali, pelo menos por uns dias, estar com Clelia e dizer-lhe "gosto de ti" vou ficar por aqui...